



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro Biomédico

Faculdade de Enfermagem

Elaine Lutz Martins

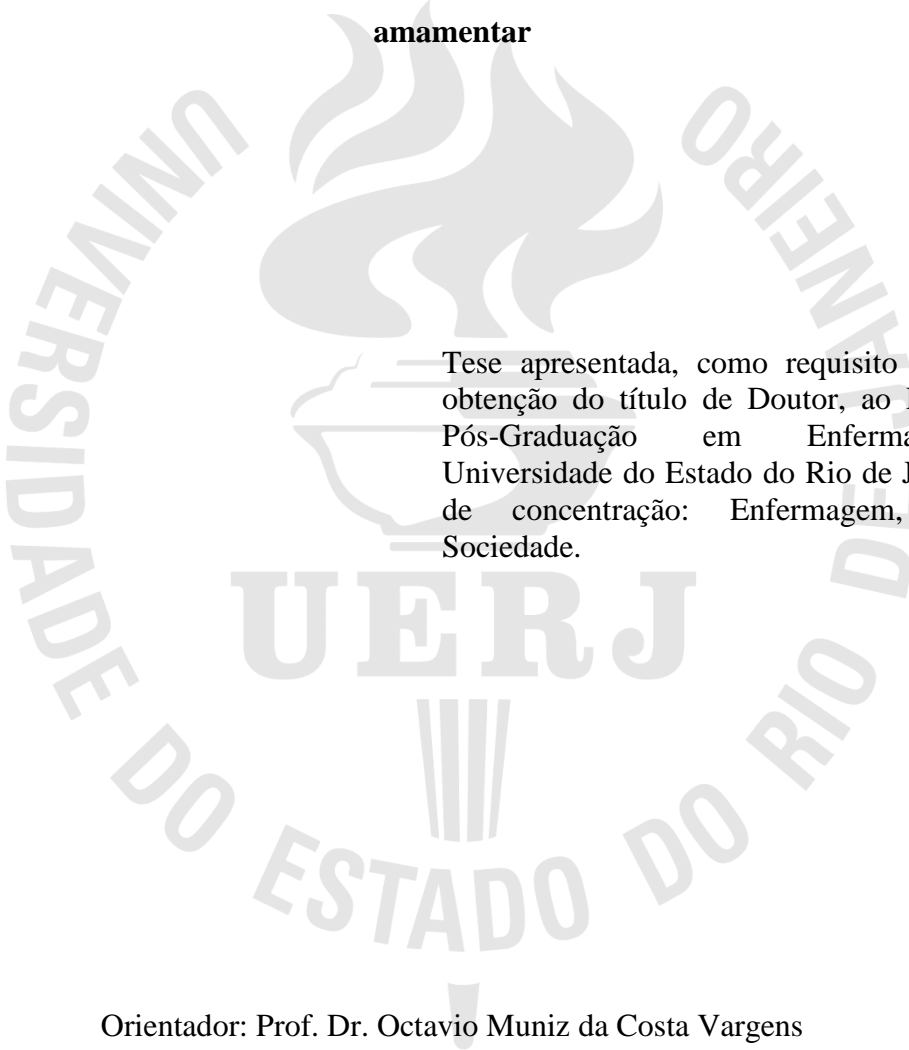
**Agregando novos sentidos ao ser mulher a partir da vivência da excitação
sexual ao amamentar**

Rio de Janeiro

2021

Elaine Lutz Martins

Agregando novos sentidos ao ser mulher a partir da vivência da excitação sexual ao amamentar



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Enfermagem, Saúde e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Octavio Muniz da Costa Vargens

Rio de Janeiro

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CBB

M379 Martins, Elaine Lutz.
Agregando novos sentidos ao ser mulher a partir da vivência da
excitação sexual ao amamentar / Elaine Lutz Martins. – 2021.
115 f.

Orientador: Octavio Muniz da Costa Vargens.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Faculdade de Enfermagem.

1. Sexualidade. 2. Aleitamento materno. 3. Excitação sexual. 4. Saúde
da Mulher. 5. Enfermagem. I. Vargens, Octavio Muniz da Costa. II.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Enfermagem. III.
Título.

CDU
614.253.5

Diana Amado B. dos Santos CRB/7 6171

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese,
desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Elaine Lutz Martins

Agregando novos sentidos ao ser mulher a partir da vivência da excitação sexual ao amamentar

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Enfermagem, Saúde e Sociedade.

Aprovada em 12 de fevereiro de 2021.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Octavio Muniz da Costa Vargens (Orientador)

Faculdade de Enfermagem - UERJ

Prof.^a Dra. Carla Marins Silva

Universidade de São Paulo

Prof.^a Dra. Adriana Lemos Pereira

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dra. Jane Márcia Progianti

Faculdade de Enfermagem - UERJ

Prof.^a Dra. Luciane Marques de Araújo

Faculdade de Enfermagem - UERJ

Rio de Janeiro

2021

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese a todas as mulheres que vivenciaram a excitação sexual experimentada ao amamentar e tiveram sua sexualidade sucumbida pela socialização da amamentação.

RESUMO

MARTINS, Elaine Lutz. **Agregando novos sentidos ao ser mulher a partir da vivência da excitação sexual ao amamentar**. 2021. 115 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa e descritiva, com a utilização da *Grounded Theory*, na perspectiva do Interacionismo Simbólico. Os objetivos foram: descrever os significados atribuídos por mulheres à excitação sexual experimentada ao amamentar; discutir as estratégias utilizadas pelas mulheres a fim de lidar com a excitação sexual experimentada ao amamentar; e analisar e interpretar, na perspectiva do Interacionismo Simbólico, a experiência de vivenciar a excitação sexual ao amamentar a partir dos significados atribuídos pelas mulheres. O estudo foi realizado no Município do Rio de Janeiro, em ambientes públicos e locais de escolha das participantes. O recrutamento das participantes deu-se durante o evento “Mil mulheres amamentando”, de mobilização em prol da amamentação, do XV Encontro Nacional de Aleitamento Materno em 2019, onde também houve a divulgação da temática em palestras, aulas e eventos científicos. A coleta e análise dos dados ocorreram de forma simultânea, após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob registro nº CAAE: 20167419500005282, no período de novembro de 2019 a janeiro de 2020, observando todas as exigências da Resolução 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Foram entrevistadas doze participantes, e formados dois grupos amostrais. Os resultados foram organizados em quatro categorias, quais sejam: a socialização da amamentação e a apropriação do corpo e da sexualidade feminina; vivenciando de maneira distinta a excitação sexual ao amamentar; significando, sentindo e agindo de diferentes formas a vivência da excitação sexual ao amamentar; reconhecendo as barreiras para dialogar sobre a excitação sexual ao amamentar. Os significados atribuídos à vivência da excitação sexual ao amamentar foram expressos como uma experiência que faz parte da vida e da história da amamentação e como uma sensação inapropriada durante o ato de amamentar. Já as estratégias utilizadas pelas mulheres a fim de lidar com a excitação sexual ao amamentar foram: deixar rolar, fluir, acontecer e passar as sensações de excitação; estabelecer limites com o corpo e amamentação; retirar o bebê do peito; privar por determinado tempo a amamentação; introduzir outros alimentos para diminuir a frequência e tempo da amamentação; pensar em outras coisas e respirar fundo; e por fim a decisão pelo desmame gradual. Esses significados e estratégias auxiliaram na compreensão do processo “despertando-se como mulher” e do fenômeno central do estudo, intitulado “agregando novos sentidos ao ser mulher a partir da vivência da excitação sexual ao amamentar”, envolvendo um “desconectar-se do mundo e conectar-se consigo”, na busca pelo resgate do próprio corpo para si e do autoconhecimento da sua sexualidade. Assim, conclui-se o quanto os comportamentos sociais instituídos pela socialização da amamentação repercutem na vida das mulheres, normalizando a apropriação do corpo feminino durante a maternidade e condenando qualquer possibilidade de sentir prazer com o próprio corpo.

Palavras-chave: Sexualidade. Amamentação. Excitação sexual. Saúde da Mulher. Enfermagem.

ABSTRACT

MARTINS, Elaine Lutz. **Adding new meanings to being a woman from the experience of sexual excitement when breastfeeding**. 2021. 115 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

This study employed a qualitative and descriptive approach, with the use of the Grounded Theory, from the perspective of Symbolic Interactionism. The goals were to describe the meanings attributed by women to sexual arousal experienced while breastfeeding; to discuss the strategies utilized by these women in order to deal with the sexual excitation felt when breastfeeding; and to analyze and interpret, from the perspective of Symbolic Interactionism, the experience of going through sexual arousal while breastfeeding as reported by women. The study was carried out in the city of Rio de Janeiro, in public environments and locations chosen by the participants. The recruitment of the participants took place during an event named “One Thousand Women Breastfeeding”, a campaign in favor of breastfeeding, held at 15th National Meeting of Breastfeeding in 2019, where the topic was also approached in lectures, lessons and scientific events. Data collection and analysis were performed simultaneously, after the approval of the Brazilian Research Ethics Committee, under registration number CAAE: 20167419500005282, for the period from November 2019 to January 2020, in compliance with all of the requirements of resolution 466/2012 and 510/2016 of the National Health Council in Brazil. Twelve participants were interviewed and organized into two sample groups. The results were ordered under four categories: the socialization of breastfeeding and appropriation of the body and of the female sexuality; The different ways of experiencing sexual arousal while breastfeeding; signifying, feeling and acting in different ways in face of the sexual arousal while breastfeeding; recognizing the barriers for engaging in dialogue regarding sexual arousal while breastfeeding. The meanings attributed to the experience of sexual arousal while breastfeeding were expressed as part of life and of breastfeeding as well as being an inappropriate sensation to be felt in the act of breastfeeding. The strategies used by women in order to deal with sexual arousal when breastfeeding were: to let it flow, go with the flow, let it happen and wait for the sensations of arousal to go away; establish limits with the body and breastfeeding; remove the baby from the breast; deprive breastfeeding for a certain time; introduce other foods to decrease the frequency and duration of breastfeeding; think of other things and take a deep breath; and finally the decision to wean the baby off. These meanings and strategies helped to understand the process “waking up as a woman” and the central phenomenon of the study, entitled “adding new meanings to being a woman from the experience of sexual arousal when breastfeeding”, involving “disconnecting herself from the world” and connecting to herself”, in the attempt of regaining the body for herself and the self-knowledge of her sexuality. To sum up, this study has reached the conclusion that the social behaviors instituted by the socialization of breastfeeding play a significant role in women’s lives by normalizing the appropriation of the female body during motherhood and criminalizing any possibility of seeking pleasure with their own bodies.

Keywords: Sexuality. Breastfeeding. Sexual arousal. Women’s Health.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Esquema representativo do processo de apropriação do corpo e sexualidade feminina por meio da socialização da amamentação	41
Figura 2 – Modelo teórico do fenômeno “Agregando novos sentidos ao ser mulher a partir da vivência da excitação sexual ao amamentar”	84
Figura 3 – Esquema representativo das condições causais para a vivência da excitação sexual ao amamentar	87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Organização das participantes a partir do recrutamento da coleta de dados.....	28
Quadro 2 – Formação dos grupos amostrais.....	29
Quadro 3 – Caracterização das participantes.....	30
Quadro 4 – Exemplificação da distribuição vertical.....	33
Quadro 5 – Exemplificação da codificação aberta.....	34
Quadro 6 – Exemplificação da categorização provisória.....	34
Quadro 7 – Exemplificação da categorização efetiva.....	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AM	Aleitamento Materno
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
ENAM	Encontro Nacional de Aleitamento Materno
EUA	Estados Unidos da América
MAM	Museu de Arte Moderna
MP4	<i>Media Player 4</i>
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TV	Televisão
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
1	REFERENCIAL TEÓRICO – BASE PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO.....	18
1.1	O Interacionismo Simbólico.....	18
1.1.1	<u>Símbolo.....</u>	19
1.1.2	<u>Self.....</u>	20
1.1.3	<u>Mente.....</u>	21
1.1.4	<u>Interação social.....</u>	21
1.1.5	<u>Ação.....</u>	22
1.1.6	<u>Sociedade.....</u>	23
2	PERCURSO METODOLÓGICO.....	25
2.1	Tipo de estudo.....	25
2.2	Caracterização do campo de pesquisa.....	26
2.3	Caracterização das participantes da pesquisa.....	28
2.4	Coleta de dados.....	31
2.5	Análise dos dados.....	32
2.6	Aspectos éticos.....	36
3	APRESENTANDO OS RESULTADOS.....	37
3.1	A socialização da amamentação e apropriação do corpo e da sexualidade feminina.....	37
3.2	Vivenciando, de maneiras distintas, a excitação sexual ao amamentar	41
3.2.1	<u>Percebendo uma estimulação no mamilo e se perguntando sobre o que estava sentindo.....</u>	42
3.2.2	<u>Percebendo a excitação sexual ao amamentar de diferentes maneiras.....</u>	43
3.2.3	<u>Refletindo sobre as possíveis influências da vivência da excitação sexual ao amamentar.....</u>	47
3.2.4	<u>Elaborando a vivência da excitação sexual e vivenciando sem saber o que era.....</u>	50
3.2.5	<u>A excitação sexual ao amamentar e as distintas repercussões na vida sexual do casal.....</u>	51

3.3	Significando, sentindo e agindo de diferentes formas a vivência da excitação sexual ao amamentar	56
3.3.1	<u>Significando, de diferentes maneiras, a vivência da excitação sexual ao amamentar</u>	56
3.3.2	<u>Agindo, de distintas formas, com a vivência da excitação sexual ao amamentar</u>	60
3.4	Reconhecendo as barreiras para dialogar sobre a excitação sexual ao amamentar	66
3.4.1	<u>A influência do não compartilhar e a (des)informação da experiência da excitação sexual ao amamentar</u>	66
3.4.2	<u>Compartilhando e comunicando-se sobre a possibilidade da vivência da excitação sexual ao amamentar</u>	69
4	DIALOGANDO COM OS AUTORES	73
5	ANALISANDO E DISCUTINDO, NA PERSPECTIVA DO INTERACIONISMO SIMBÓLICO, A VIVÊNCIA DA EXCITAÇÃO SEXUAL AO AMAMENTAR	84
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
	REFERÊNCIAS	99
	APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semiestruturada.....	109
	APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	110
	ANEXO A – Carta de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa.....	112
	ANEXO B – Folha de rosto da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa	115

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta tese apresenta como objeto de estudo os significados atribuídos por mulheres à excitação sexual experimentada ao amamentar. Primeiramente, para abordar essa temática é necessário compreender o conceito de sexualidade, de forma mais ampla, que envolve além de aspectos do ato sexual, papéis sexuais, identidade de gênero, erotismo, reprodução, prazer, intimidade, envolvimento emocional e amor. Pode ser expresso por meio de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes e valores (BRASIL, 2009; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2006).

Ainda, considera-se o conceito de sexualidade sob a ótica construtivista, ou seja, envolvida por aspectos sociais e históricos. Assim, a sexualidade não é apenas constituída por aspectos estritamente biológicos e fisiológicos, limitada a fases da vida. É, sim, um processo complexo ligado ao contexto social (ANDRADE, 2010).

Para Gagnon (2006, p. 215), “a vida sexual se assemelha a toda vida social, sendo uma atividade provocada pelas circunstâncias sociais e culturais, que difere de uma época histórica para outra ou de uma cultura para outra”. Segundo o mesmo autor, trata-se de um processo aprendido, possibilitado não por impulsos instintivos ou biológicos, mas por se inserir em roteiros sociais complexos, específicos de determinados contextos culturais e históricos (GAGNON, 2006).

Dessa forma, observa-se que a amamentação assim como a sexualidade são condicionadas por aspectos socioculturais e delineadas psicologicamente (MARQUES; LEMOS, 2010), porém a abordagem de ambas não contempla as diversas subjetividades que estão em torno da mulher. Neste sentido, nesta tese adota-se o direcionamento da sexualidade no âmbito do prazer sexual, mais especificamente da excitação sexual ao amamentar. Entende-se que o termo prazer sexual apresenta uma compreensão mais ampla da resposta sexual humana, e a excitação sexual uma etapa desse prazer.

O ato de amamentar, que se refere a nutriz dar o peito ao lactente e o mesmo mamá-lo diretamente (CARVALHO, 2010), apresenta uma relação intensa com a sexualidade feminina, quando considerado como uma das formas mais íntimas de contato entre duas pessoas (FEBRASGO, 2015), assim como o ato sexual e o parto (ABUCHAIM, 2005). Além disso, o corpo humano apresenta uma resposta sexual com eventos neurais e neuro-humorais

ao estímulo oral da sucção do bebê durante a amamentação, pois as mamas¹ apresentam terminações nervosas e inervação sensitiva na região areolar e do mamilo (FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA, 2015).

Somado a isso, a ocitocina, o mesmo hormônio que desempenha função importante na excitação sexual e no orgasmo, mostra-se presente e em grande concentração durante a amamentação, exercendo nas mamas alguns dos mesmos efeitos que provoca durante o clímax do prazer sexual, como ereção dos mamilos, tumescência das mamas e contrações uterinas (PAMPLONA; MELO-DE-AGUIAR, 2010).

Essa dimensão da fisiologia do prazer sexual e da vivência de excitação sexual ao amamentar surgiu durante o curso de especialização em Enfermagem Obstétrica, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no ano de 2012. Nesse período a autora deste trabalho aproximou-se da temática, possibilitando-lhe não apenas pesquisar sobre a sexualidade feminina durante o período da amamentação, mas também realizar um trabalho de conclusão de curso voltado para uma revisão integrativa de literatura (MARTINS; VARGENS, 2014), a partir do qual se identificou uma lacuna em estudos que abordassem o prazer sexual ao amamentar da perspectiva de quem a vivência.

Inicialmente, esse olhar sobre a percepção das mulheres que vivenciam prazer sexual e/ou excitação sexual ao amamentar gerou, na autora, inquietações, curiosidades e, de certo modo, a necessidade de abordar essa temática, até então desconhecida. Desse modo, a autora iniciou, em 2013, o Mestrado em Enfermagem na UERJ, quando enfrentou vários desafios durante a construção do projeto de pesquisa, principalmente devido à lacuna presente no meio científico, à falta de informação dos profissionais de saúde e aos preconceitos presentes na sociedade. Esses desafios levaram-na a questionar se conseguiria atingir os objetivos propostos e responder às inquietações iniciais referente aos significados de vivenciar o prazer sexual e/ou a excitação sexual ao amamentar.

Além disso, ao explorar e pesquisar sobre essa temática, foi possível perceber a urgência e necessidade de suprir as lacunas presentes na pesquisa, na docência e na assistência de enfermagem. A autora acredita que, ao abordar essa tríade de base que compõe a formação dos profissionais de saúde e da sociedade, abrirá espaço para o conhecimento, para a troca de

¹ Nesta tese serão usados os termos “mama” e “seio” como sinônimos, com o intuito de preservar as terminologias utilizadas em outros estudos. No entanto, conceitualmente os termos apresentam significados diferentes. Do latim *mamma* significa mãe, porém popularmente chamamos de seio. Já o termo anatômico “seio” refere-se a uma cavidade, recesso ou bolsa, não sendo adequado para referência às mamas (JÚNIOR, W. M.; ROMUALDO, G. S, 2010).

informação e ressignificações de percepções, buscando assim minimizar os tabus e preconceitos que circundam a vivência da sexualidade feminina durante a amamentação.

Nesse sentido, em 2015, após o término do mestrado em enfermagem e durante trajetória profissional como Professora Auxiliar I, na Universidade Federal do Amazonas, a autora deparou-se com o déficit de conhecimento na formação dos futuros enfermeiros nos aspectos que envolvem a sexualidade e a amamentação. Durante esse período, a pesquisadora passou a se questionar sobre a eficácia do papel do enfermeiro no cuidado à saúde da mulher e na promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno, visando a integralidade das dimensões que envolvem a sexualidade e amamentação, além das ações de incentivo ao aleitamento materno exclusivo preconizado até os seis meses de vida, conforme defendido pela Organização Mundial de Saúde e as Políticas Públicas brasileiras (BRASIL, 2015a).

No entanto, por meio da II Pesquisa de Prevalência do Aleitamento Materno (AM) nas principais capitais brasileiras, no período de 1999 e 2008, observou-se a atual situação da amamentação e da alimentação complementar, na qual o desmame precoce ainda apresenta taxas significativas (BRASIL, 2015a). Assim, o desmame precoce ainda é uma problemática bastante comum na sociedade, sendo definido como o abandono, total ou parcial, do aleitamento materno antes de o bebê completar seis meses de vida (MONTESCHIO; GAÍVA; MOREIRA, 2015). Essa problemática fez com que a autora se perguntasse se todos os fatores e causas do desmame precoce são reconhecidas e trabalhadas de forma preventiva durante a prática assistencial e a formação profissional.

Dentre os fatores que dificultam o sucesso da amamentação, as pesquisas apontam para o déficit de conhecimentos, a inexperiência e a insegurança materna, a banalização das angústias maternas pela equipe de saúde, as intercorrências da mama puerperal, as interferências familiares, o leite fraco ou insuficiente, o trabalho materno. Já entre os fatores causadores do desmame precoce, destacam-se o uso de chupeta, a volta ao trabalho ou ao estudo, o trauma mamilar e a dor, o baixo nível de escolaridade da genitora, e o aumento da idade da criança (OLIVEIRA; IOCCA; CARRIJO; GARCIA, 2015; LIMA; NASCIMENTO; MARTINS, 2018).

Percebe-se que são várias as causas que levam ao desmame precoce, as quais podem estar associadas à cultura, à influência da sociedade, à falta de informação ou até mesmo à falta de um olhar integral às dimensões que envolvem a amamentação, como a sexualidade feminina. Desta perspectiva de reflexão, sobre o cuidado de enfermagem às mulheres que vivenciam sua sexualidade durante a amamentação, a autora deparou-se com outro possível

motivo para o desmame precoce, qual seja, a vivência de excitação sexual ao amamentar (FREBRASGO, 2015).

Apesar de os textos oficiais expressarem as estratégias nacionais implementadas por meio da Política Nacional de promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno (BRASIL, 2015b; BRASIL, 2017) ainda existe uma lacuna quando se discutem simultaneamente as dimensões da sexualidade, dos direitos sexuais e reprodutivos (BRASIL, 2009), pois eles não abordam a possibilidade da vivência de prazer sexual e/ou excitação sexual ao amamentar.

Neste sentido, pensando no acesso universal à saúde sexual e reprodutiva, a atenção foi logo direcionada para os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres. Essa perspectiva, associada à temática da sexualidade durante a amamentação, suscita reflexões sobre o “direito sexual de viver plenamente a sexualidade sem medo, vergonha, culpa e falsas crenças” e o “direito reprodutivo de exercer a sexualidade e a reprodução livre de discriminação, imposição e violência” (BRASIL, 2013).

Ademais, a saúde sexual possibilita experimentar uma vida sexual informada, agradável e segura, baseada na autoestima, que implica abordagem positiva da sexualidade humana e respeito mútuo nas relações sexuais. A saúde sexual valoriza a vida, as relações pessoais e a expressão da identidade própria da pessoa. Ela é enriquecedora, inclui o prazer e estimula a determinação pessoal, a comunicação e as relações (HEALTH, EMPOWERMENT, RIGHTS & ACCOUNTABILITY, 1999, p. 30).

Dessa maneira, a atuação dos profissionais de saúde deve pautar-se na saúde sexual e reprodutiva quando se abordam as sensações de excitação sexual ao amamentar. Entretanto, percebe-se como o ocultamento da subjetividade da sexualidade durante a amamentação pode refletir na prática assistencial, na formação dos profissionais de saúde e no meio científico. Nesse contexto, é preciso repensar o atual modelo de amamentação adotado pelas políticas de saúde (MARQUES; PEREIRA, 2010).

Visando contribuir para a mudança desse cenário, a pesquisadora passou a ressignificar algumas percepções e objetos sociais e utilizar os resultados de sua dissertação do mestrado na vida profissional de docente. Por meio de aulas práticas sobre saúde da mulher, palestras e cursos, a autora passou a disseminar uma concepção sobre a amamentação, envolvida por significados individuais, coletivos e objetos sociais, a qual denominou de socialização da amamentação. A compreensão dessa socialização da amamentação na vida das mulheres é fundamental para ratificar a caracterização dos papéis sociais, segundo os quais à mulher não seria permitido vivenciar prazer ou excitação sexual no âmbito da experiência da amamentação. Considerada sempre como ato inocente, sagrado,

divino, a amamentação deveria ser vivenciada desse modo, e qualquer outra possibilidade poderia ser interpretada como anormal, doentia ou até mesmo incestuosa (MARTINS, 2015).

Uma evidência desta perspectiva foi o fato de a autora, durante a investigação dessa temática, ter se deparado com opiniões ou expressões tais como: “Mas existe tratamento para isso?”; “Isso é possível?”; “Isso é normal?”, oriundas de profissionais de saúde e de outras pessoas. Desse modo, configurava-se o preconceito, o desconhecimento sobre o assunto e a influência de uma sociedade medicalizada. Refletindo sobre esse último aspecto, observou-se que a sociedade deseja controlar a sexualidade durante a amamentação, modificando os aspectos biológicos da fisiologia, ao transformá-los em um processo patológico. Como resultado, há um controle do meio sobre a forma de pensar, agir e ressignificar tal experiência, acarretando, assim, uma perda de autonomia.

Nesse sentido, a vivência da excitação sexual ao amamentar é vista com características patológicas, necessitando de tratamento ou intervenção. Consequentemente, percebe-se que o corpo feminino e a sexualidade durante a maternidade são reduzidas a ponto de as mulheres agirem conforme os ditames sociais, culturais e medicalizados que predominam na sociedade, onde qualquer vivência inusitada é interpretada como doentia. Essa dependência que a medicalização da sociedade causa diminuiu as possibilidades orgânicas e psicológicas de lutas e adaptação das pessoas (ILLICH, 1975).

Visto ser esse o contexto em que as mulheres se encontram, é nesse meio que tomam suas decisões, determinando a maneira como irão vivenciar e interagir com essa experiência. Com isso, percebe-se que a vivência de excitação sexual passa a ser velada por quem a experimenta e pelos profissionais de saúde, pois as mulheres, muitas vezes, não são ouvidas em todas as dimensões que envolvem o ato de amamentar (MONTEIRO; GOMES; NAKANO, 2006).

Ao compreender esse aspecto, é possível colocar-se no lugar das mulheres que vivenciam a excitação sexual ao amamentar e das que afirmam nunca a terem experimentado, constatando a forma como as mulheres a interpretam e a ressignificam, assim como suas escolhas frente à vivência plena ou ao seu bloqueio (MARTINS, 2015). Essa escolha existente é reflexo da dualidade da função da mama, a qual durante a amamentação deixa de exercer a função erótica para representar, na maioria das vezes, apenas uma fonte de alimento e acolhimento (MARTINS; JESUS, 2016; MARTINS; VARGENS, 2014).

Essa percepção também foi descrita em um estudo no qual autora a denominou de tabu do seio materno (SANDRE-PEREIRA, 2003). Atrelado a isso, com a socialização da amamentação são conferidas às mulheres características pré-estabelecidas como sagradas e

assexuadas que, quando vivenciadas dessa maneira, podem gerar um conflito com o papel de mulheres sexuadas que são (PAMPLONA; MELO-DE-AGUIAR, 2010).

Sabe-se que, na sociedade ocidental moderna, as mamas possuem um valor erótico, sendo-lhes atribuída grande importância quanto ao seu papel de instrumento de prazer (MARQUES; LEMOS, 2010). No entanto, isso traz, de fato, um problema de difícil solução diante da permanência concomitante da noção de sacralidade atribuída à maternidade (SANDRE-PEREIRA, 2007).

Neste sentido, a vivência de excitação sexual ao amamentar precisa ser desmitificada e reconhecida por quem a vivencia, pelos profissionais de saúde e pela sociedade como um fenômeno que compõe a sexualidade da mulher no ato de amamentar, sendo influenciado pelo contexto no qual as mulheres estão inseridas. Assim, reconhecer a fisiologia da excitação sexual ao amamentar como uma resposta sexual humana frente ao estímulo da sucção do bebê na mama se faz necessário para minimizar os danos causados pela falta de informação, medicalização e dominação social do corpo e sexualidade feminina.

Desse modo, a busca pela compreensão dos significados atribuídos por mulheres à excitação sexual experimentada ao amamentar se faz necessária, por apresentar aspectos subjetivos que geram diferentes interpretações, significados e ações em diferentes âmbitos ou esferas da vida, além de interferir no sucesso da amamentação. Outrossim, a subjetividade da sexualidade feminina durante o ato de amamentar é inacabável devido ao processo constante e dinâmico de ressignificações (MARTINS, 2015).

Dessa forma, surgem inquietações que precisam ser compreendidas a fim de contribuir para um cuidado integral à saúde das mulheres, no que tange à sexualidade feminina durante a amamentação. Assim, este estudo visa responder as seguintes questões de pesquisa:

- a) O que significa para as mulheres vivenciarem excitação sexual ao amamentar?
- b) Quais estratégias são utilizadas pelas mulheres a fim de lidar com a excitação sexual experimentada ao amamentar?

Logo, para responder essas inquietações, destacam-se como objetivos de estudo:

- a) Descrever os significados atribuídos por mulheres à excitação sexual experimentada ao amamentar;
- b) Discutir as estratégias utilizadas pelas mulheres a fim de lidar com a excitação sexual experimentada ao amamentar;
- c) Analisar e interpretar, na perspectiva do Interacionismo Simbólico, a experiência de vivenciar a excitação sexual ao amamentar a partir dos significados atribuídos pelas mulheres.

Como relevância deste estudo, destaca-se a necessidade de aprofundar e disseminar o conhecimento sob a ótica de quem vivencia a excitação sexual ao amamentar, pois identificaram-se, no final do ano de 2017, a partir de contatos via redes sociais realizados por mulheres que não participaram do estudo prévio, relatos da vivência de excitação sexual ao amamentar.

Dessa forma, como pressuposto para esta tese, entende-se que as mulheres significam e agem de diferentes maneiras quando sentem excitação sexual ao amamentar. Acredita-se que, por influência direta do processo de socialização da amamentação, muitas mulheres vivenciam conflitos e incertezas, incluindo a culpabilização de si mesma, o que, por sua vez, tem como consequência o desmame precoce. Essa decisão e ação acaba interferindo negativamente no vínculo entre mãe e filho e na saúde psicoemocional das mulheres.

A compreensão do modo de vida e o respeito às percepções vivenciadas durante o processo da amamentação fazem parte do acolhimento que deve ser desempenhado pelo profissional de saúde a fim de auxiliar e apoiar as decisões (MONTEIRO; GOMES; NAKANO, 2006) que envolvem a excitação sexual ao amamentar. Corroborando com Florencio e seus colaboradores (2012), a temática sexualidade durante amamentação, em suas diferentes interfaces, precisa integrar a agenda de formação de enfermeiros desde a graduação, sendo estendida para os profissionais de saúde por meio da educação continuada.

Dessa maneira, é de fundamental importância ampliar os enfoques de análise da sexualidade humana em direção a uma plenitude sexual, sem dominadores e dominados, fundamentada no respeito mútuo e na liberdade de escolha (DIEHL; VIEIRA, 2017).

Para isso, acredita-se que compreendendo as múltiplas dimensões da sexualidade feminina durante a amamentação, nos aspectos de significados e estratégias utilizadas pelas mulheres sobre a experiência da excitação sexual ao amamentar, auxiliará na produção de material científico que sensibilize os profissionais de saúde e na reformulação de políticas públicas em prol do apoio e promoção da amamentação, visando à atenção integral à saúde dessas mulheres. Além disso, será possível contribuir para que não ocorra o desmame precoce e a interação mãe-filho não seja prejudicada pela falta de conhecimento, por preconceitos ou por padrões sociais instituídos às mulheres no que tange à experiência de excitação sexual ao amamentar.

1 REFERENCIAL TEÓRICO - BASE PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO

A escolha do Interacionismo Simbólico como referencial teórico para o estudo mostra-se apropriada, pois possibilita compreender os significados atribuídos por mulheres à excitação sexual experimentada ao amamentar, associada com a interação com seu núcleo social próximo ou círculo social, a partir da simbologia presente nessas relações, permitindo assim uma interpretação da subjetividade desta experiência configurada na identificação e definição dos objetos sociais presentes e influenciadores nas suas decisões e ações.

1.1 O Interacionismo Simbólico

O interacionismo simbólico surgiu no final do século XIX com pensadores clássicos da Sociologia, dentre os quais se destaca George Herbert Mead por ter elaborado a fundamentação básica da perspectiva da Psicologia Social (ABUCHAIM, 2005). Embora Mead não tenha publicado uma obra completa e sistemática sobre sua teoria, um de seus ex-alunos, Herbert Blumer, organizou e publicou os diversos documentos, tais como palestras, aulas, notas e manuscritos fragmentados de Mead, e, em 1937, nomeou-os como Interacionismo Simbólico (HAGUETTE, 1999).

Diante disso, Blumer (1969) e Charon (2009) apresentam e discutem os mais importantes aspectos da interação simbólica, tentando ser fiéis ao pensamento de Mead, abordando os pontos básicos do Interacionismo Simbólico expressos em três premissas, quais sejam:

- a) O ser humano age em relação às coisas com base nos sentidos que elas têm para ele. Essas, por sua vez, incluem todos os objetos físicos, seres humanos, instituições, ideias, atividades humanas e outras situações que se encontram na vida cotidiana;
- b) O sentido das coisas surge da interação social que o indivíduo estabelece com os outros;
- c) Estes sentidos são manipulados e modificados por meio de um processo interpretativo, usado pela pessoa ao se relacionar com as coisas e situações com as quais se encontra.

Ao analisar e relacionar essas premissas com a temática em questão, pode-se deduzir que:

Essas premissas, associadas com a temática, mostram a base do referencial teórico que foi utilizada para análise e compreensão da complexidade que envolve a vivência da excitação sexual ao amamentar. Além disso, é de grande relevância compreender os conceitos que também englobam o Interacionismo Simbólico, tais como símbolo, “self”, mente, interação social, ação e sociedade, para melhor entendimento da essência e subjetividade que este trabalho pretende explorar.

1.1.1 Símbolo

Segundo Charon (1985), na perspectiva interacionista simbólica, o símbolo é considerado o conceito central da teoria, além do seu uso estar relacionado com tudo o que é humano. Neste sentido, os símbolos possibilitam identificar os processos interativos dinâmicos que estão presentes nas relações entre as pessoas e os elementos de interação, como o ambiente, os sujeitos e o contexto (CARVALHO *et al.*, 2007).

O interacionismo simbólico também afirma que os fatos são baseados e dirigidos por símbolos, além de se apresentarem como base dos significados. Com isso, a interação simbólica examina os significados emergidos da interação mútua dos indivíduos no ambiente social com outras pessoas (AKSAN *et al.*, 2009).

Um tipo especial de símbolo é a linguagem, usada para descrever e detalhar o que se observa, se pensa ou se imagina, para referir-se ou apresentar a realidade social. Além disso, o uso da palavra nos diálogos, bem como de outros símbolos, como gestos, comportamentos, ações, têm significados sociais que são construídos nas interações, embora só sejam considerados como símbolo quando adquirem sentido para quem os utiliza. Desse modo, os símbolos podem desvelar as carências afetivas, psicológicas, biológicas e sociais do ser cuidado, como também suas vivências e interações no cotidiano. (CARVALHO *et al.*, 2007).

No que tange à temática sob investigação, pode-se conjecturar que os símbolos e os significados atribuídos pelas mulheres à experiência de excitação sexual ao amamentar são formados pela interação mútua delas com o meio e com a sociedade. Assim, os sentidos, os significados e os símbolos podem ser percebidos e interpretados de diferentes formas.

Considerando as hipóteses com as quais este estudo pode se deparar, surgem duas suposições iniciais sobre o significado dos símbolos pelas mulheres que vivenciam a excitação sexual durante a amamentação, quais sejam:

- a) Algumas mulheres podem simbolizar a ação de amamentar com base na socialização da amamentação, ou seja, o ato de amamentar é considerado algo puro, sagrado, livre de qualquer aspecto que envolve a sexualidade feminina;
- b) Outras mulheres podem interpretar a experiência da excitação sexual como algo fisiológico, natural do corpo feminino, que devido a estímulos hormonais e das terminações nervosas da mama reagem de forma prazerosa para a mulher, podendo ser vivenciado plenamente.

1.1.2 “Self”

Mead, em sua teoria, percebeu o ser humano com um organismo possuidor de um *self*. Ou seja, o homem é um objeto de si mesmo, que percebe a si mesmo, tem concepções de si mesmo, comunica-se consigo mesmo, e age em relação a si, além de transformar sua relação com o mundo e dar às suas ações características únicas. Com isso, o ser humano pode tornar-se objeto de suas próprias atitudes. Além disso, por meio de seguidas interações consigo, ele pode julgar, analisar e evoluir as coisas que designou para si, além de planejar e organizar suas ações. Enfim, possuir o *self* concede ao ser humano um mecanismo da autointeração com o qual ele encara o mundo. Esse processo é um mecanismo usado para formar e guiar suas opiniões, condutas e atitudes (BLUMER, 1969).

Diante disso, o *self* surge e se desenvolve dentro do contexto da sociedade. Representa um processo social no interior do indivíduo envolvendo duas fases analíticas distintas: o "eu" e o "mim". O “eu” significa uma tendência impulsiva, espontânea do indivíduo, e o “mim”, representa o outro generalizado. Essa capacidade de refletir sobre si mesmo, que também permite o processo de colocar-se no lugar do outro, constitui o que chamamos de *self* social (CARVALHO *et al.*, 2010).

Usando uma analogia, o *self* seria como uma “assimilação” de símbolos, sensações e atitudes que as mulheres fazem no momento em que vivenciam a excitação sexual durante a amamentação. Essa “assimilação” pode ocorrer, inicialmente, de forma individual e espontânea, por meio do “eu”, sendo que os sentimentos e percepções são posteriormente

organizados/moldados pelo “mim” conforme são aceitos socialmente. Com isso, percebe-se a influência da interação social nas escolhas, decisões e até mesmo nas opiniões.

As mulheres que vivenciam a excitação sexual ao amamentar podem, inicialmente, vivenciá-la de forma plena por meio do “eu” e, em um segundo momento, interpretá-la por meio do “mim”, gerando as linhas de ação da vivência plena ou do bloqueio da excitação sexual ao amamentar.

1.1.3 Mente

De acordo com o interacionismo simbólico, é por meio da mente que o ser humano atribui significados às coisas, já que é a partir da interpretação de suas ações e daquelas de outros indivíduos que desenvolve suas linhas de ação. Portanto, a mente é uma interação do indivíduo consigo por meio da manipulação e interpretação dos símbolos (CHARON, 1985).

É por meio da atividade da mente que o indivíduo define as coisas para si em determinada situação, pois ele isola, rotula e desenvolve linhas de ação em relação às coisas. É por meio da mente que as mulheres assimilam suas percepções, sentimentos e significados da experiência de excitação sexual durante a amamentação. Assim, elas definem e interpretam o que é correto ou não para si com a influência de sua interação social.

Conforme for essa “assimilação”, algumas mulheres podem vivenciar a sexualidade durante amamentação de forma reprimida, com medo de serem julgadas ou de estarem cometendo algum pecado. Por outro lado, outras mulheres podem vivenciar essa “assimilação” de forma saudável, exercendo sua sexualidade livremente, sem tabus e preconceitos.

1.1.4 Interação Social

A interação social é um processo contínuo, pois os atores interagem uns com os outros e com seu meio, utilizando símbolos, direcionando o pensamento, os objetivos e determinando linhas de ações. Dessa forma, as ações sociais também estão sujeitas a constante mudança, e cada ato pode ser considerado uma interação.

Com isso, na interação social, os indivíduos são considerados atores pragmáticos e ativos, pois empregam símbolos sociais e culturais em suas interações. Por isso, na perspectiva interacionista simbólica, os seres humanos têm ação na construção de sua cultura simbólica e social (DEL CASINO JR; THIEN, 2009). Diante disso, a interação simbólica envolve interpretação e definição, que ocorre com e entre as pessoas envolvidas, fazendo com que o processo de interação possa ser mudado, dependendo da adaptação que ocorre nas ações dos atores envolvidos.

Vale ressaltar que a interação social não é apenas o que ocorre entre as pessoas, mas também é representada pela interação que acontece consigo mesma, ou seja, dentro das pessoas, por meio de uma consciência reflexiva. Diante disso, pode-se entender que a excitação sexual durante a amamentação são “percepções” individuais e pessoais. Porém, o seu significado e interpretações são direcionados pela sociedade, ou seja, pela interação social.

1.1.5 Ação

O interacionismo simbólico procura investigar o significado social coletivo, o que sugere que os significados sociais são construídos e reconstruídos por meio da prática ou ação dos sujeitos (DEL CASINO JR; THIEN, 2009). Dessa forma, é a partir do significado das ações das outras pessoas que o sujeito define o curso de sua ação, com base na sua interpretação. Assim, a ação humana é um processo constante e ativo de tomada de decisão pelos indivíduos diante da interação consigo e com os outros (CARVALHO *et al.*, 2007; BLUMER, 1969).

O significado atribuído pelas mulheres em relação à excitação sexual vivenciada durante a amamentação constrói-se da interação dela consigo e com os outros. Nesse aspecto, as mulheres que vivenciam a excitação sexual ao amamentar se deparam com o conflito existente entre a vivência plena ou o bloqueio dessas sensações de prazer. O conflito, muitas vezes, pode ser interpretado pela vivência plena da excitação sexual ao amamentar, porém oculta para todos, pois o significado coletivo dessa vivência é assimilado por meio de tabus e preconceitos.

1.1.6 Sociedade

Mesmo que o interacionismo simbólico pareça privilegiar o indivíduo sobre a sociedade na sua lógica, a intenção é realmente considerar o indivíduo e a sociedade como mutuamente constitutivos, pois toda a ação social é interativa entre indivíduos e, portanto, deve ser pensada e interligada com a construção do significado coletivo (DEL CASINO JR; THIEN, 2009).

Nesta perspectiva, é por meio da interação das mulheres consigo mesmas e com os outros na sociedade que os significados, as interpretações e as ações, referentes ao bloqueio ou à plena vivência da excitação sexual ao amamentar, são definidas e redefinidas conforme interações que ocorrem constantemente.

Após compreender os conceitos da perspectiva interacionista e relacioná-los com o objeto de estudo, vale destacar as principais conclusões teóricas e ideias centrais do interacionismo simbólico exposta por Blumer (1969):

- a) O interacionismo simbólico vê o ser humano ativo e rejeita as percepções deste como um ser passivo e determinado;
- b) O ser humano e a sociedade são interdependentes, pois a sociedade é constituída por indivíduos interagindo e, conseqüentemente, modificando-a ou conservando-a;
- c) Para o interacionismo simbólico, o ser humano age no presente, não apenas influenciado pelo que aconteceu no passado, mas também pelo que está acontecendo no presente;
- d) A interação acontece entre indivíduos e também no indivíduo. Sua atuação se dá num mundo que foi definido pelos próprios indivíduos, pela sua própria interpretação da sociedade;
- e) Para o interacionismo simbólico, o ser humano é livre naquilo que faz. Ele define o mundo em que age e escolhe conscientemente a direção de sua ação frente às situações;

Por meio das conclusões teóricas do interacionismo simbólico, pode-se afirmar que os significados das mulheres que vivenciam a excitação sexual ao amamentar são construídos ao longo da experiência e da vivência das percepções sobre o ato de amamentar e sua sexualidade. Esses símbolos são construídos pela interação social que ocorre com os seres

humanos, com base em experiências do passado que passam a ser ressignificadas no presente, fazendo com que esse processo seja dinâmico e contínuo.

Por isso, descrever os significados das mulheres em relação à excitação sexual experimentada ao amamentar possibilitará colocar-se no lugar de quem vivência, para, assim, compreender a linha de ação construída sobre a vivência plena ou o bloqueio dessas sensações de prazer ao amamentar. Essa compreensão auxiliará no desenvolvimento de estratégias de cuidado visando à saúde psicosssexual das mulheres durante a amamentação.

Diante do exposto, percebe-se que a escolha pelo referencial teórico do interacionismo simbólico é apropriada para responder as inquietações apresentadas nesta tese, uma vez que se enxerga a complexidade da vivência da sexualidade durante amamentação, associada com a influência de aspectos culturais, sociais, religiosos, econômicos, políticos e psicosssexuais.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

2.1 Tipo de estudo

A trajetória metodológica da pesquisa prevê um estudo com abordagem qualitativa, com a utilização da *Grounded Theory*, na perspectiva do Interacionismo Simbólico. A *Grounded Theory* é considerada como o método mais adequado quando existe a pretensão de compreender uma realidade, as atitudes dos seres humanos, os significados atribuídos às situações, as interações e experiências de suas vidas nos aspectos subjetivos do seu cotidiano (BAGGIO; ERDMANN, 2011).

Esse método foi desenvolvido por Barney Glaser e Anselm Strauss, sociólogos que possuíam conhecimentos inerentes à pesquisa, além de influência do interacionismo simbólico e do pragmatismo, no início da década de 60. Com isso, a *Grounded Theory* apresenta a característica de, por meio da sistematização técnica e procedimentos de análise, capacitar o pesquisador para desenvolver teorias sociológicas sobre o modo de vida dos indivíduos, uma vez que alcança significação, compatibilidade entre teoria e observação, capacidade de generalização e reprodutibilidade, precisão, rigor e verificação (STRAUSS, CORBIN, 2008).

Devido à complexidade na construção da teoria, o pesquisador necessita ter cautela e ser criterioso, desde a coleta e a análise dos dados até a saturação teórica (TORRES, 2014). Dessa forma, com a utilização da *Grounded Theory*, busca-se associar a pesquisa teórica e a pesquisa empírica, colocando-se no espaço que une teoria e realidade (TAROZZI, 2011).

O conceito de amostragem teórica também faz parte desse referencial, que possibilita ao pesquisador buscar seus dados em locais ou por meio do depoimento de pessoas que afirmam deter conhecimento acerca da realidade a ser estudada. Assim, pode-se realizar pesquisas em mais de um campo de coleta de dados. Pode-se, ainda, haver a reestruturação dos instrumentos, com mudança no foco das perguntas (no intuito de especificar e explorar a realidade investigada), ou na forma como é questionada, de modo a se aproximar do entendimento dos sujeitos e, assim, esgotar o máximo de informações (DANTAS *et al.*, 2009). Portanto, uma das estratégias para obtenção da amostragem teórica é a composição de grupos amostrais com participantes diferentes, mas com experiências relevantes em relação ao fenômeno em investigação (SANTOS *et al.*, 2018).

Além disso, uma peculiaridade da *Grounded Theory* é que os dados direcionam a revisão de literatura e as bases conceituais do estudo, não constituindo, portanto, o passo inicial do processo de pesquisa. Assim, recomenda-se que o pesquisador inicie a coleta de dados sem qualquer conhecimento da literatura preexistente, com o objetivo de manter a “mente aberta” e livre de influências externas (GLASER; HOLTON, 2004). Essa característica constitui uma estratégia interessante para a manutenção da cautela quanto à influência excessiva da percepção do próprio pesquisador, o que, em contrapartida, não o exime da reflexão acerca do estado da arte e da problemática a ser investigada (SILVA *et al.*, 2011).

2.2 Caracterização do campo de pesquisa

A pesquisa foi realizada em ambientes públicos e de escolha das participantes, como praças públicas e parques ao ar livre. A captação das participantes da pesquisa foi, inicialmente, realizada no cotidiano profissional, por meio de palestras, debates, aulas, práticas assistenciais, publicação de matérias on-line e evidências científicas.

Dessa forma, no ambiente profissional como docente e pesquisadora envolvida com a disciplina de Saúde da Mulher em instituições públicas e privadas com as quais a autora possui vínculo empregatício foi possível realizar práticas educativas e de disseminação de conhecimento sobre a temática da vivência da excitação sexual ao amamentar. As atividades eram organizadas e apresentadas pela pesquisadora e iniciaram-se no primeiro semestre de 2018 até o último semestre de 2019. Tiveram duração em média de uma hora e meia, com abertura de debate ao final. Já nos eventos científicos, como congressos e simpósios na área da enfermagem, a duração da apresentação era em média de quinze minutos. Ao final era disponibilizado contato via e-mail para tirar dúvidas e o convite para participar do estudo. Ressalta-se que a autora não apresenta nenhum vínculo pessoal com as participantes do estudo, apenas profissional como docente e pesquisadora.

Nesses cenários, existiam mulheres que reconheciam para si a vivência da excitação sexual ao amamentar e decidiam compartilhar posteriormente suas experiências, entrando em contato via e-mail com a pesquisadora. Essa estratégia gerou o retorno de seis mulheres, mas apenas quatro deram continuidade no interesse em participar da pesquisa. Dessa forma, o recrutamento voluntário das participantes ocorreu conforme aceite e disponibilidade, sendo

definido local, dia e horário para coleta de dados por meio do agendamento prévio e disponibilidade de cada uma.

Com a utilização da *Grounded Theory* e a necessidade de aprofundamento do estudo, outras mulheres foram convidadas a participar da pesquisa, tendo também como cenário de coleta de dados o evento de mobilização social em prol da amamentação, realizado dia 11 de novembro de 2019, na abertura do XV Encontro Nacional de Aleitamento Materno (ENAM), no Museu de Artes Modernas (MAM) do Rio de Janeiro. Denominado “Mil mulheres amamentando”, esse evento foi composto por mulheres de diversas regiões do Rio de Janeiro e demais localidades do Brasil que estavam amamentando.

Este cenário de coleta de dados oportunizou uma abordagem individual das mulheres com o objetivo de divulgação da pesquisa e desmistificação dos tabus e preconceitos. Assim, durante o ENAM, foram abordadas trinta e três mulheres. Dessas, doze já tinham ouvido falar na possibilidade da excitação sexual ao amamentar, e cinco já tinham vivenciado essa experiência pelo menos uma vez. Nesse momento, foi possível trocar contato telefônico com algumas mulheres que aceitaram participar do estudo, para agendamento futuro da coleta de dados.

Dessa forma, percebe-se que a possibilidade da vivência da excitação sexual ao amamentar é algo que permeia os pensamentos dessas mulheres e as rodas de conversas íntimas entre amigas e vizinhas, mesmo que sutilmente. Assim, foi adequado utilizar, como apoio, a técnica de captação de participantes pelo método de *snowball*, ou seja, a indicação de mulheres que conheciam outras que tinham vivenciado a excitação sexual ao amamentar e que aceitassem participar do estudo. Essa estratégia juntamente com a abordagem individual das mulheres durante o ENAM possibilitou o aceite de três participantes e a recusa de quatro mulheres.

Nota metodológica: Ratifica-se que o desenvolvimento desta pesquisa surgiu a partir da vivência da excitação sexual ao amamentar expressa nos resultados do mestrado (MARTINS, 2015) e de novas inquietações que precisavam ser respondidas. Por isso, visando a continuidade e aprofundamento dessa temática optou-se em retornar ao banco de dados, reanalisar as entrevistas e inserir como ponto de partida deste estudo. Dessa forma, foram utilizadas as entrevistas do banco de dados, referente a cinco participantes que vivenciaram a excitação sexual ao amamentar. O uso da *Grounded Theory* permitiu seguir essa estratégia, auxiliando na validação e direcionamento para o aprofundamento dos resultados.

2.3 Caracterização das participantes da pesquisa

Diante do exposto acima, as participantes da pesquisa foram constituídas por um total de doze mulheres que vivenciaram, pelo menos uma vez, a excitação sexual ao amamentar. Conforme preconizado pela *Grounded Theory*, a análise dos dados ocorreu concomitante com a coleta, visando a construção da amostragem teórica e a saturação teórica (STRAUSS; CORBIN, 2008).

Assim, à medida que ocorreu a coleta e análise dos dados, as participantes foram organizadas a partir da forma de recrutamento das mesmas (Quadro 1). Para a apresentação dos resultados, adotou-se uma nomenclatura de classificação das entrevistas que consistiu da inicial E, numeradas em ordem crescente conforme o andamento da coleta de dados, ou seja, E1, E2, E3 e assim sucessivamente.

Quadro 1 – Organização das participantes a partir do recrutamento da coleta de dados

Grupo formado pelo banco de dados	E1, E2, E3, E4, E5
Grupo formado pelo recrutamento em aulas, palestras, debates	E6, E7, E8, E9
Grupo formado pelo recrutamento no ENAM e método de <i>snowball</i>	E10, E11, E12

Fonte: A autora, 2020.

Ao longo do processo de análise dos dados, mediante a codificação das entrevistas, a construção das notas teóricas e das hipóteses, surgiu a necessidade de reagrupar os dados em dois grupos amostrais. Esses grupos amostrais diferentes possibilitou uma compreensão mais profunda do fenômeno investigado (GOMES; HERMANN; WOLFF, 2015).

Dessa forma, um dos motivos para a formação dos grupos amostrais foi a preposição teórica sobre os significados da vivência da excitação sexual ao amamentar ter relação com a preocupação do bebê ser do sexo masculino. Portanto, foi necessário comparar os achados das mulheres que vivenciaram a excitação sexual ao amamentar bebês do sexo feminino, com o objetivo de esclarecer e aprofundar a existência ou não de alguma diferença do significado em relação ao sexo do bebê.

Assim, o primeiro grupo amostral foi composto por oito mulheres que vivenciaram, pelo menos uma vez, a excitação sexual ao amamentar um filho do sexo masculino. No que tange ao segundo grupo amostral, foram selecionadas, de forma intencional, quatro mulheres que vivenciaram a excitação sexual ao amamentar um filho do sexo feminino (Quadro 2).

Além disso, após o reagrupamento, inseriu-se a nomenclatura referente aos grupos amostrais 1 e 2, expressas por GA1 e GA2 respectivamente.

Quadro 2 — Formação dos grupos amostrais

Grupo amostral 1 (GA1)	Mulheres que amamentaram meninos e que vivenciaram a excitação sexual ao amamentar	E1, E4, E6, E7, E8, E9, E10, E11,
Grupo amostral 2 (GA2)	Mulheres que amamentaram meninas e que vivenciaram a excitação sexual ao amamentar	E2, E3, E5, E12,

Fonte: A autora, 2020.

Por fim, foi possível caracterizar as participantes através de dados como: idade, grau de escolaridade, renda mensal familiar, ocupação, raça, religião, estado civil, número de filhos e sexo do bebê, conforme o quadro 3.

Quadro 3 — Caracterização das participantes da pesquisa

Nº	Idade	Grau de escolaridade	Renda mensal familiar	Ocupação	Raça	Religião	Estado civil	Número de filhos/ Sexo
GA1E1	34	Superior completo	6.000	Professora	Negra	Católica	Casada	01 Masculino
GA2E2	37	2º grau completo	6.000	Do lar	Branca	Evangélica	Casada	01 Feminino
GA2E3	42	Pós-graduação	20.000	Enfermeira	Branca	Católica	Casada	01 Feminino
GA1E4	25	Superior incompleto	7.000	Atriz	Branca	-	União estável	01 Feminino/ 01 Masculino
GA2E5	34	Pós-graduação	10.000	Enfermeira	Branca	Espírita	Casada	01 Feminino
GA1E6	36	Superior completo	5.000	Técnica de enfermagem	Branca	Católica	Solteira	01 Masculino
GA1E7	28	Superior incompleto	4.000	Estudante	Branca	Evangélica	Divorciada	01 Masculino
GA1E8	26	Superior completo	8.000	Estudante	Branca	Candomblé	União estável	01 Masculino
GA1E9	34	Superior incompleto	3.000	Estudante	Branca	Evangélica	Casada	02 Feminino/ 01 Masculino
GA1E10	33	Pós-graduação	11.000	Antropóloga	Branca	-	União estável	01 Masculino
GA1E11	40	Superior completo	30.000	Administradora	Branca	Espírita	União estável	01 Masculino
GA2E12	42	Pós-graduação	20.000	Professora	Parda	Espírita	Casada	02 Feminino

Fonte: A autora, 2020.

2.4 Coleta de dados

Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada (APÊNDICE A), que apresentou perguntas fechadas, relativas à caracterização das participantes, e uma questão aberta, qual seja, “Conte-me como foi sua vivência da excitação sexual durante a amamentação?”, para direcionar o andamento da entrevista. Além disso, o instrumento de coleta de dados apresentou oito temas/aspectos que foram incluídos ou aprofundados no decorrer das entrevistas.

A coleta de dados foi realizada individualmente, no período de novembro de 2019 a janeiro de 2020, após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – SR2 (ANEXO A).

Pelo fato de os cenários de coleta de dados serem ambientes públicos, foi necessário observar se a presença de ruídos sonoros e de pessoas possibilitava que as entrevistas fossem realizadas sem interrupções. Essa etapa ocorreu em locais de escolha das mulheres, com dia e horário marcados previamente. No momento da coleta de dados estavam presentes somente a pesquisadora e a entrevistada, preservando-se, assim, a privacidade das participantes e a confidencialidade dos dados.

Inicialmente, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (APÊNDICE B) para a participante, explicando-lhe os objetivos do estudo e esclarecendo possíveis dúvidas sobre a pesquisa. O processo de comunicação do consentimento foi realizado por meio da leitura oral do TCLE. Posteriormente, a confirmação do aceite da participação da pesquisa ocorreu pela assinatura da participante, em duas vias do documento, permanecendo uma cópia sob sua responsabilidade e a outra sob guarda da pesquisadora responsável pelo estudo. Após o consentimento da participante, teve início a entrevista, que foi gravada em aparelho de *média player* 4 (MP4). As entrevistas tiveram duração média de 25 a 80 minutos. Para que as informações coletadas mantivessem a fidedignidade dos dados, cada entrevista, tão logo concluída, foi imediatamente transcrita e codificada para produzir códigos fielmente expressos nos dados coletados (CUNHA *et al.*, 2012).

Além disso, com a utilização da *Grounded Theory*, foram realizadas anotações, chamadas de notas ou *memos*, constando dúvidas, inquietações e percepções do entrevistador referente ao processo de coleta e análise dos dados, que serviu para a construção da teoria e direcionamento das entrevistas (CUNHA *et al.*, 2012). Segundo Glaser (1978), existem basicamente três tipos de *memos*, quais sejam:

- a) Notas do pesquisador: são registros livres do pesquisador que apresentam impressões pessoais, dúvidas, interpretações, curiosidades observadas ou sentidas durante todo o processo de construção da pesquisa, em especial em relação aos dados coletados;
- b) Notas metodológicas: são registros das ideias e estratégias a serem seguidas, testadas ou deixadas de lado ao longo do processo de obtenção e análise dos dados. Com isso, essas notas metodológicas permitem ao pesquisador redimensionar os rumos do estudo, de modo a alcançar seus objetivos com mais segurança;
- c) Notas teóricas: são registros das hipóteses ou proposições levantadas e que devem ser testadas no seu desenvolvimento, como forma de buscar a construção do modelo teórico a partir dos dados, direcionar o processo de seleção da amostragem teórica e da busca seletiva de literatura, ou mesmo orientar a obtenção de novos dados.

2.5 Análise dos dados

Como referido anteriormente, a análise dos dados foi realizada simultaneamente com a coleta dos dados (CUNHA *et al.*, 2012). O processo de análise dos dados pode ser compreendido de forma clara e objetiva por meio de sete etapas: distribuição vertical, codificação aberta, categorização provisória, categorização efetiva, identificação da categoria central, busca seletiva da literatura e, por fim, elaboração do relatório de pesquisa (VARGENS, 1997; SILVA, 2012).

Com os dados coletados, ocorreu a transcrição das entrevistas e a subsequente distribuição vertical de seu conteúdo. Esse procedimento consiste em separar cada frase, procurando sempre manter seu sentido lógico no texto total, de modo a analisá-la uma a uma. Assim, quando colocadas uma imediatamente abaixo da outra, foi possível ter uma visão do todo, ao mesmo tempo em que cada uma era tratada em separado. Um cuidado especial nessa fase é ouvir novamente as gravações das entrevistas, fazendo uma leitura simultaneamente a essa distribuição vertical de modo a verificar se não houve perda de sentido do conteúdo (VARGENS, 1997; SILVA, 2012). O quadro 4 apresenta um exemplo do processo de distribuição vertical de um trecho da entrevista, qual seja, a E2.

Quadro 4 — Exemplificando a distribuição vertical

Conte-me como foi sua vivência da excitação sexual ao amamentar?	
TEXTO DA ENTREVISTA	DISTRIBUIÇÃO VERTICAL
<p>Começou mais ou menos ele tinha, se não me engano, ele tinha 1 ano e 3 meses; não uns 8 meses, uns 8 meses que começou. Foi um, começou assim, na hora eu não percebi direito, mas ele estava mamando, mamando. Geralmente, acontecia mais à noite. Eu chegava do trabalho, fazia as coisas, daí quando ia deitar pra fazer ele dormir, aí sempre vinha aquela, aquele leve nervoso. Aí eu parava pra pensar “gente o que é isso, gente?” aí olhava pro lado, o pai, na época, meu marido, ele não estava do lado, não estava perto para eu sentir nada. Aí eu comecei a prestar atenção. Começou muito devagar, muito pouquinho. Aí, vinha só uma sensaçãozinha e depois parava. Só que quando ele tinha mais ou menos 1 ano e 4 meses, 1 ano e 5 meses que começou a vir mais forte. Aí tinha hora, tinha hora que vinha uma, uma vontade de assim, de chegar ao orgasmo.</p>	Começou mais ou menos ele tinha, se não me engano, ele tinha 1 ano e 3 meses, não uns 8 meses, uns 8 meses que começou.
	Foi um, começou assim, na hora eu não percebi direito, mas ele estava mamando, mamando. Geralmente, acontecia mais à noite.
	Eu chegava do trabalho, fazia as coisas, daí quando ia deitar pra fazer ele dormir, aí sempre vinha aquela, aquele leve nervoso.
	Aí eu parava pra pensar “gente o que é isso, gente?” aí olhava pro lado, o pai, na época, meu marido, ele não estava do lado, não estava perto para eu sentir nada. Aí eu comecei a prestar atenção.
	Começou muito devagar, muito pouquinho. Aí, vinha só uma sensaçãozinha e depois parava
Só que quando ele tinha mais ou menos 1 ano e 4 meses, 1 ano e 5 meses que começou a vir mais forte. Aí tinha hora, tinha hora que vinha uma, uma vontade de assim, de chegar ao orgasmo.	

Fonte: A autora, 2020.

Posteriormente à distribuição vertical ocorreu a codificação aberta, que é assim denominada justamente por consistir de um procedimento realizado de forma livre. Obedecendo ao preconizado pelo método, será atribuído sentido a cada unidade de texto (cada frase da distribuição vertical), usando para isso a estratégia de empregar sempre verbos no gerúndio, preferencialmente o mesmo verbo utilizado pelas participantes da pesquisa (VARGENS, 1997; SILVA, 2012). Além disso, para cada codificação aberta foi atribuído um código de ordem numérica crescente, sendo que o primeiro número sinaliza a entrevista e o segundo número é o código propriamente dito. Por exemplo, 2.1, (Quadro 5), significa que se trata do código 1 da entrevista número 2 e assim sucessivamente. Essa classificação foi utilizada em todas as entrevistas com o intuito de facilitar o reconhecimento da origem e recorte específico do depoimento das entrevistas, o que é extremamente necessário nas revisitações do processo de análise (SILVA *et al.*, 2019).

Quadro 5 — Exemplificando a codificação aberta

Conte-me como foi sua vivência da excitação sexual ao amamentar?	
DISTRIBUIÇÃO VERTICAL	CODIFICAÇÃO ABERTA
Começou mais ou menos ele tinha, se não me engano, ele tinha 1 ano e 3 meses, não uns 8 meses, uns 8 meses que começou.	2.1 começando a sentir com uns 8 meses
Foi um, começou assim, na hora eu não percebi direito, mas ele estava mamando, mamando. Geralmente, acontecia mais à noite.	2.2 acontecendo mais à noite
Eu chegava do trabalho, fazia as coisas, daí quando ia deitar pra fazer ele dormir, aí sempre vinha aquela, aquele leve nervoso	2.3 fazendo ele dormir e sentindo um leve nervoso
Aí eu parava pra pensar “gente o que é isso, gente?” aí olhava pro lado, o pai, na época, meu marido, ele não estava do lado, não estava perto para eu sentir nada. Aí eu comecei a prestar atenção.	2.4 pensando no que era e prestando atenção que não tinha relação com o pai
Começou muito devagar, muito pouquinho. Aí, vinha só uma sensaçãozinha e depois parava	2.5 começando devagar e depois parando
Só que quando ele tinha mais ou menos 1 ano e 4 meses, 1 ano e 5 meses que começou a vir mais forte. Aí tinha hora, tinha hora que vinha uma, uma vontade de assim, de chegar ao orgasmo.	2.6 começando mais forte e tendo vontade de chegar ao orgasmo

Fonte: A autora, 2020.

Após concluída a codificação aberta, ocorreu a categorização provisória, na qual os dados foram agrupados em códigos afins, procurando encontrar uma expressão que representasse a ideia ou os significados contidos em cada grupo constituído. Essa categorização foi feita inicialmente com cada uma das entrevistas e posteriormente com o conjunto delas. Também, nesta etapa, ocorreu o processo de comparação constante, com o objetivo de encontrar proposições para serem investigadas e aprofundadas ao longo do estudo. Nessa etapa, foi possível formar o segundo grupo amostral de participantes, bem como o direcionamento da entrevista, conforme se observou a necessidade (VARGENS, 1997; SILVA, 2012). No quadro 6 pode-se observar o agrupamento dos códigos afins e a definição da categorização provisória.

Quadro 6 — Exemplificação da categorização provisória

CÓDIGOS AFINS	CATEGORIZAÇÃO PROVISÓRIA
2.34 concluindo que é do corpo e voltando amamentar 3.162 Associando a excitação sexual ao amamentar com sensação física corporal e da ocitocina 4.3 Sentindo ser coisa do próprio corpo 6.33 achando ser hormonal a excitação sexual 7.108 tendo todos os hormônios e estímulos da excitação sexual	ACHANDO QUE A EXCITAÇÃO SEXUAL É UMA RESPOSTA DO PRÓPRIO CORPO E DOS HORMÔNIOS

Fonte: A autora, 2020.

Após a organização das categorias provisórias e com o desdobramento, ocorreu a integração e a correlação entre as categorias. Essa etapa de categorização efetiva consistiu em extenso processo de comparação constante entre os dados, na busca por novos dados quando necessário e na validação permanente de cada proposição surgida para descrição do processo social básico (VARGENS, 1997; SILVA, 2012). No quadro 7, observa-se a exemplificação da categorização efetiva.

Quadro 7 — Exemplificação da categorização efetiva

CATEGORIZAÇÃO PROVISÓRIA	CATEGORIZAÇÃO EFETIVA
Tendo vontade de tirar o filho do peito e sentindo uma repulsa	AGINDO DE DISTINTAS FORMAS COM A EXPERIÊNCIA DA EXCITAÇÃO SEXUAL
Estando em uma relação além do que desejava e colocando limites no corpo	
Deixando fluir, rolar e acontecer a excitação sexual ao amamentar	
Deixando o filho de lado e privando-o da amamentação	
Evitando a excitação sexual ao amamentar e não deixando mexer no outro mamilo	
Refletindo sobre a forma de agir se sentisse de novo com outro filho	
Agindo de forma racional para afastar e bloquear a excitação sexual sentida ao amamentar	
Bloqueando o corpo e controlando a mente	
Resolvendo parar de amamentar e começando o desmame natural	

Fonte: A autora, 2020.

Com o resultado da etapa anterior (categorização efetiva), foi possível a identificação da categoria central representativa do processo ou do fenômeno deste estudo. A identificação da categoria central foi o ponto alto da interpretação do processo. Também foi possível construir uma representação esquemática do processo, com suas respectivas buscas de validação (VARGENS, 1997; SILVA, 2012).

Ainda na fase de identificação da categoria central, foi importante a busca seletiva de literatura, que consistiu em levantamento e análise de referências bibliográficas para efeito de comparação específica na validação das proposições. Essa é uma das características marcantes da *Grounded Theory*, ou seja, as proposições teóricas foram oriundas dos dados concretos no processo de análise e não de extensa revisão bibliográfica prévia (VARGENS, 1997; SILVA, 2012).

Por fim, foi realizada a elaboração do relatório da pesquisa que consiste na reunião organizada e coerente de todos os registros efetuados durante a realização de cada etapa da

pesquisa. Nessa etapa, o diário de campo com todas as notas do pesquisador foi fundamental para auxiliar na descrição dos resultados, na construção do processo e suas interrelações.

2.6 Aspectos éticos

Entende-se necessário assegurar e valorizar uma condução ética durante todo o processo desta pesquisa. Para tanto, foram observados as normas e os princípios bioéticos que regem pesquisas envolvendo seres humanos, conforme as Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (BRASIL, 2012; BRASIL, 2016).

Assim, foram observados aspectos éticos como: reconhecimento da liberdade e autonomia, da beneficência, da não-maleficência, da justiça, da equidade, da voluntariedade, do respeito aos valores culturais, sociais, morais e religiosos, da garantia da confidencialidade das informações, da privacidade, da proteção da identidade, dentre outros, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito as participantes da pesquisa (BRASIL, 2012; BRASIL, 2016).

Inicialmente, o projeto foi cadastrado na Plataforma Brasil, e após a emissão da Folha de Rosto (ANEXO A), os documentos foram encaminhados para avaliação do CEP da UERJ-SR2. Ressalta-se que a pesquisa foi implementada somente após autorização e aprovação do CEP, assinada pela pesquisadora responsável.

Durante a coleta de dados foi disponibilizado às participantes o conhecimento, a leitura e a assinatura do TCLE (APÊNDICE B), previamente ao início da entrevista. Nesse momento, as participantes foram informadas individualmente acerca dos objetivos da pesquisa, dos benefícios que esta promoveria, de possíveis desconfortos emocionais e da não obrigatoriedade de sua participação. Foram informadas, também, que poderiam deixar de participar da pesquisa em qualquer momento, não gerando danos ou prejuízo.

Destaca-se ainda que durante todo o processo do desenvolvimento do estudo e elaboração de relatório de pesquisa, bem como divulgação dos resultados, manteve-se a confidencialidade dos dados, sendo utilizados somente para fins de pesquisa, pois todas as informações coletadas foram de uso exclusivamente científico para a área de enfermagem e saúde. Por fim, para preservar o sigilo da identidade das participantes, utilizou-se de nomenclaturas conforme descrito anteriormente.

3 APRESENTANDO OS RESULTADOS

A tese que as mulheres significam e agem de diferentes maneiras quando sentem excitação sexual ao amamentar será apresentada nesse capítulo de resultados. Com a utilização da *Grounded Theory* emergiram, desta pesquisa, quatro categorias que foram organizadas em: a socialização da amamentação e a apropriação do corpo e da sexualidade feminina; vivenciando de maneira distinta a excitação sexual ao amamentar; significando, sentindo e agindo de diferentes formas a vivência da excitação sexual ao amamentar; reconhecendo as barreiras para dialogar sobre a excitação sexual ao amamentar.

3.1 A socialização da amamentação e apropriação do corpo e da sexualidade feminina

A socialização da amamentação pode apresentar muitas repercussões para a vida das pessoas, uma delas é a influência na forma de pensar e agir de cada mulher. Quando se discute amamentação e sexualidade feminina, observa-se o predomínio de padrões hegemônicos instituídos socialmente. Dessa forma, essa categoria irá abordar a influência da socialização da amamentação, o controle dos papéis sociais sobre a forma de pensar e agir na maternidade e a apropriação do corpo e da sexualidade feminina neste período.

O ato de amamentar simboliza e representa muitas expectativas criadas ao longo das interações sociais e na construção da maternidade. Na maioria das vezes, significa um ato puro, inocente, sagrado e assexualizado. Para muitas mulheres, o significado da amamentação constitui a base do pensar, do agir e das significações das ações, sendo vivenciado por momentos de prazer e desafios. Essa experiência pode remeter a uma história feliz, de tranquilidade, aconchego, vínculo, descrito por um amor único e inexplicável. Além disso, o contato no ato de amamentar é descrito como transcendental e divino, como se pode observar nos depoimentos, quais sejam:

Porque é um contato transcendental, é uma coisa de outro planeta, é a coisa que mais eu tenho saudade na minha vida como mãe do meu filho, é amamentar. Foi uma experiência divina para mim. (GA1, E6)

Minha experiência de amamentação foi muito tranquila. E é uma história feliz, sabe? com muitos desafios, né. Porque aqui eu estou falando da parte boa. Mas teve muitos desafios. Mas é uma história com muitos momentos prazerosos. (GA1, E8)

Ah, eu acho que a coisa mais forte que eu já vivi na vida, é muito doido assim. É muito bom, é um vínculo que nunca você vai ter com nada na sua vida. [...] Mas é, tiro, porrada e bomba, mas é muito amor, que tu nunca sentiu nada igual na sua vida. E é isso, então eu sou muito feliz, agradecida, por ter conseguido amamentar até esse tempo que amamentei. (GA1, E10)

Então, era um momento de prazer, é, com ou sem dessa perspectiva de excitação, né? Mas era um momento de prazer com a minha filha, né? De vínculo, de proximidade, de aconchego, de carinho. (GA2, E12)

A socialização da amamentação também influencia a forma como o corpo feminino é percebida pela sociedade durante a maternidade. Neste sentido, a mama passa por ressignificações, ganhando uma nova função. Ou seja, o que até então era considerada como um objeto sexual e uma região erógena passa, agora neste período, por um processo de sacralização. Os discursos das mulheres apontam a mama exclusivamente como função e fonte nutridora, podendo ainda ser considerada como uma região de prazer sexual para o outro, e não para si.

Porque eu pensava assim “isso [a mama] é um objeto sagrado do meu filho” e eu não tenho direito de oferecer a outra pessoa no prazer da relação sexual, se é um objeto de sobrevivência e alimentação dele. Então, o objetivo é usar como fonte nutridora, como fonte de sobrevivência para meu filho. (GA1, E6)

Antes de ter o meu filho, os meus peitos nunca foram uma zona muito erógena para mim. Eu gostava de várias coisas, mas era uma coisa muito mais do prazer de quem estava comigo do meu lado. [...] E até os dois anos, o peito era uma fonte de nutrição muito importante. (GA1, E8)

Além da função exclusiva de nutrição, a mama passa a ser considerada como uma área protegida do bebê, não pertencendo nem a mãe e nem à relação compartilhada de prazer sexual com o companheiro. Essa percepção de região sagrada e exclusiva do bebê perpassa tanto na forma de pensar e agir das mulheres quanto de seus companheiros.

Na minha cabeça era inconcebível um homem tocar, porque em uma relação sexual normal se tivesse algum contato, uma carícia, um beijo. Enfim, contato oral que fosse com o meu peito, e depois eu ter com o meu filho (GA1, E6)

Eu acho que ele [*marido*] pensa que o peito é do neném. Então, ele não vai mais, ele não é mais como era antes de ter o bebê. (GA1, E9)

Ah, eu não gostava que ele [*marido*] encostasse na época que eu estava amamentando. Então, ficou meio uma área protegida, sabe? Não é mais seu. Agora é do nosso filho (risos). Então, é do nosso filho, depois é meu e depois pode voltar a ser seu de novo. É isso, entendeu? (GA1, E10)

Ah, não. Enquanto eu amamentei não tinha mama para ele [*marido*] não. A mama era só do meu filho. Eu já não tinha excitação com a mama, quando eu estava amamentando a mama era do nosso filho e no sexo não tinha. (GA1, E11)

E ele [*marido*], assim, durante o aleitamento, ele nem toca na minha mama, não tem isso (risos). Até porque ele sente isso, que o seio nesse momento é da criança, né? (GA2, E3)

Eu acho que no primeiro momento ele [*marido*], [pensamentos] hoje em dia não, mas ele já teve um período que falasse assim: “ah, esse peitinho por enquanto é só da nossa filha”. (GA2, E5)

Dessa forma, constata-se o quanto a socialização da amamentação também contribui para apropriação do corpo e da sexualidade feminina, podendo ser velada no discurso de algumas mulheres ou até mesmo explícita e questionável sobre o real posicionamento e direito sobre o seu corpo e suas escolhas. A percepção do companheiro como sendo dominador da sexualidade reflete no discurso sobre a separação horizontal do corpo feminino, em parte superior sagrada e exclusiva do bebê e a parte inferior sexualizada, podendo ser observada nos depoimentos, quais sejam:

A gente estava conversando com essa mulher que tinha acabado de ter filho e aí o marido dela falou assim: “ah, porque agora é assim, o corpo dela daqui para cima é dele [*bebê*] e daqui para baixo é meu”. E para começar isso dá uma raiva profunda porque o corpo não é nem do bebê, nem do cara, é dela e ponto e acabou. Mas assim, também é dessa coisa de separação, de enquanto mãe ter sua sexualidade um pouco anulada. Era uma ideia que me incomodava antes de ser mãe, sabe? [...] Agora eu sou, não sou só mãe do meu filho, eu sou um monte de coisa. Enfim, eu sentia que tinha direito de explorar isso, sabe? Que eu tinha espaço para isso. (GA1, E8)

Acho que tem uma certa pressão também do meu companheiro em parar de amamentar, meio que para devolver (risos), devolver a mulher e tal. (GA2, E12)

Apesar da vivência da excitação sexual ao amamentar, os aspectos da socialização da amamentação foram mais prevalentes na forma de pensar, agir e significar a experiência das sensações de excitação sexual durante a amamentação. Algumas mulheres reconheceram a prioridade enquanto fonte de nutrição e sobrevivência dos seus filhos sendo mais forte que o instinto sexual. Além disso, observa-se, nos discursos, uma obrigação explícita sobre o ato de amamentar como “eu que tenho que aguentar sentir isso”, “você vai ter que dar o peito”, evidenciando o controle e o domínio da socialização da amamentação sobre os papéis sociais instituídos às mulheres na maternidade.

Então essa questão dessa sensibilidade que eu percebi, em momento algum, em momento algum ela é, é, apagou sabe, embasou a nobreza, a beleza, a grandeza desse ato da amamentação. E acima de tudo, o amor, o confraternal, o quão divino é, esse contato. Esse momento. (GA1, E6)

Enfim, por causa de toda importância que eu atribuo à amamentação, eu sempre pensei assim “eu sou uma pessoa adulta, com controle dos meus sentimentos, e o meu filho é um bebê, uma criança muito pequena e que precisa muito disso para se autorregular, se satisfazer, para continuar dormindo, né? Para não despertar ao meio

da noite, para não sentir medo”. Então eu fazia isso, se alguém tem que aguentar, sou eu que tenho que aguentar sentir isso [*a excitação sexual*] e não ele aguentar ficar sem peito do nada. (GA1, E8)

O instinto de amamentar é mais forte do que o próprio instinto sexual. Então, você sabe que o bebê precisa, então natural você vai ter que dar o peito... Isso [*a excitação sexual*] ia acontecer outras vezes e que não poderia afetar a amamentação, pelo fato da importância da amamentação, né. (GA1, E9)

Eu sei que eu continuava deixando ele mamar, não tirava ele do peito por conta disso [*da excitação sexual*] não. Segurava a onda. (GA1, E11)

[...] O bebê que precisa disso [*da amamentação*] para poder crescer, ganhar peso. Então, você acaba olhando por esse outro lado e aí as sensações começam a diminuir, mas num primeiro momento as sensações é de, assim, de puro prazer, realmente. (GA2, E3)

A socialização da amamentação também influencia as mulheres para seguirem um padrão de posturas idealizadas, por vezes, romantizadas da maternidade. Com isso, cobranças pessoais, dos familiares e da sociedade fazem parte desta fase. Algumas mulheres acabam sentindo essas cobranças e pressões desde as fases de relação com o filho na amamentação, no comportamento pessoal, na imagem corporal e até mesmo no retorno das atividades profissionais, como fica evidenciado nos trechos dos depoimentos, quais sejam:

Porque a gente tem muita cobrança, quando está amamentando. Muitas cobranças de muitas coisas, não só em relação à amamentação. Essa fase da amamentação é uma fase de muita cobrança; você é cobrada pelo bebê, você é cobrada a emagrecer. Você é cobrada a tudo. Cobrança da família, do esposo, do bebê; ele te cobra, ele demanda aquele tempo todo, a sua cobrança pessoal que é a pior. Você tem que ser boazinha, tem que ser amada, tem que amamentar. (GA1, E9)

Eu tinha uma pressão da família, não da família em si, mas tipo assim: “ah, ele fica muito melhor quando você está longe. Aí quando você chega, ele para de brincar e só quer mamar”. (GA1, E10)

Acho que por conta de todo processo da maternidade, né? A intensidade das situações, entre você ser mãe e aí o retorno da vida profissional, e aí as cobranças de todos os lados. (GA2, E12)

Associado ao cumprimento dos papéis sociais adequados dentro dos padrões da maternidade, identifica-se a anulação do ser mulher, com priorização dos cuidados e demandas com o filho. Essa fase é vivenciada como uma imersão na maternidade, que engloba a doação ao outro e o sentir-se apenas mãe, santa e sem sexualidade.

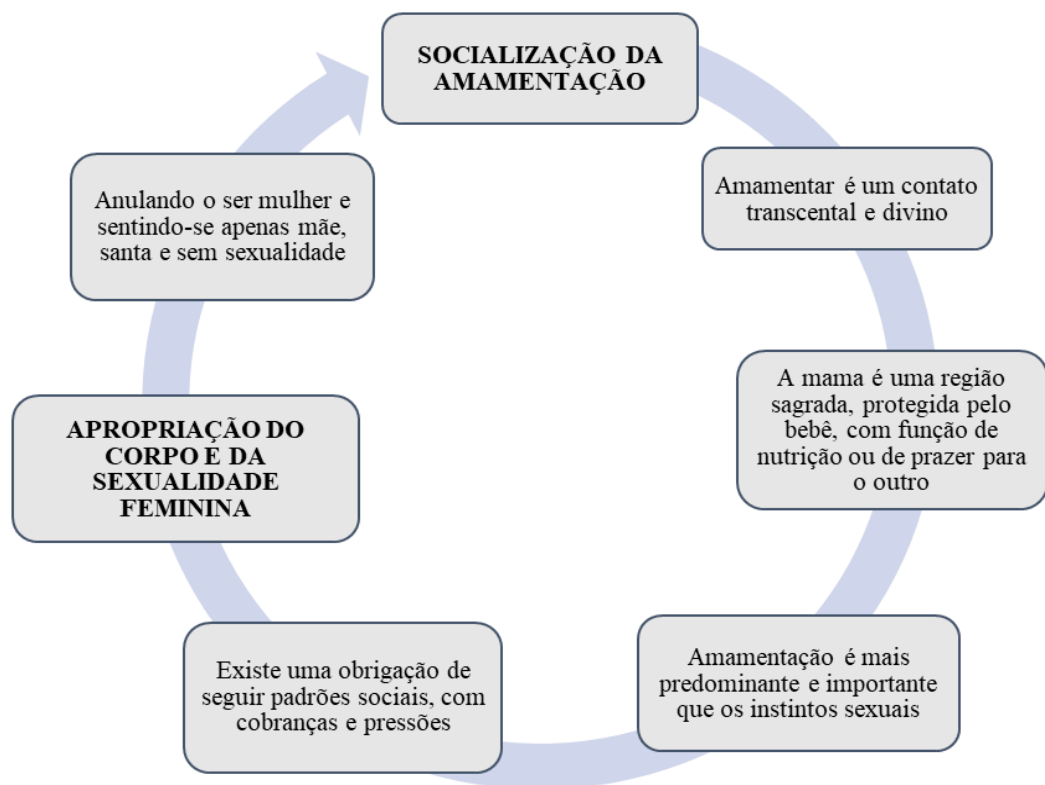
Meu filho também teve muitos problemas, então eu estava focada ali, naquela coisa muito para ele, então eu não olhava para mim, individualmente enquanto mulher. Então eu estava muito desligada de mim enquanto objeto pessoal para o meu próprio prazer. (GA1, E6)

Eu tive essa experiência no meu outro casamento, que eu fiquei muito tempo sem fazer sexo, porque eu queria me sentir apenas mãe. Eu achava que eu era uma santa agora. Que eu não podia mais fazer sexo. (GA1, E9)

Eu estava muito mãe, ali naquele momento. E eu fiquei muito imersa assim na maternidade. (GA1, E10)

Por fim, nessa categoria conseguimos perceber o processo de apropriação do corpo e sexualidade feminina por meio da socialização da amamentação, esquematizada na figura 1. Dessa forma, evidencia-se o impacto da socialização da amamentação na sexualidade das mulheres, diferenciando e distanciando os papéis sociais da maternidade, ou seja, reforçando o papel exclusivo de ser mãe e ocultando o de ser mulher.

Figura 1 — Esquema representativo do processo de apropriação do corpo e da sexualidade feminina por meio da socialização da amamentação



Fonte: A autora, 2020.

3.2 Vivenciando, de maneiras distintas, a excitação sexual ao amamentar

Como visto anteriormente, a socialização da amamentação está relacionada à maneira como as mulheres vivenciam sua sexualidade, mais especificamente às sensações de excitação

sexual com seu próprio corpo durante a amamentação. Nesse sentido, a experiência da excitação sexual ao amamentar passa a ser vivenciada de diversas formas.

Nesta categoria será apresentada cinco subcategorias que representam as maneiras distintas de vivenciar a excitação sexual ao amamentar, quais sejam: “sentindo uma estimulação no mamilo e se perguntando sobre o que estava sentindo”; percebendo a excitação sexual ao amamentar de diferentes maneiras”; “refletindo sobre as possíveis influências da excitação sexual ao amamentar”; “elaborando a vivência da excitação sexual e vivenciando sem saber o que era”; “reconhecendo as distintas repercussões da excitação sexual ao amamentar na vida sexual do casal”.

3.2.1 Percebendo uma estimulação no mamilo e se perguntando sobre o que estava sentindo

Para muitas mulheres, a região das mamas é considerada como uma zona erógena, de prazer sexual feminino, que por meio de trocas de carícias e estimulação da região aréolo-mamilar pode gerar uma excitação sexual. Essa vivência durante o ato de amamentar pode apresentar uma conotação sexual para as mulheres, sendo comparada com a experiência da estimulação sexual das mamas quando realizadas pelo companheiro. Essas sensações sentidas são consideradas de difícil explicação, pois passam a ser vivenciadas em um contexto até então desconhecido por elas, conforme percebido nos depoimentos, quais sejam:

Quando eu percebi essa sensibilidade, estava ficando diferenciada, acho que tem os dentinhos, a forma da pega diferente, não sei. [...] É sensação de prazer mesmo, mas assim é difícil de explicar, de descrever a sensação. É a sensibilidade na conotação sexual, entendeu? Uma sensibilidade diferenciada da boca naquela região ali, que é muito sensível e tal. (GA1, E6)

Então, eu tenho muita sensibilidade no mamilo, sempre tive desde a minha iniciação sexual. E o seu corpo não é só isso. O seu corpo tem vontade de fazer sexo, você se sente excitada quando alguém estimula seu mamilo e esse alguém pode ser o bebê, né? (GA1, E9)

Eu senti isso [*a excitação sexual*], que eu não sei explicar. Na hora sei lá, eu senti que essa estimulação no peito, dele mamando, estava me trazendo uma excitação, assim. Ah, eu acho que foi a mesma situação se um parceiro meu sexual chupasse o meu peito. Foi essa mesma sensação. Acho que é uma zona que eu sinto muito excitação de ser tocada. Normalmente, já é uma zona muito erógena para mim. Então, dificilmente eu não vou me sentir excitada se alguém tocar o meu peito, né. (GA1, E10)

Porque eu tenho muita sensibilidade no peito. Para mim, acho que é uma das zonas mais erógenas. (GA2, E12)

Já para outras mulheres, o estímulo sexual nas mamas começou a ser percebido com o início da amamentação. Esse aumento na sensibilidade das mamas que desencadeou a excitação sexual ao amamentar passa a ser considerada como uma descoberta da sexualidade e do corpo neste período. Esse processo de descobrimento de sensações inusitadas é vivenciado de forma singular por cada mulher, podendo ser interpretado de forma positiva ou negativa, mas envolvendo o processo de se observar, entender, olhar e escutar as novas sensações.

Mas assim, para mim descobri uma coisa que eu não queria descobrir. (GA1, E7)

Depois do meu filho nascer, enquanto eu estava amamentando, o meu peito ficou muito mais sensível. E isso, para mim, foi bom, foi agradável, foi gostoso. Então, eu ainda estava em um processo de descoberta assim da minha sexualidade, do meu corpo, eu acho. (GA1, E8)

Eu acho que é uma, acho que só mostra mais uma vez que a amamentação é algo muito complexo, que envolve muitos fatores, que para mim permite muito para a gente se conhecer, acho que tem isso. Acho que é de um autoconhecimento profundo, assim sabe. (GA1, E10)

Eu nunca fui de sentir excitação quando eu tinha relação sexual de ter a preliminar de fazer o estímulo do seio. Porque tem amigas que falam ‘Nossa! Quando fazem alguma preliminar no meu seio eu vou lá na lua’. Eu nunca senti isso. Nunca eu poderia imaginar que era relacionado a isso [*a excitação sexual*]. E aí eu comecei a tentar me entender, a me olhar, a me escutar, a me perceber e eu falei ‘hum! O negócio está, está bom’. (GA1, E11)

Diante do exposto, considera-se que o aumento da sensibilidade na região das mamas foi o gatilho para a percepção da vivência da excitação sexual ao amamentar. Para as mulheres deste estudo, essa experiência ocorreu por meio de um autoconhecimento e de descoberta sobre o corpo e a sexualidade feminina.

3.2.2 Percebendo a excitação sexual ao amamentar de diferentes maneiras

Com base na subcategoria anterior, observa-se que a sexualidade feminina durante a amamentação passa a ser vivenciada de forma singular e individual para cada mulher, conforme o conhecimento do seu corpo, seu autoconhecimento, sua observação e como isso pode ser vivenciado de diversas maneiras. Dessa forma, para determinadas mulheres, a vivência da excitação sexual ao amamentar é experienciada quando o filho se encontra maior,

quando as demandas e preocupações sobre a nutrição como, por exemplo, o aleitamento materno exclusivo e a livre demanda, começam a diminuir.

Bom, é foi mais ao fim da amamentação, ao fim quando eu quero dizer que o meu objetivo era cumprir os 24 meses. Então, eu não sei se é por questão hormonal, eu não sei pela mentalidade estar muito focada no objetivo de único e exclusivamente de amamentar o bebê que eu não senti isso [*a excitação sexual*] em momento algum do início até o meio da amamentação. Mas eu acho que a minha cabeça não estava focada só tão nele quando eu senti (GA1, E6)

Começou mais ou menos ele tinha, se não me engano, ele tinha 1 ano e 3 meses, não, uns 8 meses, uns 8 meses que começou. (GA1, E7)

Mas a excitação sexual mesmo só aconteceu quando o meu filho já era mais velho (GA1, E10)

No entanto, para outras mulheres, a vivência da excitação ocorreu no início da amamentação. Pela observação do corpo feminino, a excitação sexual passa a ser sentida conforme ocorre o estabelecimento da amamentação, pela sucção do bebê sendo considerada como mais voraz, forte e ritmada.

A minha experiência com isso é mais do início, quando a amamentação, o bebê é mais voraz e mama com mais força, mama com muito mais frequência. (GA1, E8)

Primeiro eu creio que isso seja nas primeiras mamadas, porque o que me pareceu ali na hora, a personagem na época estava falando que era nas primeiras mamadas e assim foi comigo também, nas primeiras mamadas do meu filho (GA1, E1)

É, na verdade, assim quando eu amamentei, isso principalmente, quando eu amamentei a minha primeira filha ..é.. logo que ela começou a, a efetivamente mamar eu comecei a sentir essa excitação, né. (GA2, E3)

Uma vez, uma vez, eu senti, na minha primeira filha, ela pegou o peito de uma forma que o outro arrepiou, sendo que isso não acontece. Ela pegou no bico e puxou e voltou de novo, pegou de uma forma diferente, entendeu? Como se fosse um gesto que o meu marido fazia. (GA2, E2)

Neste sentido, para que a excitação sexual ao amamentar seja vivenciada é necessário um contexto de intimidade consigo mesma, privacidade e reclusão. Os depoimentos das participantes deste estudo expressam que a vivência da excitação sexual é percebida em uma situação em que se encontram sozinhas em casa, mais à noite, e podendo ocorrer quando amamentam deitadas e de lado.

Geralmente, acontecia mais à noite. Eu sempre amamentei ele de lado, era sempre esse lado aqui [*esquerdo*], deitada, na cama, com a luz apagada. Só, nessa posição. Que era a mais frequente para ele, que ele mamava, que era para ele dormir à noite e depois do almoço. (GA1, E7)

Isso [*a excitação sexual*] acontecia mais quando eu estava amamentando em casa, sozinha, né? Tranquila. Isso não acontecia quando eu saía para algum lugar e aí

parava no meio da rua e colocava o bebê no peito. Tipo, não sentia isso [a excitação sexual]. (GA1, E8)

Eu acho que as situações que se remetiam a isso [a excitação sexual] sempre tinham a ver com estar deitada. Deitada em um ambiente que estivesse só eu e ele. (GA1, E10)

Em casa geralmente. Na rua não. Tipo na rua tem muita coisa acontecendo. Era mais quando estava em casa, mais relaxada em casa que isso [a excitação sexual] acontecida. (GA1, E11)

Não sei, mas me vem muito na cabeça uma coisa de, de intimidade, de privacidade, de, de reclusão mesmo sabe. Acho que só é possível na intimidade, né. Amamentar em público, correndo, fazendo um milhão de coisas, que nem geralmente eu estou pensando que eu amamento, não dá, né. Não dá. (GA1, E4)

Eu sinto isso [a excitação sexual] mais quando estou em quatro paredes, quando eu estou na minha cama, ou quando estou em um sofá gostoso. Eu e ela. Eu me deito agora na lateral, exponho, boto o peito mesmo para fora e ela abocanhada e, às vezes, até segura e aí eu comecei a sentir prazer nessa posição também, que eu tinha medo. E aí descobri (GA2, E5)

Todo esse contexto de cenário íntimo, confortável e relaxante é fundamental para as mulheres se conectarem consigo e sentirem as sensações físicas de excitação sexual durante a amamentação. Devido a isso, as participantes da pesquisa relataram que a excitação sexual experimentada ao amamentar não é sentida em todas as mamadas, como se pode perceber nos depoimentos, quais sejam:

Mas, ele, como ele mama toda hora, também não é toda hora que eu sinto. É de vez em quando. Mas não é todo dia, nem toda hora. Não é toda a amamentação que eu tenho essa experiência. (GA1, E9)

Eu nunca associei prazeroso no sentido de porque me excitava, até porque não era toda mamada, não era todo o momento que eu sentia isso [*a excitação sexual*]. (GA2, E12)

Mas eu achei que ia sentir isso [*a excitação sexual*] sempre, acho que eu senti uma ou duas vezes, no máximo, depois não senti mais, né. (GA1, E1)

Não é toda a mamada que acontece, que eu sinto. (GA2, E5)

Referente às sensações físicas sentidas durante a excitação sexual ao amamentar, percebe-se que a timidez em descrever os aspectos corporais físicos permeiam os discursos das participantes, por se tratar de sensações de excitação sexual no âmbito da amamentação, como se não pudesse estar ali naquele contexto. Todavia, as principais sensações descritas foram semelhantes entre as participantes, como: arrepios, frio na barriga, aumento da lubrificação vaginal, contração da vagina, mamilos entumecidos e relaxamento.

Não. Aquelas sensações que a gente sente quando a gente está, vamos dizer assim mais abertamente, nas preliminares antes do sexo. Que fica toda arrepiada. Que você começa ficar com calafrio. Aí ficava arrepiada, e começava a ter, vamos dizer é

vulgarmente, ficava molhada mesmo. Aí eu começava sentir aquilo [*a excitação sexual*]. (GA1, E7)

Dava uns arrepios, dava umas coisas assim. Mas, assim é [pensamentos] amamentando eu senti esses arrepios e um prazer localizado na mama mesmo, sabe. Uma coisa muito gostosa, prazerosa mesmo, mas mais localizada no espaço onde o bebê está mamando, está fazendo aquela sucção. (GA1, E8)

E depois você vai sentir aquela sensação mesmo de frio na barriga, na perna, até vim assim, até ter um momento que você realmente fica excitada mesmo. Aí quando o meu filho começava a mamar, aí primeiro eu sentia aquela sensação de frio na barriga, assim. E depois aquele relaxamento, que assim vai indo até que começa aqui assim na barriga e vai até a vagina mesmo, e eu sinto aquele relaxamento maior, que é quando vem a umidade. (GA1, E9)

E foi uma sensação tipo normal de excitação, de tipo ficar lubrificada, de pensar em uma coisa mais sexual, não com ele, com o meu filho, de pensar “nossa! Isso está me trazendo um prazer”. Um desejo, né? Mas um desejo não direcionado a ele, um desejo geral, um tesão. (GA1, E10)

Mas eu ficava altamente lubrificada e excitada (GA1, E11)

Eu acho, que principalmente uma sensação no peito mesmo e na vagina, né? Aquela coisa que vagina lubrifica, que contrai. Eu nunca parei para reparar para ver se eu cheguei a ficar assim, do clitóris entumecido, confesso que isso eu nunca reparei. (GA2, E12)

Ele estava lambendo assim [*a mama*], no começo me causou cócegas e depois que me deu um prazer assim mesmo. (GA1, E1)

Eu sinto um frio na barriga. Então, é um momento muito prazeroso, bem de dentro. Dá um frio na barriga, dá um nervoso e é muito bom, é muito prazeroso mesmo. Eu tive frio na barriga, senti molhar embaixo, a calcinha e tipo, uma tremedeirazinha no corpo, os mamilos endureceram, arrepriaram (GA2, E2)

Eu, eu senti o prazer dela abocanhando, sugando, sentindo a língua dela puxando o mamilo e senti também bem na vagina, uma contração. E aí comecei a perceber que era prazeroso. (GA2, E5)

Nesta perspectiva, evidenciou-se que as sensações físicas vivenciadas durante a excitação sexual ao amamentar foram descritas por algumas das mulheres apenas no âmbito do tesão, do desejo, da excitação e não do clímax total do orgasmo.

Só aquela sensação pré-orgasmo, que você chega a ficar úmida, como se você tivesse se preparado para receber a penetração. Até ali, mas o orgasmo em si, não. (GA1, E9)

Mas eu não cheguei ao clímax total, vamos dizer assim. (GA1, E11)

Eu percebia que eu ficava excitada e só, e pronto e ok. Não era nem uma coisa que depois eu tinha vontade de, vamos dizer assim, de completar e de me masturbar e chegar num clímax. (GA2, E12)

E quando acontece, eu acho que falar assim, “você já sentiu o orgasmo amamentando?” Não, mas eu sinto prazer amamentando. Não sei se eu cheguei ..é.. acho que foi difícil, foi raro. Tive momentos de profunda conexão e de sentir prazer, até chorar, mas assim, se foi tipo orgasmo? Eu não acho, porque eu saberia, né, se eu tivesse sentido. (GA2, E5)

No entanto, houve relatos de experiência orgástica ao amamentar, em momentos distintos da história da amamentação. Um em seu primeiro contato na hora ouro, após o parto vaginal e humanizado, e outro com uma experiência de amamentação mais efetiva. A compreensão sobre a experiência orgástica também foi diferente para essas mulheres, conforme o conhecimento individual da sexualidade de cada uma e da relação de experiência anteriores. No entanto, a diferenciação entre a experiência do orgasmo e da excitação sexual ao amamentar foram descritas conforme a durabilidade das sensações físicas.

Eu senti uma coisa muito forte assim no peito, eu senti meu sangue correr nas minhas veias, assim, um formigamento, uma sensação física muito intensa, que vinha das pontas dos dedos do pé para cima, que vinha das pontas da mão para cima, que invadia o meu corpo todo e parecia que eu estava meio que flutuando. E quando eu tive essa primeira experiência com a amamentação eu não associei ao um prazer orgástico, porque eu nunca tinha sentido isso em um orgasmo. Depois que meu filho nasceu, acho que ele tinha quase dois anos, que eu fui ter um orgasmo que eu senti a mesma coisa, que eu tinha sentindo quando ele tinha mamado a primeira vez. E aí eu fiquei “Nossa! Então, aquilo foi um orgasmo? Aquilo foi orgástico?” porque eu nunca tinha sentindo aquilo antes com prazer sexual, me masturbando ou transando. E eu fui sentir de novo, depois de eu ter sentindo amamentando, né. (GA1, E8)

Quando eu estava amamentando que eu tive o orgasmo, tive o prazer. E você sente, eu senti aquele prazer momentâneo, rápido. Essa também é uma diferença, porque quando você está amamentando o prazer não é rápido, igual ao orgasmo. Ele é um pouco mais lento, ele é mais delicado, ele vai começando de baixo para cima, de cima pra baixo, ele vai e volta. (GA2, E2)

Perante o exposto, constata-se que a vivência da excitação sexual ao amamentar ocorre de diferentes maneiras para as mulheres, porém pode apresentar características semelhantes como, por exemplo, o ambiente de intimidade, privacidade e individualidade. Além disso, no processo de significar a experiência, as mulheres analisaram as manifestações das sensações de excitação sexual e do orgasmo por meio de memórias de vivências passadas, permitindo descrever as sensações físicas sentidas e diferenciando-as entre si.

3.2.3 Refletindo sobre as possíveis influências da vivência da excitação sexual ao amamentar

Após o reconhecimento das sensações físicas vivenciadas durante a excitação sexual ao amamentar, as mulheres passam a refletir sobre a experiência tentando achar motivos e causas para tal fenômeno. Uma hipótese levantada pelas participantes foi a possível relação da

vivência da excitação sexual ao amamentar com o fato do bebê ser do sexo masculino, conforme expresso em depoimentos, quais sejam:

Mas, é foi a primeira vez que aconteceu. Nas outras gestações, eu já amamentei duas vezes, aí eu não sei se o fato dele ser menino tem influência. (GA1, E9)

É então, engraçado, né, o meu filho é homem, né. Eu não sei se eu teria essa mesma sensação de culpa que eu tive se fosse uma menina, entende? Mas como ele é menino, na hora me veio uma coisa de “Nossa! Eu estou projetando nele uma coisa sexualizada, sabe? Porque ele é menino. E não deveria ser assim”. (GA1, E10)

E talvez, depois eu fiquei pensando, talvez se fosse um menino eu ficasse muito pior do que sendo uma menina, por conta da questão de gênero mesmo que a gente acaba associando “Aí meu Deus como que eu estou sentindo isso com o meu filho?”. (GA2, E3)

Nota teórica: No processo simultâneo de coleta e análise de dados, observou-se nos discursos das participantes a preocupação com a possível relação da vivência da excitação sexual ao amamentar com o sexo do bebê ser masculino ou feminino. Com isso, surgiu a seguinte hipótese: ‘existe alguma diferença do significado em sentir excitação sexual ao amamentar, em relação ao sexo do bebê?’. Para responder esse questionamento, foi necessário reorganizar os dados e aprofundar a análise das entrevistas por meio da constituição dos dois grupos amostrais distintos, descritos anteriormente na metodologia.

Nesse sentido, buscando responder a proposição levantada, observou-se que tanto as mulheres que vivenciaram a experiência com bebês do sexo masculino e feminino tiveram a mesma percepção e dificuldade de imaginar situações contrárias das que vivenciaram. Percebe-se que a vivência da excitação sexual ao amamentar pode ser experimentada tanto por mães de meninos quanto de meninas, não apresentando sentido e significado diferente para a vivência da excitação sexual ao amamentar.

Não. Tipo a sensação? Eu ia pensar a mesma coisa. Se acontecesse eu ia pensar a mesma coisa. Porque eu não ia querer que acontecesse. (GA1, E7)

Eu acho que não. Só tendo uma filha agora para ver [risos]. Mas eu acho que não. Acho que não tem a ver, não. Porque as mães que relataram: ‘ah, o bebê quer pegar o bico do meu peito’ são mães de meninas também, mães de meninos também. ‘Ah, me dá nervoso; ah, que nervoso’. Mas tem mãe de menina, de menino. Acho que não ter a ver não, com a questão do sexo masculino e feminino. (GA1, E11)

Não sei se teria sido diferente não [pensamentos] [...] ah, eu acho que só sentindo mesmo para poder ter certeza, mas eu tenho a impressão de que não me incomodaria da mesma forma como não me incomodou sendo menina. (GA2, E12)

Buscando a compreensão “do quê?”, “como?” e o “por quê?” estavam sentindo as sensações de excitação sexual ao amamentar, evidenciou-se que as participantes deste estudo

por meio da observação do seu corpo e das sensações físicas acabaram elencando algumas possíveis causas que contribuíram para a vivência da excitação sexual ao amamentar. Dessa forma, as mulheres relataram que é necessário um desconectar-se do mundo e reconectar-se consigo, conforme observado nos depoimentos, quais sejam:

Mas eu acho que a minha cabeça não estava focada só tão nele. [...] Acho que isso influência bastante, que a criança vai comendo outras coisas e você não está tão focada em aquilo ser um objetivo único e exclusivamente de manutenção da vida de seu filho. (GA1, E6)

Então, quando eu estava em casa ele mamava direto, acho que era por isso, né? Ficava estimulando, estimulando, estimulando. Chegava uma hora que dava essa sensação de, de estímulo sexual. [...] Aí eu ficava pensando nisso “será que eu dei muito peito no começo e o corpo se acostumou com a hora certa”. Era só ele encostar a boca e dá a primeira sugada que começava. Aí eu achei que fosse por causa disso [*do estímulo direto na mama*]. (GA1, E7)

Eu acho que é mais em uma época do mês mesmo, assim. Eu acho que quando está próximo da ovulação. Aí fica mais intenso. Toda vez que está próximo da ovulação, que eu vou amamentar, porque eu já sei que está próximo, então eu já sei que vou sentir, né (GA1, E9)

E na verdade, agora eu tive uma lembrança e eu achava que eu poderia estar tendo aquilo porque eu sempre fui uma pessoa, vamos dizer assim, que gosta de sexo, né, eu não sei como se classifica isso. (GA1, E11)

Enfim, não sei se tem a ver ou não, mas essa questão tem a ver quando eu pude é relaxar, com esse processo, as coisas se acalmaram, se adaptaram e aí eu acho que então eu pude ter essa sensação [*de excitação*]. (GA2, E12)

E tem que ser um momento reservado para aquilo. É um momento que eu tenho que estar relaxada e é um momento que quando eu estou com ela. Mas tem que desconectar mesmo do mundo, tem que largar o celular. Porque hoje em dia você vê muito isso, as pessoas amamentando com o celular, com iPad, vendo TV e não. (GA2, E5)

Outra reflexão que surgiu nesse momento foi sobre a relação mãe e filho, buscando deixar claro que a vivência da excitação sexual ao amamentar não esteve relacionada com as intenções e desejo com o bebê, afastando qualquer pensamento incestuoso. Assim, a experiência com a excitação sexual durante o ato de amamentar é interpretada como uma sensação própria do corpo, porém que não deveria estar na relação mãe e filho.

Não que a minha intenção com meu filho mudasse do final para lá, que não fosse a alimentação. É lógico que eu iria continuar preocupada em manter nutrido, mesmo ele já recebendo alimentos e tudo mais. (GA1, E6)

Acho que isso [*a excitação sexual*] promoveu uma mudança na minha relação com a amamentação com ele. [...] Acho que eu fui sentindo que tinha sinais de que as coisas não estavam mais legais, assim. Acho que tem alguma coisa que eu estou projetando algo nessa relação mãe e filho que não deveria estar aqui. Não deveria ser esse o lugar, sabe?”. (GA1, E10)

Eu pedia a Deus para não sentir aquilo [*a excitação sexual*], porque era meu filho mamando, entendeu? Não era, vamos dizer assim, perversidade. Era o meu filho. Mas aí eu parei, teve uma hora que eu parei e falei “Cara isso não é por causa dele. Isso é coisa do meu corpo”. (GA1, E7)

Mas eu não consigo transferir isso [*a excitação sexual*], para ele, pelo fato dele ser meu filho. Eu sinto que é uma coisa do meu próprio corpo mesmo. (GA1, E9)

Diante disso, percebe-se que a vivência de excitação sexual ao amamentar foi vivenciada com muitas dúvidas, questionamentos, reflexões e busca de resposta para tal experiência. Nesse processo, evidenciou-se que a premissa levantada pelas participantes da possibilidade da vivência e do significado da excitação sexual em relação ao sexo do bebê ser diferente não é válida.

O fenômeno da excitação sexual ao amamentar é reconhecido como uma resposta do corpo feminino aos estímulos sexuais e dos aspectos que constitui a sexualidade. Por fim, no processo de reflexão e construção de símbolos e significados, o pensamento incestuoso é afastado e negado, estabelecendo apenas que a vivência da excitação sexual ao amamentar não deveria estar na relação mãe e filho.

3.2.4 Elaborando a vivência da excitação sexual e vivenciando sem saber o que era

Após as reflexões e busca de respostas para os questionamentos, as mulheres passam a elaborar com mais profundidade as primeiras sensações sentidas da excitação sexual ao amamentar. Dessa forma, as sensações físicas de excitação sexual durante a amamentação, para algumas mulheres, não foram associadas aos aspectos sexuais da experiência. Por isso, inicialmente a percepção dessas sensações corporais passaram despercebidas da relação com o ato de amamentar e foram vivenciadas sem saber bem o que era, conforme observado nos depoimentos, quais sejam:

Foi um, começou assim, na hora eu não percebi direito, mas ele estava mamando, mamando (GA1, E7)

Eu demorei muito para associar isso [*a sensação de prazer*] mais como uma coisa sexual. Eu sempre associei isso [*a excitação sexual*] como uma onda. Tipo uma coisa assim “tomei uma droga, uma coisa meio assim”. “Que onda foi essa?” (GA1, E8)

Eu falei ‘Nossa eu estou bem, hein?’ todo mundo diz que o negócio fica seco, todo mundo fala que ninguém quer ter relação sexual depois que tem filho. Eu estava em uma *vibe* contrária, eu estava achando que estava tudo bem nas primeiras vezes. A

primeira vez que eu senti [*a excitação sexual*] eu não estava relacionando à amamentação. Eu falei ‘Opa! O negócio está bom. Eu estou, maridão, cadê o maridão, vem cá? Vamos namorar’. Eu não estava, depois eu fui percebendo. (GA1, E11)

Porque é físico, né. Eu nunca imaginei que fosse do corpo mesmo. Eu achei que fosse uma coisa mais de estado de alma, mais prazeroso assim, sabe? (GA1, E4)

Além disso, a inexperiência da excitação sexual ao amamentar e o não desejo da vivência fizeram as mulheres ocultarem, de forma inconsciente, o processo de elaboração do que estavam sentindo. Percebe-se, por meio do relato das participantes, que a conscientização quanto aos aspectos que influenciaram na vivência da excitação sexual ao amamentar somente começou a ser motivo de reflexão com a participação da pesquisa ou quando as sensações físicas começaram a incomodar.

Mas eu não elaborei muito, eu não fiquei pensando muito nisso [*na excitação sexual ao amamentar*]. Eu acho que foi muito inconsciente. Eu estou elaborando agora, falando com você. Eu nunca tinha parado para ficar pensando sobre isso [*a excitação sexual*]. Eu não pensei muito na época sobre ela. (GA1, E10)

Então [risos] é, eu na verdade, eu nem tinha pensado muito sobre isso [*na excitação sexual ao amamentar*], quando na verdade você falou sobre essa situação e aí eu ‘gente não é que é, né?’. Quando eu começo a pensar mais nisso [*na excitação sexual ao amamentar*], é quando começa a me incomodar. [...] Quando me despertou, foi quando você falou e eu ‘gente olha só, eu nunca tinha parado para, sei lá, refletir, e esmiuçar isso, né? Pensar mais sobre isso [*a excitação sexual ao amamentar*]. Quando você traz essa questão. (GA2, E12)

Conforme observado acima, a excitação sexual ao amamentar não é algo esperado para ser vivenciado durante a amamentação, podendo passar despercebida nas primeiras experiências. O encontro consigo e a vivência da sexualidade feminina divergem do que foi idealizado para ser experienciado durante a amamentação. Como estratégia de fuga dessas sensações de excitação sexual, certas mulheres bloqueiam, de forma inconsciente, qualquer forma de manifestação, até mesmo os pensamentos sobre a experiência da excitação sexual ao amamentar.

3.2.5 A excitação sexual ao amamentar e as distintas repercussões na vida sexual do casal

Como evidenciado anteriormente, a excitação sexual ao amamentar manifesta-se de diferentes maneiras na vida e na sexualidade feminina. Nessa lógica, a vivência das sensações de excitação sexual também acaba influenciando na forma de agir e pensar sobre as demais

relações sociais que a mulher estabelece em seu dia a dia. Considerando as relações conjugais, essa experiência repercute de diferentes maneiras na vida sexual do casal, podendo ser de forma positiva ou negativa.

Desse modo, para algumas mulheres, a excitação sexual ao amamentar estimula e melhora as relações sexuais com o companheiro, também podendo ser utilizada como uma estratégia para solucionar o prazer iniciado durante a amamentação.

Se sinto excitação sexual na amamentação depois, eu tenho uma relação com o meu marido e fica tudo bem. Aproveitava que tudo estava meio caminho andado, né, meio encaminhado. Ficava mais relaxada e com a mente pensando um pouco nisso [*no prazer sexual*], aí acaba que depois a gente fazia sexo. Porque sexo é bom. E a tua relação com o teu parceiro melhora. Sempre que você faz sexo, você passa o dia bem, não tem briga. (GA1, E9)

Se eu tivesse com o meu marido em casa, eu teria relação com ele, quando tinha oportunidade também. Porque não necessariamente você amamenta e a criança dorme, às vezes, continua acordada. Então assim, quando dava, foi um mês bom de sexo, ele ficou feliz [risos]. Eu estava super bem disposta, né. Com certeza foi um mês que eu tive uma relação muito maior com o meu marido do que qualquer outro ao longo desses três anos [risos]. (GA1, E11)

E aí fosse uma tentativa de recolocar alguma coisa na relação com o companheiro, né. Não sei, estou pensando nisso agora. Estou cogitando isso agora. (GA2, E12)

Então, por você está ali, voltando o seu estímulo para começar a ter relação sexual, isso [*a sensação de prazer*] vai brotando de você. Aí, depois disso, que aconteceu isso [*a excitação sexual ao amamentar*] comigo eu fui percebendo que foi voltando a minha vontade de ter relação, que antes não estava. E depois disso, desse prazer que eu senti com ela, eu comecei, eu percebi que voltou, como se aflorasse de novo, entendeu? O estímulo para voltar ter sua vida sexual normal, entendeu? Então foi isso, a diferença que eu percebi. Como se fosse um estalo ‘Acorda!’ ou então aflorou, foi a diferença que eu senti. (GA2, E2)

Eu senti realmente era um prazer de contato mesmo e a sensação da vontade, entendeu? E realmente partir para uma atividade sexual e tudo mais. Um estímulo sexual, mesmo. É uma coisa que eu sinto com esse estímulo na mama, entendeu? [...] E, assim, para jogar para o casal é muito bom mesmo, porque a gente diminui mesmo a vontade. Aos poucos as coisas vão, né? Melhorando e aí você consegue estar pensando. Mas, assim, é uma possibilidade, né. É uma forma de se resolver. (GA2, E3)

No entanto, a forma de interpretar e agir com a vivência da excitação sexual pode repercutir negativamente na relação sexual com o companheiro. As sensações físicas geradas pela excitação podem ser consideradas como uma preliminar e o fato de ter iniciado durante a amamentação acaba gerando incômodo, podendo ocorrer a privação de ter relação sexual.

Eu não queria aquele sentimento de “poxa eu estou tendo relação com o pai dele [*do bebê*], mas começou essa vontade de ter relação com ele [*bebê*] mamando, eu não quero isso. Eu não quero ter esse pensamento. Entendeu? Eu só queria que aquilo [*a excitação sexual*] parasse, eu não queria sentir aquilo de jeito nenhum. E isso acarretou neste período de não ter vontade de ter relação com o pai dele, eu não

queria. Então, teve um período que eu fiquei algum tempinho sem ter relação. (GA1, E7)

Além dessa experiência ser incômoda, para determinadas mulheres a vivência de sensações de excitação sexual durante a amamentação foi interpretada como ruim e grave, pois, para elas, a excitação sexual estava sendo sentida com o filho e não com o parceiro. Nesse sentindo, percebe-se o quanto o sentir prazer consigo é desconfortável quando relacionada com a fonte de estímulo sexual.

Mas foi uma experiência muito estranha. Assim, no caso para mim foi muito ruim, porque não era qualquer pessoa. Não era o meu marido na época, né? Era o meu filho. (GA1, E7)

Então, acabou que naturalmente as coisas na minha cabeça se estabeleceram em forma de contraste, tipo “olha aqui que grave, eu não tenho vontade de transar com o meu marido, mas eu estou me sentindo excitada pelo meu filho, né.” (GA1, E10)

Outra repercussão da vivência da excitação sexual durante a amamentação na sexualidade das mulheres foi que uma parcela delas acabou sentindo que essas sensações de excitação sexual estavam substituindo a relação sexual com seus companheiros. Nesse sentindo, essas sensações foram descritas como uma satisfação no âmbito individual da sexualidade feminina, não gerando outras vontades.

E assim, às vezes, eu sentia, enquanto amamentava, essa sensação, que dá para dizer que é uma excitação sexual, mas não era uma coisa que me deixava com vontade de transar. Era uma sensação física, gostosa, mas que não me dava outras vontades. Ela era muito satisfeita em si mesma, sabe? (GA1, E8)

Como eu falei, nunca foi uma coisa assim dali eu tinha vontade de continuar, era quase que só uma, como eu vou dizer, não é relaxamento, mas era um prazerzinho, uma coisa gostosinha, sabe? [...] Eu comecei a sentir como algo que estava substituindo a relação sexual de fato com o meu marido. Mas aí começou a trazer esse, esse incômodo, né? De amamentar e sentir isso. E aí comecei ‘poxa. Será que isso tem a ver, né? Será que eu não estou deslocando essa energia? Será que eu não tinha que estar deslocando essa energia com o meu companheiro?’. Não sei, não sei se tem alguma coisa a ver com o fato de sentir que a relação sexual de fato com o companheiro estava espaçando mais, estava ficando mais escassa. E aí eu senti que de repente eu estava fazendo uma troca. (GA2, E12)

Apesar da satisfação individual vivenciada pela excitação sexual ao amamentar, algumas mulheres verbalizaram a pouca vontade de ter relação sexual com o companheiro nesta fase da maternidade. Além do período pós-parto apresentar modificações fisiológicas e adaptações hormonais e emocionais, as demandas e preocupações com o bebê contribuíram para diminuir a disposição sexual nesse período.

Eu demorei mais que 40 dias do resguardo para voltar a querer transar. [...] Assim eu quase não dormia, aquela privação de sono que me deixava meio que enlouquecida, cansada. Enfim, não tinha aquela disposição para ser sexual. (GA1, E8)

E assim, essa fase da vida, eu tive muita pouca vontade de ter relação sexual com o meu companheiro. No começo teve toda a questão do parto, né. De estar sensível, eu demorei para ter coragem depois. (GA1, E10)

Eu não queria nem fazer, eu fiquei assim tão ‘neurada’, que eu não queria fazer com a criança perto, estava em um quarto, eu queria ir para outro (risos). (GA1, E11)

Eu estava mantendo a minha vida sexual ainda que bem mais reduzida do que de costume, né. (GA2, E12)

Porque, quando a gente está amamentando, o prazer, como que eu vou falar, o teu apetite sexual, ele diminui um pouco, porque você fica mais voltada para a criança. Então, isso é normal, eu acho isso normal. (GA2, E2)

Além disso, a construção social do ser mãe assexuada durante a maternidade confronta a realidade vivida, conforme expresso em depoimento, qual seja:

Uma coisa que já aconteceu comigo que foi incômoda, foi, por exemplo, um dia que eu estava transando com o meu marido no nosso quarto e o meu filho acordou no quarto dele, chorando. Aí a gente teve que parar de transar e atender ele. E ele pedir para mamar, imediatamente. Aí eu ainda estava naquele estágio com o corpo meio à flor da pele. Aí colocar o bebê no peito para mamar foi uma sensação um pouco incômoda, um pouco desagradável, sabe? Tipo assim, respira fundo e tenta separar isso na minha cabeça. Mas para mim, foi estranho. Sair desse espaço de estar transando e ter imediatamente esse estímulo amamentando, que também é um estímulo em uma zona erógena. Ainda estou molhada, ainda estou me sentindo sexualmente excitada e aí tem um bebê mamando nesse momento. (GA1, E8)

Como se pode observar, o ato de amamentar após uma interrupção da relação sexual gera incômodo devido as sensações físicas do corpo estarem à ‘flor da pele’, pois a excitação sexual, independente da forma como foi estimulada, não se enquadra em nenhum tipo de sensação esperada socialmente durante a amamentação.

Outro aspecto apontado nos resultados deste estudo é sobre a retomada da vida sexual com o companheiro, na qual as mamas podem passar a ser uma região desconhecida por ambos na relação, gerando dúvidas sobre até que ponto podem ser estimuladas pelo outro. Para algumas mulheres as mamas se mantiveram como uma área erógena de estímulo e prazer. No entanto, devido à simbolização da mama ser uma região sagrada e exclusiva do bebê durante amamentação, algumas mulheres ou até mesmo os companheiros bloquearam a possibilidade do toque e da sucção da mama na relação sexual devido a saída de leite.

E aí quando eu voltei a transar, tinha uma coisa que tipo o que a gente faz com esses peitos agora, sabe? Tinha um certo receio dele, “posso mexer? não posso mexer? posso botar a mão, mas não posso botar a boca?”. Assim, ele gostava, por exemplo, dessa coisa de ter leite quando a gente estava transando. Eu fui descobrindo isso aos poucos. No início eu não sabia o que fazer. (GA1, E8)

Eu percebo que ele tem nervoso do leite, ele não põe a boca. Me incomoda um pouco, porque como eu gosto de ter esse estímulo pelo mamilo. Eu fico um pouco chateada, mas também nunca falei para ele, nunca falei. Mas assim, eu sinto falta do sexo normal sem ter o leite ali, porque ele quase não estimula o meu seio. (GA1, E9)

Podia encostar, depois que a amamentação fluiu assim melhor, eu acho, a minha fluiu bem rápido, assim, né? Que você não precisa de uma posição e não tem mais aquele cuidado todo com higiene. Depois dessa fase, eu acho que eu comecei a deixar ele tocar de novo, mas chupar de jeito nenhum. Eu tinha pânico de sair leite. Ele, para mim, falava que tudo bem, se saísse tudo bem, engolia um pouco, não tinha problema. Eu acho que ele ia achar bom, ele é super desencanado. Eu que ficava mais encanada. (GA1, E10)

Normal. Eu não tinha problema nenhum que ele me tocasse, pelo contrário, continuava sendo uma zona muito erógena, continuava sendo uma região que mais me estimula e não deixei de querer ou de ficar aflita, mesmo quando estava querendo parar com a amamentação, não me lembro de ter sentido diferença ou ter recusado alguma coisa nesse sentido. Acho que continuou normal. (GA2, E12)

Essa discussão de compartilhar a mama na relação sexual e ter a presença de leite é um assunto presente nas rodas de conversas e trocas de experiências das mulheres. Assim, algumas participantes do estudo relataram lembranças sobre mulheres e amigas que não gostavam dessa experiência, passando a considerar também uma área exclusiva para amamentação e do filho.

É, lembro que uma vez uma mulher perguntou assim “vaza leite enquanto vocês estão transando? Como vocês lidam com isso?” e algumas não gostavam, sentiam meio que desconfortáveis. Eu lembro que até uma delas falava que continuava de sutiã, enquanto estava transando (GA1, E8)

E as minhas amigas também, todas elas, quer dizer a maioria, enquanto estava amamentando não compartilhava o seio na hora da relação sexual, não. Meio que assim ‘aqui é do meu filho. Não bota, não mexe não, deixa quieto. Não bota a boca onde está limpinho, onde ele vai mamar não’. (GA1, E11)

É eu ouço alguns relatos de mulheres que falavam: ‘ah, o marido reclamava do cheiro de leite’. Ele nunca se queixou disso. (GA2, E12)

Perante o exposto, as repercussões na vida sexual do casal a partir da vivência da excitação sexual ao amamentar são inúmeras e, por vezes, opostas, conforme a percepção individual de cada mulher sobre a experiência e sua sexualidade. Assim, os resultados deste estudo apontaram as mais frequentes, como: melhora no relacionamento sexual, privação de ter relação sexual pelo prazer ter iniciado antes e não com o companheiro, incômodo por sentir excitação sexual na amamentação e não com o marido, percepção que a vivência da excitação sexual ao amamentar poderia estar substituindo as relações sexuais com o companheiro, disposição sexual diminuída pelas demandas e cuidados com o bebê, confirmação dos significados das mamas como sendo uma região exclusiva e protegida pelo bebê e a presença de leite materno nas relações sexuais podendo incomodar ou não.

Por fim, observa-se que todas essas formas de viver a sexualidade conjugal neste período da amamentação apresentam símbolos e significados construídos com base na socialização da amamentação, pois o desconforto de sentir prazer com o seu próprio corpo

foram mais evidentes, independente de qual tenha sido o estímulo inicial para a vivência da excitação sexual ao amamentar.

3.3 Significando, sentindo e agindo, de diferentes formas, a vivência da excitação sexual ao amamentar

A vivência da excitação sexual ao amamentar apresenta diversos símbolos, significados, interpretações e formas diferentes de agir frente a tal situação. Os significados são construídos com base na experiência individual e coletiva de cada mulher, podendo ser de forma positiva ou negativa. Com isso, as mulheres passam a vivenciar ambiguidade de sentimentos, até tomarem uma atitude de escolha de como agir. Dessa forma, esta categoria irá apresentar as seguintes subcategorias: significando, de diferentes maneiras, a vivência da excitação sexual ao amamentar; agindo de distintas formas com a vivência da excitação sexual ao amamentar.

3.3.1 Significando, de diferentes maneiras, a vivência da excitação sexual ao amamentar

Para algumas mulheres, as sensações de excitação sexual experimentada ao amamentar tiveram um significado positivo, com base na compreensão da fisiologia da excitação sexual. Representaram um momento que faz parte da vida e da história da amamentação, por estarem associada à uma resposta corporal provocada pelo estímulo na mama durante o ato de amamentar. Além disso, por compreender um processo fisiológico e natural, as sensações físicas da excitação sexual não geraram incômodo durante a amamentação para algumas das participantes do estudo.

Mas isso para mim sempre teve uma conotação muito positiva, sabe? Do meu corpo, sendo bom. Significou acho que faz parte da minha vida. Não tem significado próprio, sabe? Sentir excitação sexual ao amamentar é isso. Foi uma das coisas que fez parte da minha história da amamentação. (GA1, E8)

Mas não é uma coisa que me incomoda, quando eu sinto essa excitação. Eu não sei te explicar exatamente o que significa. É na minha cabeça é que eu estou com vontade, é isso. Aí, agora relacionado à amamentação, acho que é do corpo mesmo, acho que é natural do corpo, natural da mulher, assim. Que ela pode passar por isso ou não, né. Eu acho gostoso, eu acho que é do corpo, acho muito bom. (GA1, E9)

Era um símbolo, de uma simbolização de um momento da vida. De sentir não incômodo, mas de muito prazer com aquilo. Faz parte de um momento da vida muito prazeroso assim, entendeu? (GA1, E10)

Assim, não era uma coisa que me, como vou dizer, é que me incomodava ou que trazia exatamente uma grande satisfação. Era quase que um processo fisiológico, quase que como uma coisa natural, normal, ok. E vamos lá. Vida que segue. Isso não me produzia nenhum desconforto em sentir isso. (GA2, E12)

No entanto, para determinadas mulheres, vivenciar as sensações de excitação sexual durante a amamentação, de forma individualizada e com o seu próprio corpo, ainda pode ser visualizada como algo absurdo, surreal, desconfortável, ruim, bizarro e horrível. Essa experiência significou uma sensação errada para ser sentida naquele momento da amamentação, conforme se pode observar:

Eu achava um absurdo, surreal, eu sentir isso. Significou que não era uma coisa correta de sentir, eu não acho certo, apesar de eu saber que é natural. (GA1, E6)

Mas foi uma experiência muito estranha. Assim, no caso para mim foi muito ruim, porque não era qualquer pessoa, era o meu filho. [...] Para mim, foi a pior coisa do mundo, sinceridade. Eu, assim, eu não desejo isso para ninguém, não desejo. Significou para mim, assim, tem hora que eu até me arrependo de ter amamentado. Por ter começado a sentir essas coisas, mas assim para mim significa que foi um momento ruim na vida e na amamentação. (GA1, E7)

Aí na hora eu achei muito estranho. Eu falei tipo assim “nossa! Que estranho eu sentir isso. Será que eu podia sentir isso, sabe? Depois foi tipo “opa! Acho que isso não poderia estar acontecendo, acho que isso significa que tem alguma coisa errada, sabe? (GA1, E10)

Então, aquilo gerava muito desconforto psicológico. Mas na época era bem confuso mesmo. É amamentar e ficar lubrificada, começar a escorrer lubrificação da vagina e você falar ‘opa o que está acontecendo? Minha calcinha está molhada e eu estou com vontade de ter relação sexual. Como assim?’. Bizarro, não é legal. (GA1, E11)

E aí, aos poucos, você consegue rever a situação, mas no primeiro momento é super impactante, né. Então, é difícil, é bem difícil para gente dar conta (risos). Nesse primeiro momento você se choca e tem uma sensação ruim mesmo “como que eu estou sentindo isso com o meu filho?” (GA2, E3)

Diante desse processo de vivência e significações da excitação sexual ao amamentar, percebe-se que as mulheres passam a sentir um misto de sensações, ora positivas, ora negativas. A influência dos hormônios, a mudança de rotina e os questionamentos sobre a vivência da excitação sexual ao amamentar oportunizaram essa reflexão e oscilação de sensações, conforme se pode perceber:

Mas ao mesmo tempo foi uma experiência ruim, mas foi uma experiência boa. Porque vamos dizer assim, eu descobri que isso pode acontecer, entendeu? Mas foi ruim por tudo que aconteceu. Eu não queria sentir. (GA1, E7)

Enfim, com toda essa cascata de hormônios que a gente sabe que acontece, acho que assim, é espero que a gente sinta alguma coisa, as vezes melhor, as vezes pior. Então, tem várias sensações, sabe? Tantas coisas boas e ruins. Até porque eu não senti só isso, eu senti prazer até a perturbação, assim. (GA1, E8)

Então foi essa mistura de sentimento que acho que é normal, né? Também que quando você tem um bebê. Que muda a rotina, que muda tudo. (GA1, E9)

Na verdade, quando a amamentação começou a efetivar e eu senti essa sensação boa, né? que ao mesmo tempo a gente achava que era ruim, eu achava que era ruim porque estava vinculado ao meu filho [...] no primeiro momento é super impactante, né? Você fica assim “aí meu Deus como que estou sentindo isso com a minha filha?” né? [...] Então, é difícil, é bem difícil para gente dar conta (risos). (GA2, E3)

Dessa maneira, no que concerne às sensações positivas, evidenciou-se que essa experiência esteve relacionada com o momento em que as mulheres se encontravam. Assim, foi possível observar nos discursos de algumas participantes que elas se sentiram calmas, relaxadas, preenchidas e leves com a excitação sexual ao amamentar.

É uma sensação muito boa, você fica leve, você relaxa, relaxa totalmente seu corpo. Você se doa. É um momento único, que você se doa, você se entrega aquele momento. (GA2, E2)

Acho que é um bem-estar também, [...] me sinto bem. Então, deve ser da ocitocina, me sinto relaxada, me sinto entregue. (GA1, E4)

Sabe aquela coisa de plenitude? É isso que eu sinto. [...] É uma coisa que te deixa leve, é uma sensação gostosa que te deixa leve. (GA2, E5)

No entanto, apesar da simbolização da experiência da excitação sexual ao amamentar ser diferente para algumas mulheres, os sentimentos vivenciados foram negativos e semelhantes. Dessa forma, foi frequente observar, nos depoimentos das participantes deste estudo, sentimentos como: nervoso, raiva, revolta, irritação, perturbação, incômodo, angústia, aflição, culpa, agonia devido às manifestações corporais das sensações de excitação sexual ao amamentar e pela percepção da apropriação do corpo feminino durante amamentação.

Sentia, mas para mim era só aquele nervoso de dar o peito. [...] Aí me causou um pouco de revolta, né. Mas um sentimento meio que triste e revoltante, ao mesmo tempo. [...] E também um pouco de raiva porque ao mesmo tempo que eu queria amamentar o meu filho, eu não queria, porque eu não queria mais sentir essa sensação. (GA1, E7).

Eu passei uma época sentindo uma coisa que a gente chama de “perturbação na amamentação”. Ela se manifesta por meio de uma sensação física também. Assim, um nervoso na hora que o bebê está mamando. Fica um incômodo sabe, de estar sentindo aquela ordena que você sente, ela passa a incomodar, não dói. (GA1, E8)

E aí eu tive essa sensação, aí eu tive um período de estresse mesmo e falei: “ah, não aguento mais amamentar” e sentir essa excitação [...] É no primeiro momento que eu senti assim, um pouco, aquela sensação que eu falei de ter um nervoso, uma mistura de nojo, de “ah, como que pode eu estar sentindo isso, mas é o bebê que está me tocando, que eu estou amamentando”.[...] É um estresse. É uma coisa por dentro. Eu

não sei descrever assim. Porque é um nervoso assim, não é aquele nervoso bom da excitação assim, é, é quando você sente raiva de você mesmo. (GA1, E9)

Nesse dia específico que eu senti a excitação eu não sei assim muito dizer, porque é eu acho que é um sentimento meio que estranhamento, meio que de culpa, de achar que aquilo é errado. [...] Então, aflição é a única palavra que consigo pensar. Era essa a sensação para mim, era muito aflitivo. Me subia o sangue. A sensação era totalmente física, de sentir incômodo no toque, de sentir incômodo na sucção. (GA1, E10)

Então, como você fica excitada? Muito excitada, né. Me senti meio que extraterreste, vamos dizer assim. Meio fora do padrão. Meio doída, né. É uma coisa realmente perturbadora. Vamos ver o que a palavra perturbador significa, significa desconfortável, né, com aquela situação. Te dá uma aflição. Porque é perturbador. Então, assim acho que isso já diz tudo. Não sentia culpa, eu sentia perturbação com aquilo. (GA1, E11)

Aí começou a me incomodar, né, por volta dos 3 anos. É começou me dar uma certa angústia. Começou a me dar agonia nesses momentos que eu estava entendendo que não era mais um momento de ser a hora de amamentar. (GA2, E12)

E ele ficava só passando a boca, lambendo e aquilo estava me deixando com muita aflição. Aí eu fechei os olhos, comecei a chorar e comecei a pensar “o que será que está acontecendo?” [...] E aí me deu esse, esse, quase um *insight* que eu estava com medo de sentir prazer, estava com medo de relaxar e me entregar. E aí foi muito louco eu até depois escrevi sobre isso. (GA1, E4)

Quando questionadas sobre o que significou a vivência da excitação sexual ao amamentar associados com os sentimentos negativos de “perturbação materna”, identificou-se uma ressignificação da experiência. Assim, para algumas participantes deste estudo, ocorreu um processo de conectar-se consigo e despertar-se como mulher, necessitando resgatar o espaço e o corpo para si.

Eu estava começando a me despertar como mulher [...] e na minha cabeça eu tinha que começar a viver como mulher, né? Porque eu amamentando, eu não conseguia me relacionar com ninguém. Aí eu dizia para meu filho quando ele procurava o peito “não dá. Agora mamãe é mulher, né? É mulher e isso não é uma região para isso”. (GA1, E6)

E acho que foi um momento muito para mim, de marcar tipo assim “o meu peito é meu”.[...] Mas eu acho que ela significou isso que ao mesmo tempo era muito prazerosa, mas ao mesmo tempo uma necessidade de voltar a ter meu espaço como mulher, assim sabe.[...] Então, eu acho que me despertou para esse outro lado assim, da minha existência, né, de não ser só mãe. Mas assim, de ser uma mulher, de sentir prazer e tal. Então, foi muito uma sensação de meu corpo precisa ser meu, sabe. [...] E foi juntando e foi me dando essa sensação de esgotamento, de eu quero o meu corpo para mim, entendeu? Eu acho que talvez essa experiência da excitação tenha me mostrado um pouco isso (GA1, E10)

Eu achava que eu poderia estar vivendo isso por ser uma forma de tentar voltar a minha vida, sair daquela situação de mãe, daquela coisa e viver o que eu viva antes. Então, na época a minha mente falou assim ‘isso aqui deve ser uma reação da minha mente de querer voltar a ser o que eu era, resgatar essa pessoa que eu era, por isso que eu estou assim’. (GA1, E11)

Nesse processo de resgatar o corpo para si e não querer sentir as sensações de excitação sexual ao amamentar, essa experiência passou a ser interpretada como uma invasão do corpo feminino ou até mesmo comparada com um tipo de violência sexual. Assim, para algumas mulheres, começa a existir o desejo em não serem mais tocadas e de não dividirem o corpo com o filho para a amamentação.

A sensação mais horrível, mais invasiva do mundo é alguém te tocar enquanto você não quer ser tocado. Um lugar que você não quer ser tocado, é uma sensação horrível. Então, foi essa a sensação que eu senti assim, que alguém estava me invadindo. [...] Eu não quero mais que esse corpo seja dividido com esse mini serzinho (risos). Quero que ele seja meu. (GA1, E10)

Acho que isso começou a ser incômodo, de eu começar a me sentir quase que invadida, ou meio que assim um objeto, sabe? [...] Acho que é isso, nesse momento que começou a me dar essa angústia de eu começar a entender aquele momento como não sendo um momento que eu queria amamentar. E aí ela insistia, eu quase me sentia como um objeto, aí me sentia quase que uma vaca leiteira (risos), né? Uma coisa assim, como se você tivesse uma submissão, né, você tem que ceder, você tem que obedecer aquela vontade do outro, que não é a minha, né? Aí isso, é quase quando alguém quer transar e você não quer transar. Eu não estou na onda. E se você se força, e se você se permite, né, acho que é um pouco nesse sentido. Claro que nas devidas proporções, né. (GA2, E12)

Por fim, evidenciou-se que os significados atribuídos por mulheres à vivência da excitação sexual ao amamentar foram distintos. Dessa forma, para algumas mulheres significou ser uma resposta corporal e hormonal que faz parte da vida e da história da amamentação. Já para outras participantes significou como uma sensação errada para ser sentida durante a amamentação, envolvida por mistos de sentimentos.

Foi comum, além disso, perceber a vivência de sentimentos negativos independente dos significados que a vivência da excitação sexual representou para cada mulher. Diante disso, a experiência da excitação sexual foi interpretada como uma invasão do corpo feminino que serviu para ressignificar através da necessidade de resgatar o corpo para si.

3.3.2 Agindo, de distintas formas, com a vivência da excitação sexual ao amamentar

Com a vivência da excitação sexual ao amamentar, as mulheres passaram a criar linhas de ação, conforme os significados que a experiência apresentou para cada uma. Em um primeiro momento, ao perceberem as sensações físicas sentidas durante o estímulo e a excitação sexual ao amamentar, algumas mulheres permitiram-se deixar fluir, rolar e

acontecer, passando a conhecer essa nova sensação de excitação sexual, até então desconhecida, neste contexto da amamentação, conforme se pode observar:

Foi como aconteceu. E era bom, e rolou e deixou de rolar. E tudo bem. (GA1, E8)

Ah, eu deixo. Eu não me travo. Eu deixo acontecer (GA1, E9)

Mas eu acho que primeiro foi uma sensação de deixar fluir assim, tipo “nossa! Que prazeroso, que gostoso”. (GA1, E10)

E aí eu sentia e era ok, eu estou sentindo, ok, e estava tudo bem. E vamos lá. Vida que segue. Eu percebia que eu ficava excitada e só, e pronto e ok. Simplesmente me permitia sentir e sentia, e ok. (GA2, E12)

Então essa sensação é muito boa. Então, você relaxa, você se doa naquele momento, você esquece do mundo. Entendeu? (GA2, E3)

Eu deixei rolar. E achava bom quando acontecia. (GA2, E5)

No entanto, essa forma de ação foi sendo modificada a cada vivência durante o processo de resignificação. Assim, evidenciou-se que para algumas mulheres surgiu, após a percepção do que estavam vivenciando, um sentimento de repulsa, de constrangimento e uma vontade de retirar o bebê do peito, como uma maneira de barrar imediatamente com as sensações fortes de excitação sexual ao amamentar.

Você sente o prazer e você sente um pouco de querer afastar a criança, né? Com o objetivo de não querer sentir aquilo. Esse prazer, né, que é um prazer diferente de ser mãe, do prazer de estar oferecendo, né. (GA2, E3)

[...] Eu, no momento, eu puxei, mas depois ela pediu e eu dei de novo, porque eu vi que, que não era o de costume dela fazer aquilo. Então, ela pegou, foi um... até o momento que a cabecinha dela virou e... e... aconteceu. Mas, eu também não esquivei ela de mamar, eu deixei ela mamando, a gente dormiu. (GA2, E2)

Já quase rasguei o meu peito, porque teve um dia que veio tão forte, não teve aquele começo não, veio na hora mesmo. Que eu fiz assim com a boca dele [movimento de retirar do peito], ele já tinha os dentinhos, tirei o peito fora. Aí ele começou a chorar, chorar, chorar. (GA1, E7)

Mas assim é uma sensação muito forte, enquanto o bebê está mamando, tipo ‘eu não aguento mais amamentar. Eu preciso arrancar essa criança do meu peito. De qualquer jeito’. É um incômodo muito grande enquanto você está amamentando. Assim, quase uma raiva do bebê. Desagradável. E aí, eu tentava, meu filho já era mais velho, aí eu tentava tirar o peito dele, aí ele virava a cabeça e gemia e tentava pegar de novo. (GA1, E8)

Porque assim, já chegou, teve dias assim, de eu tirar ele do peito, não sei, de estar me sentindo meio que constrangida. [...] A palavra não é nojo, mas é uma repulsazinha assim da situação, nem do bebê e nem da excitação. Aí você fica “ai credo!” (GA1, E9)

De tipo assim, o bebê está aqui mamando e você está assim “que saco!” Sabe que dá uma vontade de empurrar a criança. Então, quando eu comecei a sentir essa sensação de “ahhhhaa”, vontade de arrancar essa criança daqui e jogar longe. (GA1, E10)

É como se na hora que ela fosse sugar aí vinha aquela excitação, vinha a excitação no corpo, mas ao mesmo tempo um instinto de repulsa. Eu não queria, não sei se o momento, acho que eu não consigo muito bem descrever o que eu sentia, mas tinha uma estimulação física, tinha uma sensação física no corpo físico, mas a cabeça sentia diferente. A cabeça não queria aquela sensação. (GA2, E12)

Algumas participantes também passaram a perceber uma relação para além do que se desejava devido à vivência da excitação sexual no período da amamentação. Essa percepção foi um compilado de experiências que envolveu desde a reflexão sobre a apropriação do corpo feminino até os significados da vivência das sensações de excitação sexual ao amamentar. Dessa forma, algumas mulheres começaram a estabelecer limites no seu corpo como uma estratégia de resgate de si mesma e como uma barreira para não sentir novamente as sensações de excitação sexual ao amamentar.

Porque tem relatos de mães que amamentam até 4, 5 anos, 6 anos de idade. Isso não foi o meu planejamento. Então, eu já tinha na minha mente já como seria. É o quanto eu me daria e, acima de tudo, os limites que eu tinha que me respeitar, entendeu? (GA1, E6)

É claro que a mulher pode fazer vários combinados e, enfim, decidir passar a ter uma discussão sobre o limite do corpo do outro, com o próprio filho através da amamentação. Então, eu fiz muito isso com o meu filho. (GA1, E8)

Essa relação estava indo além de um limite que eu desejava ou imaginava, sei lá. Para mim era muito prazeroso, mas foi uma época que eu comecei a querer colocar um limite de dizer tipo assim “não, sabe. Esse peito é meu. Eu quero dar para ele quando eu quiser (risos). Não é seu”. (GA1, E10)

Associado a isso, toda a forma de estímulo sexual na mama pode dar vazão a vivência da excitação sexual experimentada ao amamentar. A compreensão sobre a sensibilidade da região aréola-mamilar contribuiu para evitar a excitação sexual ao amamentar, por vezes chamada como “nervoso” ou simbolizada como inapropriada para aquele momento. Com isso, pode-se observar nos discursos que algumas mulheres não deixavam o bebê mexer no outro mamilo enquanto eram amamentados. Essa forma de agir também foi compartilhada por meio de experiências coletivas com amigas e irmãs.

E ele segura o outro peito, ele mama em um peito e segura no outro, e roda o biquinho (risos). Ele pinta e borda. Então (risos) se você tiver muito relaxada, nem tem nem como. (GA1, E9)

E aí começou aquela época de querer pegar o outro mamilo enquanto mamava. “Putz cara, isso para mim foi enlouquecedor, era aflitivo”. Mas também tinha essa relação, que se eu deixasse fluir causasse um certo prazer, uma excitação. (GA1, E10)

Eu também não o deixava mexer no meu, não. Porque poderia dar excitação. Então, ele mamava e ficava com a mãozinha aqui. Tem alguns que querem ficar apertando o outro, eu não deixava não. “Saí fora! Passar por isso de novo” (risos). Mas algumas amigas falavam: “Ah, eu não aguento porque meu filho fica mamando e

quer ficar apertando o outro peito. Aí me dá um nervoso”. E eu pensava “Sim. Sei que é nervoso. Sei o que é esse nervoso, provavelmente é uma excitação que as pessoas mudam para nervoso a palavra” (risos). Eu já nem deixo para não correr o risco. (GA1, E11)

Ela sempre teve a mania de querer brincar com o mamilo, mas não enquanto eu estava amamentando. Era tipo assim: ‘ah, ela está querendo mamar’. Ela começa a querer mexer. Isso eu nunca gostei muito, porque me excita. [...] Com a minha irmã, o meu sobrinho mama no peito e outro peito fica para fora, e ele fazendo assim (sinal de torcer). Gente do céu! Isso eu não conseguiria nunca na vida deixar. Mas é isso, é uma excitação meio que, é uma excitação que é esquisita. É como se fosse inapropriada. Não sei muito como nomear. Então, eu nunca gostei e nunca permiti muito que ela fizesse isso. Entendeu? (GA2, E12)

Outra estratégia de ação utilizada por algumas mulheres com o objetivo de bloquear as sensações por não quererem sentir novamente a excitação sexual experimentadas ao amamentar foi deixar o filho de lado. Assim, conforme os depoimentos, evidenciou-se que a excitação sexual ao amamentar interferiu negativamente na manutenção do vínculo e na privação por um determinado tempo da amamentação.

Eu já estava meio que deixando o meu filho de lado, entendeu? Só para ele não ter que vir pegar o peito. Aí eu já estava ficando meio que neurótica com aquilo. Tinha dias que eu o deixava chorando, chorando, chorando. [...] Eu privei o meu filho de mamar, entendeu? Eu me sentia muito mal, porque a criança está lá chorando. Você sabe que ele quer o peito. (GA1, E7)

Mas quando estava muito forte, eu já coloquei ele no berço e fui fazer outras coisas, porque estava me incomodando muito. Assim, me deu um arrepio forte, uma coisa “ai, não quero amamentar mais hoje”. (GA1, E9)

Ou eu nem permitia ou se eu permitia, se eu começasse amamentar tipo mama um pouco e chegou, vamos fazer alguma outra coisa. Está bom, já. (GA2, E12)

Dessa forma, outra maneira de lidar com as sensações de excitação sexual ao amamentar foi bloqueando-as. Assim, outras estratégias e linhas de ação foram construídas para tolher e frear as sensações de excitação sexual ao amamentar, descritas pelas participantes como “trancar as pernas” ou “colocar um travesseiro no meio delas, respirar fundo e pensar em outras coisas com foco na amamentação e no bebê”, “introduzir outros alimentos para diminuir o tempo da amamentação e conseqüentemente a chance de vir a sentir novamente a excitação sexual ao amamentar”, “desligar a mente e segurar a onda”.

Destaca-se que essas diferentes linhas de ação foram realizadas de maneira racional e prática, conforme se pode observar:

Então, eu desligava minha mente, dava um bloqueio, entendeu? Vamos bloquear o meu corpo de alguma forma para não dar vazão. A minha mente tem um controle sobre o meu corpo. Eu pensava assim. Então, eu tentava literalmente domar mesmo, tolher essa sensação, né? (GA1, E6)

Aí eu ficava assim, tinha hora que vinha com tanta, tanta força que eu fechava o olho, trancava as pernas e abraçava ele assim, fazia de tudo para ele soltar o peito. [...] Aí eu tinha que ficar dando banana amassada direto, maçã, tudo. Enfiava comida nele, fruta, para ele mamar o mínimo possível. Que aí eu não chegava sentir tanto, sentia só o comecinho e depois ele dormia e largava (GA1, E7)

Então, é meio que respirar fundo, tentar centrar no momento, da amamentação. No bebê. E esperar. (GA1, E8)

E aí eu fico excitada, mas logo passava porque eu começo a pensar em outras coisas. (GA1, E9)

Depois eu acho que veio outras vezes, mas eu bloqueei mais rápido, entendeu. Tipo veio e eu pensei “eu não posso sentir isso amamentando”. E eu sou uma pessoa bastante controlada em termos de bloqueios, eu consigo tipo assim “não vou pensar nisso agora” (risos) e faço um bloqueio mental, sabe. E aí eu acho que eu produzi esse bloqueio depois dessa situação e não pensei mais nisso. E continuei amamentando. [...] Então, foi uma sensação de se reprimir, de se auto reprimir e de falar “não. Isso não é legal”, entendeu? [...] E eu não queria mais que isso acontecesse, entendeu? Eu freei essa possibilidade. (GA1, E10)

Eu acho que tinha que abafar, não tinha o que fazer, né? Eu segurava a onda lá, tentando me concentrar em outras coisas. Não deixei fluir nada, não. [...] Ele continuava mamando, mas ficava lá sob controle (risos) (GA1, E11)

E aí depois quando eu comecei a associar com outras coisas é que eu consegui dar conta do aleitamento, tanto que elas mamaram bastante tempo. (GA2, E3)

Além disso, observou-se que o processo de ressignificação dos símbolos referente à vivência da excitação sexual ao amamentar e a construção de estratégias para evitar e bloquear tais sensações e os sentimentos de perturbação materna e irritação não foram suficientes para inibir tais sensações. Diante disso, pode-se observar, conforme os depoimentos, que a vivência da excitação sexual contribuiu para a decisão de desmame gradual.

Aí eu fui e parei, entendeu? Aí eu falei “vamos parar” e ele pedindo muito, ele pedia muito. Aí eu falava “não, ‘pupu’ foi passear. Já está com dois anos. (GA1, E6)

Aos 3 anos ele só mamava a noite, só para dormir. Aí eu fui lá, conversei com ele falei que não era para mamar mais. Fui conversando com ele. Aí, não sei o que eu fiz a troca com ele. Que ele fez na boa. (GA1, E7)

O desmame foi acontecer muito mais para frente e o desmame teve muito mais a ver com a mãozinha. E algumas mulheres falavam assim para mim “cuidado, às vezes, você desmama, mas a mãozinha não desmama” (risos). Então, a gente começou a fazer o desmame gradual. E foi primeiro de noite, e aí eu falei: “ah! É a hora”. Tipo agora vai. Aí foi isso, quando ele veio pedir eu falei: “ah, o leite da mamãe acabou, você já bebeu tudo”. (GA1, E10)

Mas talvez, pode ser que tenha sido um pouco nesse sentido que eu tenha decidido parar de amamentar, né? Porque foi eu que estabeleci essa parada; acho que pela minha filha, ela estaria mamando, ela está com quase 4 anos e meio, ela estaria até hoje. (GA2, E12)

Neste contexto, o desmame gradual apresentou influência do ambiente social de convívio das mulheres, observando-se uma pressão social para tal ação. Dessa forma, algumas mulheres passaram a ouvir discursos nocivos e de manutenção de um paradigma que sustenta a ideia de que a amamentação prolongada não é saudável, baseada em preconceito ao ser expressa como um problema sexual e uma necessidade apenas materna, como fica claro nos depoimentos das participantes deste estudo:

Eu lembro que já vi isso escrito em blog de pediatra, sabe? A mulher que continua amamentando depois de um ano, são mulheres frustradas sexualmente, que estão se aproveitando de seus bebês para sentir prazer. Mas dizendo isso mesmo, sabe? A mulher que continua amamentar depois de um ano, ela está fazendo isso para o seu próprio gozo. [...] Eu acho muito cruel esse discurso. Até porque a gente vive numa cultura que tem muito preconceito com a amamentação prolongada. Eu ouvi várias vezes assim: “você continua amamentando essa criança?”, “ah, ele já é muito grandinho para mamar”, sabe? É então, acho que a gente tem que ser cuidadoso quanto a isso. Porque esse discurso é cruel com as mulheres e com as crianças que merecem continuar serem amamentadas, enquanto elas precisarem. (GA1, E8)

E aí entrou uma paranoia porque a minha pediatra falava um pouco e eu acho que já tinha escutado algumas pessoas, psicólogas: “ah, amamentação prolongada não é legal, a criança começa ver no peito da mãe um objeto erótico”. Sei lá, não sei se os termos são esses (risos). Ele já estava com 10 meses, né. Eu amamentei até 1 ano e 7. Mas 10 meses já é uma idade que as pessoas começaram falar, “mas ainda mama? Tão grande, já come, não precisa mais mamar e tal”. [...] eu acho que estava influenciada por esse discurso mais psicanalítico de algumas pessoas. (GA1, E10)

Essa visão da amamentação prolongada associada como a vivência da excitação sexual ao amamentar é considerada por algumas mulheres como algo errado e inimaginável, reforçando a tomada de decisão do bloqueio das sensações de excitação sexual ao amamentar e do desmame gradual.

Eu não acho correto a criança ser utilizada como uma fonte de prazer, de colocar o filho para amamentar e eu estou sentindo. Nesse sentindo, eu não acho correto, né. [...] O que você vai fazer com isso daqui para frente? Você vai querer ficar se excitando com o seu filho no seu peito? Ou você vai lidar com isso de forma sincera consigo mesmo. E interromper isso. Ou você vai ficar usando o seu filho para se excitar. Isso que na minha opinião é horróroso, né? (GA1, E6)

Assim, eu não consigo imaginar uma mulher que continue amamentando para sentir prazer sexual (pensamentos). Pode ter um caso de uma mulher que viveu isso? Claro que pode. (GA1, E8)

Diante do exposto, evidenciou-se que a forma de lidar com a vivência da excitação sexual ao amamentar foi de diferentes maneiras, conforme o processo de interação social individual e coletivo de cada mulher. Dessa forma, foi possível observar que, em um primeiro momento, algumas mulheres permitiram-se conhecer as sensações físicas de excitação sexual experimentadas ao amamentar, deixando-as fluir, rolar, acontecer e passar.

No decorrer da vivência da amamentação e ressignificação sobre suas experiências, a excitação sexual se tornou inapropriada para o momento da amamentação, surgindo um sentimento de repulsa e conseqüentemente a vontade de retirar o bebê do peito, a necessidade de estabelecer limites com o corpo, a proibição do toque no outro mamilo durante amamentação, a privação temporária da amamentação com o ato de deixar o filho de lado e a utilização de estratégias de bloqueio das sensações físicas de excitação sexual ao amamentar. No entanto, todas essas ações e formas de agir não foram suficientes para tolher as sensações de excitação sexual ao amamentar acompanhadas dos sentimentos de perturbação ou irritação materna, apresentando como desfecho final o desmame gradual.

3.4 Reconhecendo as barreiras para dialogar sobre a excitação sexual ao amamentar

Reconhecer a vivência da excitação sexual ao amamentar demanda coragem para iniciar a quebra de um paradigma construído com base na socialização da amamentação e na sacralização da maternidade. Dessa forma, essa categoria irá apresentar algumas barreiras na comunicação e na interação social que prejudicam a desmistificação que envolve a sexualidade feminina neste período. Assim, iremos abordar as seguintes subcategorias: a influência do não compartilhar e a (des)informação da experiência da excitação sexual ao amamentar; compartilhando e comunicando-se sobre a possibilidade da vivência da excitação sexual ao amamentar.

3.4.1 A influência do não compartilhar e a (des)informação da experiência da excitação sexual ao amamentar

Os símbolos e significados construídos sobre a vivência da excitação sexual ao amamentar passam a repercutir na comunicação da experiência. Nesse sentido, evidenciou-se, como se pode observar nos depoimentos, que as mulheres que significaram a excitação sexual como inadequada para o momento da amamentação não compartilharam tal experiência com o marido, os familiares ou as amigas.

Não. Não. Nunca falei para ninguém. (GA1, E6)

Aí eu tinha uma hora que até queria falar com o pai dele, mas na hora eu nem falei nada, porque vai que o pai dele ache estranho, né? Ai eu não falei nada. Fiquei guardando para mim. Porque nem eu queria que aquilo acontecesse. Então, eu não queria que ninguém soubesse. Não queria. [silêncio] (GA1, E7)

Eu nunca falei para ele. (GA1, E10)

Então, eu não comentei com ninguém da minha família e com ninguém porque eu acho que realmente é uma coisa muito estranha. [...] E a pessoa fica totalmente sem apoio, porque eu não falei isso com meu marido, eu não falei isso com minha mãe. (GA1, E11)

E aí eu acho que eu sentia e eu não falei, e era ok, eu estou sentindo, ok, e estava tudo bem. E vamos lá. Vida que segue. (GA2, E12)

É sabido que discutir sobre a excitação sexual ao amamentar pode trazer um certo estranhamento para muitas pessoas devido ao ocultamento e tabus presente na sociedade. Diante disso, para as mulheres que não compartilharam a vivência da excitação sexual ao amamentar, se observou o medo de julgamento, a vergonha, o constrangimento e a preocupação do que as pessoas pensariam sobre tal experiência.

Não queria que ninguém soubesse, porque na minha visão se eu fosse comentar com alguém, a pessoa ia olhar na minha cara e falar “você é louca”, você.., “como você sente prazer com teu filho mamando?” você é o quê? Você é louca? Não está batendo bem. Então ficava com aquilo na cabeça, entendeu? Com aquele medo, com a preocupação do que as pessoas vão falar, por isso eu não procurei ninguém, e não falei nada. (GA1, E7)

Não, fiquei com vergonha. (GA1, E10)

Enfim, não sei como isso na família soaria um tanto como estranho. (GA1, E11)

[...] eu fiquei, assim, meio constrangida de falar e não falei, não. (GA2, E2)

[...] Acho que a gente sente um pouco de vergonha, né. Aí tipo assim, a minha mãe era uma pessoa que estava muito presente, mas eu não cheguei a falar. Não falei nada. Até porque a minha mãe é muito conservadora, né? Então, você fica assim “como será que ela vai receber essa informação?” E aí tem muita coisa que acaba não comentando mesmo, né? Eu não cheguei a comentar com ela, não. (GA2, E3)

Notas do pesquisador - impressões pessoais

Faço esse memorando utilizando o processo de interação social e me colocando no lugar de quem vivenciou a excitação sexual durante amamentação e não conseguiu compartilhar essa experiência com ninguém. O medo de ser julgada pelas pessoas mais próximas, que compõem a rede social de apoio durante a amamentação, faz com que essas mulheres vivenciem esses sentimentos, por vezes negativos, totalmente no silêncio e na solidão. “Guardar um segredo” proibido e condenado aos olhos da sociedade é assustador e doloroso!

Além disso, foi possível identificar que a possibilidade da vivência da excitação sexual ao amamentar é um assunto bastante ocultado nas práticas educativas durante o pré-natal e no apoio e promoção ao aleitamento materno. Dessa maneira, a atuação multiprofissional deixa lacunas na assistência à saúde da mulher de forma integral, pois a desinformação esteve presente na vida de algumas das participantes deste estudo, visto que elas nunca ouviram falar sobre o assunto anteriormente à vivência.

Eu tive o meu filho em um hospital super legal, várias enfermeiras, médicas, muita gente atendendo, falando especificamente sobre amamentação, mas ninguém nunca abordou esse assunto. Horas e horas falando sobre a amamentação, sobre a importância, mas e a mãe como que ela fica no meio disso tudo? Eu acho que tem esse, não sei se é um estigma, mas não é um assunto falado, né? (GA1, E9)

Eu não me lembro de ninguém ter falado sobre isso [*a excitação sexual ao amamentar*]. Eu fiz um curso no hospital, é uma palestra que eles dão lá. É, eu tive doula assim, mas nas orientações da obstetra, nem da pediatra eu lembro assim, desse tópico ter aparecido. E engraçado, eu faço parte de um grupo grande de facebook, aqui no Rio de Janeiro, de mães, sei lá tem quase 2000 mães, assim. E eu nunca vi nenhum relato lá, não era um assunto que perpassava assim, acho que é um assunto bem silenciado mesmo, bem tabu. (GA1, E10)

E nunca ninguém tinha falado sobre isso [*a excitação sexual ao amamentar*]. [...] Não sei, mas não é uma situação que as pessoas abordem, não é um assunto que ninguém sabe, nem obstetra fala, nem pediatra fala. Ninguém fala sobre isso [*a excitação sexual ao amamentar*]. (GA1, E11)

Eu nem fui buscar, não fui ler mais sobre isso [*a excitação sexual ao amamentar*], [...] nem nunca ouvi. Se você me perguntar se eu tenho alguma amiga que tenha sentido isso, eu não vou saber te dizer. Porque isso nunca apareceu. Por isso me causou, quando você disse que estava pesquisando, eu falei ‘gente’ [risos]. (GA2, E12)

Como observado, a vivência da excitação sexual ao amamentar pode ocorrer em um cenário de preconceitos e tabus na sociedade, podendo ser responsável pelo direcionamento da forma de significar e agir. Nesse processo de interação social e construção de símbolos e significados frente à vivência da excitação sexual ao amamentar, encontram-se informações da mídia como novelas, relatos de irmãs, vizinhas e a própria experiência e alerta materno, como se pode evidenciar nos discursos: [...] uma vez, eu vi na televisão um episódio que teve da Regina Duarte, dando de mamã para uma criança. Foi um episódio que eu vi, e ela falava “Nossa! Dá até para sentir orgasmo com isso”. Aí eu me lembrei, associei essas sensações que eu tive, diretamente com aquela cena da novela. E até a moça, na hora, a pessoa que estava com ela, acho que na época era uma empregada, eu não sei, que estava fazendo o papel com ela, ela falava assim “tomara que o teu peito rache, porque tu está fazendo isso daí, porque isso daí é um pecado você pensar assim e tal”. E começou a recriminar ela. E aí depois eu fiquei pensando nisso também, “será que eu estou, né?” “será que esse prazer que eu estou sentindo é certo mesmo?” [...] Então, eu não fiquei com nenhum peso de consciência de ter sentido isso naquela hora, um prazer meio que sexual, meio que excitante. Eu não fiquei me punindo por conta disso. Me lembro até que minha mãe, uma vez falou “você vai ter mamadas que você vai até sentir uns choquezinhos na vagina”, porque dá uns choquezinhos assim. E eu senti essa experiência que minha mãe teve. Eu lembro que estava na casa dela, eu até fiquei calada e depois eu falei “ih, mãe! Eu senti aquilo que você falou”. (GA1, E1)

[...]Já, minha irmã já teve. Minha vizinha aqui já falou, já teve, perguntou se eu tinha tido da (segunda filha) eu disse que não, que só da (primeira filha), mas não entrei em detalhes, só falei: “Ah, senti uma vez, normal”. Aí, mas já ouvi falar. (GA2, E2)

Em face do exposto, comprova-se que os símbolos e significados expressos pelas mulheres sobre a vivência da excitação sexual ao amamentar interferem na forma de comunicação e na troca de experiências. O medo de julgamento e a vergonha foram alguns dos motivos pelos quais a excitação sexual ao amamentar foi experienciada de forma isolada e não compartilhada. Além disso, a desinformação ou ocultamento transmitida pelos profissionais de saúde reflete-se na propagação pela sociedade de informação composta por estigmas, preconceitos e tabus.

3.4.2 Compartilhando e comunicando-se sobre a possibilidade da vivência da excitação sexual ao amamentar

Compartilhar uma experiência até então desconhecida e não esperada para o período da amamentação pode ocorrer por diversos motivos. No entanto, a dúvida de como agir com as sensações físicas torna-se mais predominante e motivo para a busca de “ajuda”. Diante disso, identificou-se que o compartilhar da experiência esteve presente nos grupos e redes de apoio ao aleitamento materno, conversas com marido e amigas mais íntimas para as mulheres que significaram a vivência da excitação sexual ao amamentar como um momento que faz parte da vida e da história da amamentação. Porém, os discursos das participantes deste estudo foram superficiais, rápidos ou com perfil falso para a não identificação, devido à vergonha e ao medo de julgamento.

Mas a gente também conversa sobre essa outra parte da sensação de excitação ao amamentar. Eu lembro, uma vez, que uma moderadora de SP veio e trouxe isso, veio conversar com a gente “Gente, vocês, às vezes, se sentem excitadas quando o filho de vocês está mamando? Porque assim, eu estava sentindo isso quando o meu bebê estava mamando e o que eu faço? Sabe?” e a gente conversa, a gente bate papo, é um lugar muito aberto, bem bacana. (GA1, E8)

Cheguei a comentar com o meu marido “nossa, às vezes, ele fica sugando de um jeito, que eu nem sei descrever. Mas eu sinto a sensação mesmo, de ficar até úmida, de ficar até molhada”. (GA1, E9)

Eu comentei na verdade agora por causa de você. Eu falei: “ah, vou dar uma entrevista”. Aí ele falou: “por quê?” Ah, é uma entrevista sobre isso [*a excitação sexual ao amamentar*]. Aí ele falou: “ah, é? Mas você sentiu?”. Aí eu falei: “ah, eu senti, uma vez.” Mas aí já mudei rapidamente de assunto e falei assim: “mas

você sabia que várias mulheres desmamam por causa disso” (risos). Aí ele: “ah, interessante, não sabia” (risos). Tipo mudei de assunto total. (GA1, E10)

Tentei jogar em um grupo de amigas de umas 60 mulheres de rede de apoio. Tipo dizendo “uma amiga está sentindo e relatando que está ficando com excitação, que está ficando com tesão, usei até esse termo, na hora de amamentar. Alguém passou por isso?”. Então, eu tentei falar em grupos em redes de apoio, mas não me identificando, né. Depois de algum tempo, eu conversei isso com minhas amigas, né. E relatei isso para elas, elas não tinham sentindo isso e eu “gente eu senti isso, eu senti isso”. Aquela amiga que eu joguei lá naquela época no grupo, aquela amiga na verdade era eu que estava sentindo e era real isso”. [...] Até hoje não compartilhei com a família, só com as amigas que viraram íntimas, porque no começo nem com elas. (GA1, E11)

Eu nem cheguei a partilhar isso com o meu marido, não. Eu até esqueci. Mas partilhei com minha mãe. Porque eu achei bem engraçado assim, na hora. E olha que tudo eu partilho com ele. Acho que ele não ia entender, depois, né? Porque só quem passa mesmo sabe. (GA1, E1)

Então, eu cheguei a compartilhar com ele, a falar da situação, mas ele não deu nenhum tipo de opinião. (GA2, E3)

Falei com ele. Ele não fez muito comentário não, mas achou, assim, engraçado. Não é toda vez que eu falo para ele que senti. “Olha, senti uma coisa quando ela estava sugando, a linguinha”. E ele: “ah, é? É mesmo? Legal”. Mas foi só o comentário, não ficou querendo saber de como foi. (GA2, E5)

Além disso, algumas participantes receberam opiniões positivas conforme o núcleo social de relação e a rede de apoio das mulheres ao compartilhar a vivência da excitação sexual ao amamentar. Observa-se, ainda, um discurso com base na apropriação do corpo feminino e da sexualidade quando o companheiro se refere a querer usufruir desse prazer sexual, até então sendo vivenciado unicamente pela mulher durante a amamentação.

Contei já para elas já. Mas isso assim, elas falaram: “ah, que bom. Que feliz. Que ótimo. Queria eu”, porque muitas enfrentaram dificuldade no início, pega incorreta, rachadura. [...] Cara. Ele achou legal. Mas ele não deu muita, não virou uma coisa sobre a qual a gente fosse discutir. Ele achou interessante. Ele recebeu bem. E gente não continuou falando muito sobre isso. (GA1, E8)

Aí meu marido riu, disse que estava bom e que ele ia aproveitar (risos). Ele não teve nenhum preconceito. Acho que ele entendeu mesmo que era do corpo, né? (GA1, E9)

Já para a participante que relatou a vivência da excitação sexual por meio de um perfil online falso, como se fosse algo experienciado por uma amiga, inicialmente se evidenciou falta de acolhimento e de escuta ao compartilhar as dúvidas sobre as sensações físicas de excitação sexual ao amamentar.

E não fui acolhida, não fui ouvida, porque do grupo de 60 mulheres ninguém manifestou conhecer sobre o assunto. Ninguém tinha vivenciado isso, daquele jeito, ninguém tinha sentido. [...] Ninguém estava entendendo o que eu estava falando, eu estava falando grego. (GA1, E11)

Para as mulheres que vivenciaram a excitação sexual ao amamentar associada com sentimentos de nervoso, irritação e perturbação materna, o compartilhar da experiência possibilitou uma ressignificação dos sentimentos, além de oportunizar a troca de experiências, conforme se observa nos discursos, quais sejam:

Assim, um pouco alivia, né. Porque eu nunca tinha falado para ninguém. Então eu fico muito, fico mais calma. Mais descansada (risos). (GA1, E7)

Eu me senti bem, pelo menos eu falei para outras pessoas saberem que isso existe, entendeu? Pelo menos não ficou guardado só comigo. E disso surgiu a possibilidade de uma delas ter tido o conhecimento que tinha uma pessoa fazendo a pesquisa e ter passado para mim o link. Enfim, o seu contato dizendo que estava realizando essa pesquisa. Se eu não tivesse contado para ela, de repente eu não estaria aqui fazendo a pesquisa com você hoje. (GA1, E11)

Neste sentindo, as mulheres acabaram sugerindo compartilhar as experiências de excitação sexual ao amamentar e se permitir conhecer o corpo e as sensações físicas vivenciadas durante a amamentação. Evidenciou-se que apesar de ter significado uma experiência negativa à excitação sexual ao amamentar, os conselhos das participantes do estudo foram: buscar grupos e profissionais de saúde que já ouviram falar do tema para a troca de experiência, aproveitar as sensações de excitação sexual ao amamentar para conhecer o corpo e a sexualidade, aproveitar as sensações de excitação sexual para depois buscar o companheiro e ter relação sexual e, por fim, continuar amamentando que as sensações de excitação sexual ao amamentar iriam passar em um determinado momento.

O meu conselho seria este: procurar algum tipo programa, né, essas coisas assim, vai no posto ou no médico e pergunta se já aconteceu isso mais de uma vez, se conhece alguém, ou então não sei, tipo aquelas pessoas que procuram outras que aconteceram a mesma coisa. Tipo isso, para conversar. Como que aconteceu? Quanto durou? Para ter aquela conversa, para a pessoa ficar mais a par da situação. (GA1, E7)

Aproveita, é bom. E não grila. Não fica se grilando com isso. Deixa sentir e deixa passar. Aproveita porque é bem melhor do que sentir dor, né [risos]. Pô, você queria o quê? [risos]. [...] Tipo abraça isso, acolha isso. É o seu corpo. É você, sabe. É uma coisa toda sua. Não é de mais ninguém. E assim, se você não está confortável com isso, isso revela outras coisas sobre você. Repense no seu corpo. Na sua sexualidade. Na sua relação com você mesma. (GA1, E8)

Eu falaria que ela tem que aproveitar esse momento de excitação para quando ela terminar de dar de mama, não se incomodar, ela pode ter o pensamento que ela quiser. Que é para ela não se incomodar nem com a excitação e nem com os pensamentos que naturalmente vão vir, e que provavelmente vão se direcionar ao marido dela, esses pensamentos. E que depois ela tem que ter uma relação sexual com o marido dela. Vai ser ótimo. Aproveitar aquela excitação ali. (GA1, E9)

Falaria para continuar amamentando que é uma questão hormonal e que vai passar. Mas o conselho que eu daria é o seguinte: você está vivendo um 'bum' de hormônios, é isso aí, segura as pontas que vai passar'[risos]. (GA1, E11)

Diante do exposto, é sabido que discutir sobre a sexualidade feminina durante amamentação se tornou um assunto indispensável devido a todos os discursos hegemônicos que privam as mulheres de vivenciarem sua sexualidade livre de preconceitos, tabus e estigmas. Dessa forma, as participantes deste estudo acham importante a troca de experiências e a discussão da possibilidade da vivência da excitação sexual ao amamentar nos grupos de apoio, com o intuito de normalizar tal experiência. Além disso, foi possível reconhecer a necessidade de olhar para a mulher, como um sujeito integral, composto pela sua sexualidade, suas sensações e seus sentimentos como ferramenta fundamental para continuidade da amamentação.

E acho que falar para outras mulheres, normalizar um pouco isso, né? Eu acho que isso ajuda muito, né? De falar, descobrir se isso é comum ou não, descobrir como outras mulheres lidaram com isso também. Esse espaço de mãe para mãe, de mulher para mulher, de pessoas que já vivenciaram, pode ajudar todo mundo. (GA1, E8)

Por isso eu achei legal, eu quis tanto participar. Porque se você não se voltar para as sensações da mãe, o sentimento da mãe, você tem uma amamentação interrompida, e todo aquele discurso que a gente fala dos anticorpos, dos nutrientes, ele vai por água abaixo. Porque você não consegue levar até o fim, são muitos sentimentos envolvidos (GA1, E9)

Acho que é uma coisa que vale muito a pena as pessoas terem mais informações sobre isso. (GA1, E10)

Mas eu acho que é um assunto que tem que ser abordado com cuidado, com cautela, né. E agora com base nesse estudo que você está fazendo vai me dar maior credibilidade ainda, porque abrir a boca e dizer “olha eu senti isso e você pode sentir também” é muito vago e as pessoas vão te olhar com cara de ET. Eu tendo uma coisa para mostrar que isso pode acontecer, vai ser muito melhor para dizer “olha isso aconteceu comigo”. É um tabu. (GA1, E11)

E de repente falar mais sobre isso, né. Acho que isso seria bem importante também. Incluir essa temática nos grupos, né, para que esse tema possa circular. Mas é que a sexualidade ainda é um tabu muito grande. Mas seria bom se a gente pudesse falar mais sobre isso. E isso circular mais livremente, para que as mulheres irem perdendo as culpas, entendeu? (GA2, E12)

Por fim, foi possível identificar os benefícios de compartilhar a experiência da excitação sexual ao amamentar. Em virtude da forte influência da socialização da amamentação, as mulheres desse estudo apresentam um discurso sutil por medo de serem julgadas e condenadas por sentirem excitação sexual durante a amamentação.

4 DIALOGANDO COM AUTORES

Para compreender o processo de construção de símbolos, significados e sentidos sobre a vivência da excitação sexual ao amamentar é preciso refletir sobre a sexualidade e o corpo feminino inteiramente conectados, desde a sua origem e com todos os aspectos socioculturais e políticos responsáveis pela forma de pensar, sentir e agir, de forma coletiva e individual.

Nessa perspectiva do construtivismo social é possível compreender a relação do corpo e da sexualidade em seu contexto social e histórico específico, avaliando as várias relações de poder que modelam o que será visto como um comportamento normal ou anormal, aceitável ou inaceitável. Assim, é possível concluir que as organizações sociais da sexualidade nunca são fixas ou estáveis (WEEKS, 2000).

Para John Gagnon, não é possível compreender um comportamento sexual sem conectá-lo devidamente ao contexto em que ele se insere (GAGNON, 2006; OLTRAMARI, 2007). Nesse sentido, segundo Heilborn (2006, p. 43), a expressão da sexualidade se dá em um contexto social muito preciso, o que orienta a experiência e a expressão do desejo, das emoções, das condutas e práticas corporais. Dessa forma, as questões que envolvem a sexualidade abrangem vertentes sociológicas, de explicações e fatores inerentes à sociedade, e que não mais se reduzem a concepções biomédicas (ANDRADE, 2010).

Consequentemente, antes de se pensar em corpo e sexualidade, que devem ser compreendidos também em um contexto sociocultural que vem imbuído de significados e que são ressignificados no decorrer da história das sociedades e do indivíduo, é necessário considerar uma dimensão maior que a biológica (ARAÚJO, 2009, p. 34).

Historicamente, a sexualidade tornou-se objeto de repressão após o século XIX, associado ao desenvolvimento do capitalismo. O sexo e as práticas sexuais se tornaram assuntos fáceis de serem dominados, por meio de discursos que criam efeitos de poder. Essa ideia, apresentada por Foucault (2005), descreve sua análise sobre a questão do poder que a sexualidade produz e não nega a existência de proibição à sexualidade ao longo da história, mostrando como os discursos manipulados sobre a sexualidade constroem efeitos de poder sobre o corpo e o controle sobre o prazer.

Associado a isso, o corpo feminino é onipresente na sociedade, tornando-se objeto de olhar e de desejo. Embora muito se especule sobre o corpo, ele se cala perante as regras e o controle sobre suas expressões, sentidos e sensações. Para as mulheres, o pudor que encobre o corpo feminino é a própria marca da feminilidade (PERROT, 2003). Essa concepção está

explícita nos resultados desta pesquisa por meio da apropriação do corpo e da sexualidade feminina, na qual a região das mamas é considerada fonte de prazer para o outro, jamais para si, e/ou fonte de nutrição exclusiva durante a amamentação.

Neste sentido, o corpo adquire uma linguagem dupla e ambígua que expressa ou não o prazer, as intensidades. A sociedade e o contato com o outro exercem controles, mas, se bem observados, os mesmos gestos podem falar de repressão ou significar um contradiscurso (VILLAÇA; GÓES, 1998).

Além disso, evidenciou-se que durante a maternidade a mulher se depara com o processo de naturalização de certas relações de poder que moldam eventos do ciclo de vida feminino. Se, por um lado, a mulher ao assumir uma nova identidade maternal passa por um processo de transformação de si, da vida, das relações, dos outros, provocando mudanças de comportamento e, até mesmo, de autoimagem, por outro lado, a sociedade dita quais posicionamentos e atitudes correspondem a essa nova identidade, elegendo, na maioria das vezes, o papel de cumpridora do seu “dever” (GIORDANI et al, 2018).

A mulher que amamenta passa a ser vista como um rótulo que alimenta, condicionada biologicamente e fisiologicamente para tal ato de amor incondicional. Para isso, o corpo feminino é impelido à intimidade, delimitando e definindo uma identidade social para a mulher como mãe. Dessa forma, a maternidade e a amamentação como papéis sociais atrelam-se, portanto, às questões de gênero e ao debate sobre a condição feminina (GIORDANI et al, 2018).

Para Carathers (2017), o dilema da sexualidade materna e a problemática da amamentação representam a luta das mulheres com a fluidez sexual de seus seios em contextos sociais e íntimos. Por exemplo, na sociedade estadunidense contemporânea, o discurso predominante a respeito dos seios das mulheres é estritamente sexual enquanto ocorre a problematização da amamentação, particularmente no contexto de relações sexuais íntimas, mas também na experiência incorporada na esfera pública.

Essa dicotomia não difere do cenário brasileiro, tanto nas relações íntimas das mulheres quanto nos cenários públicos. Percebe-se, em especial em locais públicos, a prevalência de comentários negativos sobre a prática da amamentação, refletidas por preconceitos, tabus, julgamentos e restrição ao direito de amamentar. As mulheres, na grande maioria das vezes, são forçadas a se retirarem dos ambientes públicos, são constrangidas e assediadas tanto moralmente quanto fisicamente. Há uma evidente rejeição pública pela exposição do corpo feminino, principalmente os seios, durante a amamentação, representando uma violência simbólica (GOMES, 2017).

Por isso, a realidade com que as mulheres se deparam durante a vivência da sua sexualidade na amamentação são restritivas. Para Callaghan (2012), a "exposição indiscreta à amamentação" cruza as fronteiras entre os seios públicos maternos aceitáveis e aqueles sexuais, brutos e inapropriados. Essas barreiras sociais e culturais, que constroem a distinção do seio que amamenta para o seio sexualizado, também estão igualmente presentes nos cenários internacionais, interferindo na prática da amamentação em público.

Por exemplo, as mulheres nos Estados Unidos da América (EUA) experimentaram constrangimento social e físico, percepção de falta de aceitação, medo de confronto, exposição e dificuldades de posicionamento sobre a amamentação em público (MCKENZIE; RASMUSSEN; GARNER, 2018). Em Nova York, 50,4% dos entrevistados não apoiaram o aleitamento materno em público; um terço (33,2%) achavam desconfortável ver uma mulher amamentar em público (MULREADY-WARD; HACKETT, 2014). No Canadá, 65,9% expressam atitudes restritivas em relação à exposição das mamas em públicos (SPURLES; BABINEAU, 2011). Já no Reino Unido, a amamentação em público é vista como inadequada, podendo causar constrangimento às pessoas e repugnância aos fluidos corporais, constituindo, portanto, um fator chave na decisão da mãe pela interrupção da amamentação (MORRIS *et al.*, 2016).

Essa problemática suscita uma reflexão sobre o direito de decisão da mulher sobre seu corpo e sobre a amamentação, o que implica em resgatar a sua cidadania. No entanto, para que isso ocorra, as mulheres devem ser respeitadas como agentes de sua sexualidade e, conseqüentemente, de seu processo de amamentação (MOREIRA, 2003). São elas que devem decidir que uso dão aos seus corpos e aos seus seios (MONTEIRO; GOMES; NAKANO, 2006).

No entanto, a socialização da amamentação molda o processo de vivência e as decisões das mulheres. Os significados atribuídos por elas são ancorados nos modelos paradigmáticos da amamentação, difundidos pela sociedade ao longo de décadas e que, ainda hoje, exercem influência nos comportamentos e ações desenvolvidas no que se referem ao ato de amamentar (MOREIRA; NASCIMENTO; PAIVA, 2013). Por isso, a socialização da amamentação tem forte impacto nos significados e percepções das nutrizes, concebendo a amamentação como um dom divino (GURGEL; OLIVEIRA; SHERLOCK, 2009; MARQUES; COTTA; ARAÚJO, 2009), sagrado e inocente (MARTINS, 2015).

Dessa forma, nesse processo de interações sociais e construção de símbolos e significados, observa-se frequentemente a associação com atribuições divinas para a experiência de amamentar, relacionadas como uma benção concedida e criada por Deus

(GUTIÉRREZ-OBREGÓN; MARÍN-ARIAS, 2017; GARCÍA-MAGDALENO; LAUREANO-EUGENIO, 2019). Essa percepção se apoia na compreensão do corpo feminino e materno como casto e santo, conforme regulação discursiva que produz um tipo de moral sexual acerca deste corpo (GOMES, 2017).

Em consonância com os resultados deste estudo, essa concepção é construída socialmente, considerando tanto a maternidade quanto a amamentação como práticas místicas e sagradas (MARQUES; LEMOS, 2010). Esses significados apresentam como sentido que a “lei da natureza” significa a “lei divina” (BADINTER, 1985).

Assim, a amamentação foi sacralizada e passou a ser confundida com amor e dedicação ao filho, enquanto a culpa passou a estar presente na vida das mulheres que não desejavam amamentar ou que não conseguiam fazê-lo (AMORIM, 2008).

Conseqüentemente, assim como a sacralização da amamentação, o corpo feminino também passa por esse processo de ressignificação durante a maternidade, tornando-se assexuado. Como exemplo, o tabu do seio materno expressa o dualismo entre o seio materno e o seio erótico. Corroborando os achados deste estudo, essa concepção também foi descrita em uma pesquisa com mulheres brasileiras e francesas, a qual revelou a existência da ideia de divisão do corpo feminino durante a maternidade, ou seja, uma divisão horizontalizada, consistindo de uma metade inferior, a sexual, e a metade superior, a maternal, reservada apenas à função alimentar (SANDRE-PEREIRA, 2003).

Essa ressignificação do corpo feminino, mais especificamente sob a região das mamas, como assexuada e sagrada durante a amamentação faz com que a função de nutrição e a doação materna predominem entre outras funções, como evidenciado nesta pesquisa. Algumas mulheres também descrevem que o seio feminino passa a ser percebido como algo que não pertence mais a si, e sim ao bebê (MARTINS, 2015).

Dessa forma, na experiência da amamentação o ser-mulher anula-se e distancia-se do seu corpo, do seu existir, revelando um novo modo de ser, habitado pelas preocupações com saúde e bem-estar exclusivo do bebê (LIMA et al, 2018). Com isso, a amamentação pode ser experimentada como uma perda da identidade, pelo fato da mulher se sentir como uma máquina alimentadora do bebê, representando um prejuízo para si própria (PASTORELLI et al, 2019).

Neste processo de apropriação do corpo feminino, evidencia-se a anulação do ser mulher e uma imersão na maternidade, com a priorização dos cuidados com o filho e conseqüentemente o sentir-se apenas mãe e assexuada. Validando os achados deste estudo com a literatura científica, percebe-se que a simbologia construída no contexto social e na

efetivação do processo de interação em que as mulheres estão inseridas gera prioridade em atender as necessidades da criança em detrimento ao autocuidado (MAZZO; SANTOS; BRITO, 2015).

Assim, as mulheres atribuem menor relevância às repercussões da amamentação sobre sua própria saúde (TEXEIRA; RIBEIRO, 2014), reforçando e priorizando a amamentação sobre outras funções desempenhadas pelo seio feminino (ABUCHAIM; SILVA, 2006; FLORENCIO *et al.*, 2012), tornando a alimentação infantil mais significativa que o funcionamento sexual feminino (AHN; SOHN; YOO, 2010). Nesse sentido, a sexualidade não é reconhecida como um componente importante em todos os ciclos vitais do ser humano, passando a apresentar uma visão e postura repressiva, preconceituosa e assexuada sobre o indivíduo.

Essa percepção passa a ser expressa e vivenciada pela sociedade e pelas mulheres que sentiram a excitação sexual ao amamentar. A falta de conhecimento e a carência de estudos científicos que investigam a subjetividade e os significados da vivência da excitação sexual ao amamentar são evidentes. Predominantemente, as produções científicas presentes que abordam a excitação sexual ao amamentar são predominantemente revisões de literatura (MARTINS; VARGENS, 2014; CONVERY; SPATZ, 2009; RIORDAN; RAPP, 1980; PARAT, 2011; SYDOW, 1999; PERLMAN, 2019), pesquisas de campo com abordagens quantitativas (BYRD *et al.*, 1998; HIPPEL; LOW; VON ANDERS, 2012; AVERY; DUCKETT; FRANTZICH, 2000) e apenas uma evidência a subjetividade da sexualidade durante amamentação por meio da abordagem qualitativa de pesquisa (SANDRE-PEREIRA, 2003).

Neste sentido, houve autores que já mencionavam a possibilidade da vivência da excitação sexual ao amamentar, estando presente na mente das mulheres que amamentam (RIORDAN; RAPP, 1980). Após três décadas e meia, essa realidade ainda permeia o subconsciente das mulheres, pois algumas delas admitem essa vivência para outras, jamais para si (MARTINS, 2015). Ao contrário dos achados descritos na literatura citada, a maioria das participantes deste estudo vivenciaram a excitação sexual ao amamentar de forma inusitada e desconhecida no contexto da amamentação.

Por esse motivo, essa experiência foi expressa como ruim, grave, surreal, desconfortável, bizarra e horrível. Riordan e Rapp (1980) já mencionavam que essa experiência poderia significar não apenas um prazer romântico, mas também uma ideia chocante para as mulheres que desconhecem a fisiologia da excitação sexual ao amamentar.

Já para outras mulheres, a vivência da excitação sexual ao amamentar expressou uma resposta corporal aos estímulos da sucção do bebê na mama e o reconhecimento da fisiologia

hormonal através da liberação da ocitocina. Através da perspectiva anatômica e fisiológica é fácil associar a ejeção do leite com estados de êxtase ou, pelo menos, experiências de prazer sexual. As mamas, principalmente a região dos mamilos e das aréolas, estão perfeitamente equipados para serem zonas erógenas (ODENT, 2009) devido às terminações nervosas ali existentes. Todas as atividades sensoriais da mama e do mamilo finalmente convergem para os neurônios do núcleo paraventricular do hipotálamo, que é o caminho comum para a secreção de ocitocina (ODENT, 2009).

Do ponto de vista hormonal, as semelhanças entre as experiências sexuais na vida das mulheres, incluindo o parto, o orgasmo feminino e o reflexo de ejeção do leite materno, ocorrem pelo “coquetel orgasmogênico”. Esse coquetel inclui a liberação de ocitocina, o hormônio do amor e da calma, e também a liberação de endorfinas naturais, seguida pela liberação de prolactina (ODENT, 2009).

Neste sentido, o processo fisiológico da amamentação não pode ser negado como sexual. Em uma revisão de literatura, Convery e Spatz (2009) incluíram, na discussão, as principais mudanças sexuais devido à influência dos hormônios e às percepções físicas que ocorrem na vida das mulheres que amamentam.

Corroborando os resultados desta pesquisa, Riordan e Rapp (1980) também descreveram as semelhanças entre as respostas fisiológicas da excitação sexual e da amamentação, incluindo: ereção dos mamilos com alterações vasculares, tumescência do mamilo, acariciamento rítmico do mamilo durante a sucção e contato extenso pele a pele.

Essas sensações físicas sentidas durante a excitação sexual ao amamentar fazem parte dos efeitos naturais da ocitocina e da fisiologia da resposta sexual humana no organismo das mulheres que amamentam. Neste sentido, vale resgatar os conhecimentos expressos por Masters e Johnson (1984) sobre a teoria da resposta sexual humana representa por quatro estágios, quais sejam: excitação, platô, orgasmo e resolução. Essas fases são descritas quanto às reações vasocongestivas, musculares, contráteis e eréticas em diversas partes do corpo da mulher como nos seios, uretra, bexiga, reto, pequenos lábios, grandes lábios, vagina, clitóris e útero (SENA, 2010).

Nesse sentido, a fase da excitação pode iniciar-se por diversos estímulos psicológicos e/ou fisiológicos, podendo durar de minutos a horas. Na mulher, corresponde ao aumento da lubrificação vaginal, o intumescimento do clitóris, a ereção dos mamilos e a dilatação da aréola, o afastamento dos grandes lábios do orifício vaginal, o aumento dos pequenos lábios e o alargamento da vagina (MASTER e JOHNSON, 1984). Essa fase pode ser caracterizada por

dois fenômenos de vasocongestão e miotonia, culminando na formação da plataforma orgástica (MARQUES; CHEDID; EIZERIK, 2008).

A fase do platô é caracterizada por uma excitação contínua, podendo prolongar-se de 30 segundos a vários minutos (MARQUES; CHEDID; EIZERIK, 2008). Na mulher o clitóris já ficou ereto e girou para dentro da sínfise púbica. A pele do corpo pode apresentar-se hiperemiada. Outras modificações têm reflexo nos sinais vitais, causando aumento da frequência cardíaca que pode chegar a 120 batimentos por minuto; a frequência respiratória torna-se intensa e acelerada, e a pressão sanguínea aumentada (MASTER e JOHNSON, 1984).

Já na terceira fase ocorre o clímax da resposta sexual, ou seja, o orgasmo. Consiste em contrações rítmicas (3 a 15), com intervalo de 0,8 segundos. É a fase de excitação máxima, com grande vasocongestão e miotomia dos órgãos sexuais. Seguido dessa fase, existe um estado subjetivo em que predomina um relaxamento muscular, fadiga e torpor, podendo ter duração de minutos a horas (MARQUES; CHEDID; EIZERIK, 2008).

Após a compreensão das fases da resposta sexual humana se evidenciou, através da percepção individual e do autoconhecimento da sexualidade de cada mulher, que os resultados deste estudo apontaram para a vivência da excitação sexual e de sensações orgásticas ao amamentar, sendo diferenciadas pela intensidade e duração das sensações.

Para alguns autores a fisiologia da excitação sexual ao amamentar foi descrita como sensações semelhantes ao orgasmo, devido às contrações uterinas intensas, podendo gerar desconforto e vergonha por quem vivencia (CONVERY; SPATZ, 2009) e culpa (RIORDAN; RAPP, 1980). A consciência do estímulo sexual ou prazer sexual durante a amamentação pode ser inaceitável para algumas mulheres, tornando essa experiência perturbadora para ela (PERLMAN, 2019), podendo levar até o abandono precoce da amamentação (FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA, 2015; PERLMAN, 2019).

Neste sentido, uma pesquisa clínica sobre a incidência da amamentação e o desmame, associados com a saúde psíquica das mulheres, buscou separar as encruzilhadas da lógica fálica do seio, ou seja, “a orgia da mamada” devido à multiplicidade funcional da mama, sendo representada por um seio conflitante que circunda o universo de significados do seio nutridor e do seio erótico (PARAT, 2011), validando alguns aspectos apontados na pesquisa de Abuchaim e Silva (2006).

Já em outro estudo, 33% a 50% das mulheres que amamentavam descreveram a amamentação como erótica e, conseqüentemente, 25% dessas mulheres se sentiam

extremamente culpadas (SYDOW, 1999). Dessa forma, percebe-se que a culpa é um sentimento comum dessa vivência. Masters e Johnson relataram que 6 das 24 mulheres estudadas expressaram sentimento de culpa em relação à excitação sexual ao amamentar. Infelizmente, a vivência desse sentimento durante a amamentação pode causar voluntariamente o desmame precoce do bebê e a recusa pelo cuidado de outras crianças (RIORDAN; RAPP, 1980), gerando conflitos maternos e interferindo no vínculo entre mãe e bebê.

Corroborando com os autores supracitados, os achados desta pesquisa também apontaram para sentimentos de culpabilização e a recusa de alguns cuidados com o filho, por meio da vontade de retirar o bebê do peito e a privação temporária da amamentação. Essas estratégias foram desenvolvidas com o intuito de inibir ou bloquear as sensações de excitação sexual ao amamentar.

No entanto, contrariando as evidências científicas que a vivência da excitação pode desencadear o desmame precoce (FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA, 2015), os resultados deste estudo apontaram que as obrigações maternas e a prioridade em manter a amamentação foram fatores presentes no processo de elaboração da situação vivenciada, embora o desfecho tenha resultado na decisão pelo desmame gradual.

Nesta encruzilhada de decisões a serem tomadas, a mulher vivencia conflitos, pois, de um lado a sociedade associa a amamentação ao amor materno, de outro, a mulher se depara com os reais sentimentos e percepções na amamentação que não condizem com o que é pré-estabelecido, manifestando-se por sentimento de culpa (ARANTES, 1995).

Neste contexto, normas tradicionais e crenças que envolvem o ato de amamentar acabam controlando excessivamente a sexualidade das mulheres (ORISAREMI, 2013), tornando essa experiência envolvida por tabus e preconceitos, principalmente em relação às experiências sensuais e eróticas durante amamentação (DE PIERREPON, 2016).

Sandre-Pereira (2003) descreve as possibilidades existentes nas atitudes das mulheres referentes às concepções individuais sobre a vivência de prazer sexual ao amamentar. Assim, essa autora descreve que algumas mulheres preocupam-se em afastar a ideia de um prazer sexual incestuoso; outras se apropriam desse prazer; há as que o vivem como um conflito, o negam ou o nomeiam de outra forma; há as que interrompem a amamentação por culpa inconsciente do “ato incestuoso”, alegando razões para o desmame; e há ainda mulheres que sentem uma relação plenamente completa e prazerosa com o bebê a ponto de terem dificuldades em restabelecer a vida sexual com o marido enquanto dura a amamentação.

Corroborando com os achados deste estudo, algumas mulheres relatam que a excitação sexual ao amamentar pode satisfazer a necessidade íntima e sexual delas, anteriormente preenchida por contato físico com seus parceiros (BYRD *et al.*, 1998). Na maioria das vezes, essa vivência é compreendida de forma negativa, pois aspectos sociais e culturais influenciam no modo como as mulheres podem desfrutar de prazer sexual sozinhas, sem contato físico e sem pressão para satisfazer as necessidades de outro indivíduo (HIPPI; LOW; VAN ANDERS, 2012).

Desse modo, essa realidade opressora sobre a sexualidade das mulheres durante amamentação gera repercussões negativas nas relações sexuais do casal, pois o seio feminino era visualizado pelo companheiro como propriedade presente nas trocas de carícias. No entanto, essa concepção é transformada com o início da amamentação, período em que o corpo feminino passa por um processo de anulação, prevalecendo apenas o corpo materno. Assim, algumas mulheres expressam não poder usufruir e desfrutar do prazer sexual sentido no estímulo das mamas, passando a ser interpretado como uma fase de luto (MARTINS, 2015).

Os achados desta pesquisa retratam que as mamas são visualizadas para servir à criança em vez de um parceiro, inibindo o acesso sexual do homem sobre o corpo da mulher. Além disso, a amamentação pode oferecer uma experiência intimamente satisfatória de prazer para a mulher sem a participação do companheiro (CARATHERS, 2017). Todavia, ao mesmo tempo que as mulheres se veem livres da apropriação de seus corpos como fonte de prazer e desejo do outro, são tolhidas e julgadas socialmente para a vivência do prazer consigo mesma.

Com isso, evidencia-se uma dicotomia entre a amamentação e a sexualidade feminina, em que o seio feminino, durante a amamentação, passa a ser compartilhado apenas com o bebê, refletindo, assim, na relação conjugal. Isso ocorre devido à dificuldade em compreender o papel da mulher/mãe dentro do mesmo corpo, tanto na visão do homem quanto na da própria mulher, repercutindo na sexualidade da mulher, do casal, e na amamentação.

Os efeitos da amamentação no comportamento sexual das mulheres são conflitantes (ALDER, 1989), tornando as decisões complexas devido ao desencadeamento de sentimentos ambíguos. A amamentação tem o potencial de desencadear uma variedade de cognições e emoções conflitantes nas mães, podendo afetar a forma como elas veem e se relacionam com seus filhos (WATKINSON; MURRAY; SIMPSON, 2016). Esses sentimentos também podem ser percebidos ora positivos, ora negativos (MOREIRA; NASCIMENTO; PAIVA, 2013; TEXEIRA; RIBEIRO, 2014).

Percebe-se que esse confronto e contradição dos significados estão relacionados com a socialização da amamentação e a multiplicidade funcional da mama. Assim, o universo da amamentação é representado pela dualidade de significados da mama, antropologicamente representada pela “natureza e a cultura” (OLIVEIRA; SILVA; ESPÍNDOLA, 2015).

Além disso, a sexualidade na sua concepção integra uma rede de significados instituídos por cada grupo de indivíduos, determinando assim como deve ser vivenciada a partir dos padrões socioculturais aceitos em uma sociedade (RESSEL; GUALDA, 2003). Dessa forma, a resposta física, percebida no corpo feminino, pode ser interpretada como forte e negativa, sendo difícil de compreender e expressar (WATKINSON; MURRAY; SIMPSON, 2016).

Por isso, o ocultamento das necessidades maternas revela possíveis riscos maternos no puerpério (MAZZO; SANTOS; BRITO, 2015), nos aspectos que envolve a vivência da sexualidade, no estabelecimento do vínculo entre mãe e bebê, além do sucesso da amamentação. Nesse sentido, essas experiências durante a amamentação podem ter um potencial negativo na saúde psíquica e psicosssexual das mulheres.

Fica, portanto, cada vez mais evidente que o ato de amamentar carrega consigo sentidos atribuídos pela sociedade, reforçando a simbologia do sagrado e do puro, vivenciado restritamente no papel de ser mãe. Desse modo, a socialização da amamentação e os seus significados impulsionam para a apropriação do corpo feminino, para o ocultamento da sexualidade, do prazer e da sensibilidade na região das mamas, bem como para a prevalência da função nutricional e da doação materna.

Sabe-se que a prática eficaz da amamentação e o exercício da sexualidade, de modo satisfatório, são importantes para o bem-estar da maioria das mulheres (OLIVEIRA; SILVA; ESPÍNDOLA, 2015). Para Gomes (2007), a sexualidade deve ser reconhecida como parte integrante da qualidade de vida da mulher.

Para isso é necessário exercer o papel da maternidade, dentro do qual está a amamentação, sem deixar de reconhecer a mulher existente, exigindo conhecimento e entendimento de si mesma (FLORENCIO *et al.*, 2012). Além disso, enfatiza-se a necessidade de os profissionais de saúde abordarem os aspectos que envolvem a prevenção de conflitos e de sentimento de culpa, devido à dualidade de percepções e significados da excitação sexual experimentada ao amamentar.

No entanto, os resultados deste estudo apontaram para as barreiras existente na comunicação e troca de conhecimento sobre a vivência da excitação sexual ao amamentar. Acredita-se que os profissionais de saúde, ao desprezar sua própria sexualidade, também têm

a tendência a não valorizar a sexualidade do outro. Essa problemática se amplia quando se fala em sexualidade e amamentação, tornando-se uma prática ocultada, quando não negada pelos profissionais (GOMES, 2007).

Dessa forma, Convery e Spatz (2009) enfatizam a importância da educação em saúde sobre a prática da vivência da excitação sexual ao amamentar, que deve ser explicada às mulheres como uma resposta hormonal e fisiológica e não como uma prática de abuso ou incesto do bebê. No entanto, os resultados desta pesquisa evidenciam que a realidade vivenciada pelas mulheres que amamentam não é essa, mas, sim, aquela na qual prevalece o ocultamento e o negligenciamento da abordagem desse assunto durante o cuidado às mulheres e, até mesmo, nas pesquisas empíricas já desenvolvidas.

Esse ocultamento tem como consequência a violação dos direitos sexuais e reprodutivos, refletida na assistência de enfermagem prestada às mulheres durante o ciclo gravídico-puerperal, na qual ações de educação em saúde não englobam as perspectivas de excitação sexual ao amamentar. Além disso, a sexualidade ainda se encontra restrita aos discursos das políticas de atenção à saúde, ao passo que deveria ser amplamente discutida e presente no cuidado de saúde (GOMES, 2007).

Dessa forma, conhecer essa realidade faz com que a enfermagem obstétrica reflita sobre a necessidade de abordar assuntos que envolvem tabus e crenças falsas, passando a utilizar conhecimento científico em sua prática assistencial, visando desmistificar um assunto que envolve a sexualidade feminina durante a amamentação. A efetivação de um cuidado de enfermagem pautado na integralidade e no acesso universal aos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres que amamentam só será possível com apoio de materiais científicos e a mudança das políticas públicas de apoio e promoção ao aleitamento materno.

Florencio *et al.* (2012) enfatizam que, apesar das discussões e dos movimentos sociais das mulheres em busca do reconhecimento dos direitos femininos, sexuais e reprodutivos, os profissionais de enfermagem ainda enfrentam dificuldades em reconhecer as mulheres como seres capazes de ser mulher, trabalhadora, mãe e nutriz, tudo ao mesmo tempo, e que em decorrência das mudanças associadas ao puerpério e à prática da amamentação necessitam de certo tempo para se ajustar às situações relativas à sexualidade.

Parece que os profissionais de enfermagem ainda não aprenderam efetivamente que, em conformidade com o que diz o manual do Ministério da Saúde (BRASIL, 2009), todo ser humano tem direito de viver plenamente a sexualidade sem medo, vergonha, culpa e falsas crenças; tem direito à informação e à educação sexual e reprodutiva.

5 ANALISANDO E DISCUTINDO, NA PERSPECTIVA DO INTERACIONISMO SIMBÓLICO, A VIVÊNCIA DA EXCITAÇÃO SEXUAL AO AMAMENTAR

Com a compreensão dos significados atribuídos por mulheres à excitação sexual experimentada ao amamentar e a forma de lidar com tal experiência, foi possível identificar o fenômeno central do estudo nomeado como “**AGREGANDO NOVOS SENTIDOS AO SER MULHER A PARTIR DA VIVÊNCIA DA EXCITAÇÃO SEXUAL AO AMAMENTAR**”. Esse fenômeno surgiu por meio dos conceitos organizados em categorias e subcategorias dinamicamente interligados, que serão exemplificados e discutidos conforme o modelo teórico (Figura 2) e com base nas premissas e conceitos do interacionismo simbólico.

Figura 2 — Modelo teórico do fenômeno “Agregando novos sentidos ao ser mulher a partir da vivência da excitação sexual ao amamentar”



Fonte: A autora, 2020.

A vivência da excitação sexual ao amamentar pode ser percebida e interpretada de distintas maneiras. Entretanto, essa experiência ocorre em um contexto no qual predominam

os símbolos e significados construídos com base na socialização da amamentação e da apropriação do corpo e sexualidade feminina.

Dessa forma, ao longo da vivência individual e coletiva de cada mulher são construídos e ratificados os papéis sociais que envolvem o ser mãe exclusivamente e a função nutridora, por meio de memórias do passado, referências de grupos, perspectivas, além dos objetos sociais, do *self*, *mind* e os símbolos. Na perspectiva interacionista, o ser humano é uma pessoa social que interage e contribui para a construção da sociedade da qual faz parte. Por isso, a ação humana não deve ser compreendida apenas como um resultado da interação com as outras pessoas, pois também resulta da interação individual que cada pessoa faz dentro de si (CHARON, 2010).

Assim, cada mulher em seu processo reflexivo sobre a vivência da excitação sexual ao amamentar utiliza o *self*, em uma análise consigo mesma por meio da ação da mente. Isso representa um processo social interno de cada um, ou seja, o indivíduo é um objeto de sua própria ação (UTZUMI *et al.*, 2018)

Nesse sentido, as mulheres que vivenciaram a excitação sexual ao amamentar são seres sociais expostos às influências do meio em que vivem, que atribuem significados à amamentação concernentes ao ambiente a qual estão inseridas, construindo uma rede simbólica (WILHELM *et al.*, 2015). Segundo Charon (2010), o ambiente onde as ações e interações sociais e individuais ocorrem existe, mas sua definição é que é importante, tornando-o simbólico.

Desse modo, o ambiente que envolve o ato de amamentar é constituído por símbolos que remetem ao sagrado, puro, inocente, transcendental e divino. A simbolização do corpo feminino também passa por um processo de mudança, e a mama acaba pertencendo apenas ao bebê, com função exclusiva de alimentação. Assim, nesse processo de socialização da amamentação, ocorre a anulação da identidade como mulher, da sua sexualidade e uma imersão nas obrigações e funções maternas instituídas socialmente.

Esses símbolos tornam-se significantes quando uma ideia que há por trás de si comprova a mesma percepção no outro indivíduo, emergindo, assim, a base do significado que está presente na conduta social. Dessa forma, só quando o indivíduo se identifica com tais símbolos é que se torna consciente o significado (CHARON, 2010).

Os símbolos identificados na vivência da excitação sexual ao amamentar conduziram para a representação dos significados da experiência. Para algumas mulheres, os símbolos foram representados como uma experiência ruim, bizarra, horrível, surreal, desconfortável, pois contrapõem-se ao que foi aprendido com base na socialização da amamentação. Além

disso, vale ressaltar que os significados da vivência da excitação sexual ao amamentar foram descritos de diferentes maneiras, mesmo que inseridas em um mesmo contexto. Assim, a vivência da excitação sexual ao amamentar significou um momento que faz parte da vida e da história da amamentação ou uma sensação errada para ser sentida ao amamentar.

Associado a isso, no decorrer da vivência das sensações de excitação sexual durante amamentação, evidenciaram-se os sentimentos negativos e a vivência de conflitos representado pelo desejo em continuar amamentando e a necessidade de resgate do corpo e da sexualidade. Esse processo de ressignificação da experiência resultou no fenômeno central do estudo. Desse modo, percebe-se que os símbolos não são fixos, podendo sofrer ou não variações conforme as interações sociais vão ocorrendo (CHARON, 2009).

Além disso, com base no contexto em que as mulheres estão inseridas ao vivenciarem a excitação sexual durante amamentação foi possível elencar as possibilidades de influências que levaram a ocorrência ou desenvolvimento do “agregando novos sentidos ao ser mulher”, caracterizada como condições causais. Dessa forma, a percepção sobre a vivência da excitação sexual experimentada durante amamentação passa a ser descrita de diferentes maneiras.

Essas diferentes formas de se observar, analisar, escutar devem-se à comparação constante do que estão vivendo com os símbolos e objetos sociais de cada mulher, construídos ao longo da vida nos processos de interações sociais. Desse modo, as mulheres deste estudo passaram a reconhecer a situação na qual se encontram, considerando o contexto no qual estão inseridas, buscando assim respostas de “como?”, “por quê?” e se poderiam estar vivenciando sensações de excitação sexual ao amamentar.

Eu amamentava e pensava “não é possível que é isso que eu estou sentindo?” [risos] sabe que a gente fala assim: “não é possível que é isso que eu estou sentindo? Será que é realmente, né?” e tal. (GA1, E6)

Aí eu parava para pensar “gente o que é isso, gente?” aí olhava para o lado, o pai, na época meu marido, ele não estava do lado, não estava perto para eu sentir nada. Aí eu comecei a prestar atenção. Aí eu pensava “gente como que eu estou ficando excitada com o meu filho mamando comigo?”. (GA1, E7)

E eu lembro que eu olhei para o lado e falei assim para enfermeira “vai ser sempre assim?” [tom de voz sussurrando]. Tipo toda vez que ele mamar eu vou sentir isso? [risos] (GA1, E8)

Aí na hora eu achei muito estranho. Eu falei tipo assim “nossa! Que estranho eu sentir isso. Será que eu podia sentir isso, sabe? (GA1, E10)

Nesse processo reflexivo que envolve a busca por respostas e a identificação de possíveis influências da vivência da excitação sexual ao amamentar, destacam-se aspectos

do ambiente como privacidade, reclusão e intimidade, além da necessidade de um desconectar-se do mundo, conforme se observa na figura 3.

Figura 3 — Esquema representativo das condições causais para a vivência da excitação sexual ao amamentar



Fonte: A autora, 2020.

De fato, o desconectar-se do mundo e conectar-se consigo mesma já sinaliza expressões da sexualidade feminina, que estavam ocultas pela socialização da amamentação. Por isso, no universo da maternidade, essa ação pode ser interpretada como uma negligência frente às demandas e prioridades de cuidado que deveriam ser remetidas ao filho, gerando sentimento de culpabilização.

Toda essa autoanálise ocorre de forma racional, e é possível observar as condições intervenientes que apresentam potencial de facilitar ou dificultar a ocorrência das sensações de excitação sexual ao amamentar e o despertar-se como mulher. Assim, as distintas repercussões na vida conjugal, os sentimentos de perturbação, irritação e angústia na vivência da sexualidade durante amamentação e as barreiras para o diálogo da vivência da excitação sexual ao amamentar contribuem para a construção das diferentes linhas de pensamento e estratégias de ação-interação.

Percebe-se que as estratégias de ação-interação desenvolvidas pelas mulheres que vivenciaram a excitação sexual ao amamentar foram com base nos símbolos e significados voltadas para o contexto da socialização da amamentação. Diante disso, no processo de interação social e reconhecendo o “self” com duas fases analíticas entre o “eu” e o “mim”, percebe-se que “deixar fluir, acontecer e passar” representou o “eu”, como uma ação espontânea ou impulsiva das mulheres, por vezes não resultante de um processo de elaboração da experiência. Em um segundo momento, quando surgem as percepções individuais e coletivas da vivência, o “mim” passa a conflitar com o “eu”, gerando outras linhas de ação como o “estabelecendo limites com o corpo”, com o intuito de não sentir mais as sensações de excitação sexual ao amamentar e de enfatizar a necessidade de “resgatar o corpo para si”, resultando no “despertando-se como mulher”.

Todo esse processo do “*self* social”, de refletir sobre si e de se colocar no lugar do outro, ocorre na mente das mulheres. Dessa forma, o *self* refere-se ao “quem sou eu mesma”, ao passo que o *mind* é como a sociedade começa a conjugar o *self* fazendo valer os valores do convívio social e das interações sociais. Na visão interacionista existe um conflito entre o *self* e o *mind*, pois o *self* expõe a vivência, ao passo que o *mind* refere-se a essa vivência como algo pecaminoso, profano, pervertido e pedófilo. Esse embate entre o *self* e o *mind* faz com que as mulheres estabeleçam sua linha de ação, com base na socialização da amamentação.

Conforme mencionado anteriormente na construção das linhas de ação, também foi possível observar as mulheres considerando o futuro e colocando-se no lugar do outro, imaginando uma possível forma de interpretação e ação frente a vivência da excitação sexual ao amamentar. Assim, reconheceu-se, nos discursos das participantes, a culpabilização e a possibilidade do abandono da amamentação, conforme se observa.

Ela pode até deixar de amamentar, por se sentir culpada, né. Por falar assim: “ah, não vou fazer isso, não. Vou dar logo a mamadeira”. Fica confusa, né, das sensações mesmos. Eu acho que pode acontecer isso. (GA1, E9)

E uma das coisas que eu sempre levantei era, por exemplo, um dos motivos pelos quais ela não quisesse amamentar, era ela sentir uma excitação, um desejo sexual naquilo e se sentir culpada, por ter essa sensação, dependendo das coisas que ela acreditasse, talvez aquilo poderia soar como uma coisa pecaminosa. Ela podia ficar culpada com aquilo. (GA2, E12)

É para muitas mulheres eu acredito que vai ser um fator importante para ela acreditar que ela não tem condições mais de oferecer o seio, e aí vai travar naquele momento da amamentação. (GA2, E3)

Na perspectiva interacionista, esse processo de considerar o futuro e colocar-se no lugar do outro na situação faz parte da assimilação da vivência para si mesma, podendo assim

ser traçadas as metas com base nas experiências e nas perspectivas de grupos (CHARON, 1985). Desse modo, sabe-se que é necessário que as pessoas, em processo de interação social, “assumam o papel do outro, para que as indicações dirigidas ao outro sejam reavaliadas a partir do ponto de vista desse outro, de modo que sua interação seja percebida” (BLUMER, 1969).

Nesse sentido, a forma de lidar com a vivência da excitação sexual ao amamentar e o processo de interação social direcionaram para o resultado da ação que foi a decisão pelo desmame gradual. Essa decisão ocorreu de forma consciente, já que na visão interacionista as mulheres são consideradas ativas e protagonistas de suas ações. Segundo Blumer (1969), o ser humano é livre em suas ações, definindo o mundo em que age e escolhendo conscientemente o percurso de sua ação frente a esta situação.

Diante do exposto e com base nas premissas do Interacionismo Simbólico apresentadas por Blumer (1969) e Charon (2009), percebe-se que as mulheres que vivenciaram a excitação sexual ao amamentar construíram as estratégias de ação-interação com base nos sentidos que a experiência tem para elas. Com relação a isso, no meio social e de situações do cotidiano da amamentação, o sentido predominante da prática é a nutrição, envolvida pelo simbolismo da sacralização da amamentação, resultantes de doação materna e anulação da sexualidade feminina.

Esses sentidos, significados e símbolos são resultantes das interações sociais que as mulheres estabelecem umas com as outras, em seu meio social (BLUMER, 1969; CHARON, 2009). O fato de existirem as barreiras no diálogo sobre a excitação sexual ao amamentar contribui para a propagação desses sentidos, por vezes envolvidos no contexto da socialização da amamentação com falta de informações e o predomínio de estigmas, tabus e preconceitos.

Por fim, esses sentidos podem ser manipulados e modificados por meio do processo interpretativo usado pelas mulheres ao se relacionar com as coisas e situações que ela se encontra (BLUMER, 1969; CHARON, 2009). Os resultados deste estudo deixam claro essa premissa, pois em seus processos de interações sociais, individuais e coletivas, os sentidos da vivência da excitação sexual ao amamentar foram sendo ressignificados e a experiência passou a ser reconhecida como um “despertar-se como mulher”.

Assim, esse encadeamento das ações humanas representa o fenômeno central do estudo “AGREGANDO NOVOS SENTIDOS AO SER MULHER A PARTIR DA VIVÊNCIA DA EXCITAÇÃO SEXUAL AO AMAMENTAR”. No entanto, para compreender esse fenômeno é necessário refletir sobre o “despertar-se como mulher”.

Nota do pesquisador: Entende-se que os novos sentidos construídos a partir da vivência da excitação sexual ao amamentar agregou novos significados, novas formas de se ver como mulher e de como agir com a vivência simultânea da sexualidade durante a maternidade e amamentação. Assim, o “ser mulher” contempla um universo infinito de experiências, por vezes, desconhecidas ou adormecidas que à medida que passam a ser vivenciadas tornam-se significativas em suas relações. Dessa forma, “agregando novos sentidos ao ser mulher” envolveu um processo de autoconhecimento e autopercepção do prazer sexual com o seu próprio corpo, de sentir necessidade de ser mulher sexuada em um contexto até então exclusivo ao papel de ser mãe, santa e assexuada. Por isso, entende-se que “ser mulher” no contexto da amamentação e da sexualidade feminina refere-se muito mais que a vivência da excitação sexual ao amamentar, pois essa experiência contribuiu para mais uma bagagem de novas experiências e descobertas da sexualidade, individualidade e intimidade feminina.

O caminho para o reconhecimento deste processo envolve a mulher entrar na situação e descobrir novas sensações de excitação sexual com seu próprio corpo no contexto da amamentação. Essa experiência oportunizou uma autoanálise do quanto a socialização da amamentação doutrina a forma de pensar e agir, impedindo, a longo prazo, qualquer possibilidade ou vazão para a vivência plena da sexualidade feminina ao amamentar.

Por isso, reconhecer a influência da socialização da amamentação e da apropriação do corpo feminino despertou uma reflexão de como o ser mãe apresenta funções restritas à maternidade, aniquilando qualquer expressão do ser mulher. As obrigações maternas e a imersão na maternidade contribuem para as mulheres sentirem-se apenas mãe, santa e sem sexualidade.

Nesta circunstância, a mulher, ao vivenciar a excitação sexual ao amamentar, questiona-se sobre tal experiência e percebe-se em uma situação totalmente contrária do que estava preparada para ser vivida. A divindade expressa nos discursos sobre o significado de amamentar passa a ser compartilhado no mesmo contexto com a experiência da excitação sexual ao amamentar.

Assim, as mulheres, ao se depararem com tal situação, passam a vivenciar um conflito entre a mãe santificada, assexuada e dedicada exclusivamente ao bebê versus a mulher pervertida, sexualizada e imperfeita aos olhos da sociedade. Dessa forma, percebe-se como a vivência simultânea do ser mulher e mãe ainda apresenta desconforto por quem a vivência, por meio das barreiras socioculturais e limitações no diálogo.

Associados a esses dilemas que envolve a sexualidade e amamentação, as mulheres reconhecem o peso das obrigações maternas e da socialização da amamentação, decidindo resolver a situação da vivência da excitação sexual ao amamentar. Isso é evidente pelo uso da expressão “tem que” ao se referir ao fato de solucionar as sensações de excitação sexual para dar continuidade a amamentação.

Todavia, mesmo tentando buscar estratégias para o bloqueio das sensações de excitação sexual ao amamentar, essa ação se torna insuficiente por não poder rejeitar os aspectos que constituem a sexualidade feminina. Além disso, evidenciou-se a vivência de sentimentos de perturbação, angústia, agonia e irritação, demonstrando o quanto o corpo feminino suplica pela liberdade de expressar a sexualidade, os desejos, os pensamentos, as fantasias e as percepções individuais que constitui o ser mulher.

Essa percepção ocorre no processo de remeter-se ao passado, ao que já foi vivido no âmbito da sexualidade, surgindo a vontade de reviver as situações e resgatar o espaço como mulher. Entretanto, o único caminho visualizado para não infringir as regras da sociedade é o abandono da amamentação, para que as expressões do corpo e da sexualidade não sejam mais compartilhadas no contexto “sublime” do ato de amamentar.

Assim, observa-se que as mulheres acabam se submetendo aos discursos impostos pelo processo de socialização da amamentação, gerando uma nova forma de ação que é a decisão consciente pelo desmame gradual, como alternativa final que inviabiliza qualquer chance que possa desencadear a vivência da excitação sexual ao amamentar.

Por fim, o “agregando novos sentidos ao ser mulher a partir da vivência da excitação sexual ao amamentar” envolveu todo o contexto no qual as mulheres estão inseridas, os significados e as estratégias utilizadas pelas mulheres para o enfrentamento da experiência, com base nas percepções individuais e coletivas de cada uma delas, em um contexto predominante da socialização da amamentação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modelo teórico “agregando novos sentidos ao ser mulher a partir da vivência da excitação sexual ao amamentar” representa a teoria substantiva desta pesquisa, que emergiu dos significados atribuídos à vivência da excitação sexual ao amamentar. Isso só foi possível com a utilização do interacionismo simbólico, que auxiliou na compreensão da ação humana frente ao fenômeno.

Neste sentido, o uso da *Grounded Theory* e do interacionismo simbólico foi considerado como método adequado, pois contribuiu para compreender a realidade, os significados, as interações sociais, as experiências e ações humanas dos aspectos subjetivos relacionados com a vivência da excitação sexual ao amamentar. O método, por apresentar um processo sistemático, possibilitou a identificação do fenômeno central do estudo e a validação do mesmo, o que ocorreu pelo processo dinâmico de ir e vir aos resultados com apoio da literatura científica. Por isso, o uso da *Grounded Theory* foi uma excelente alternativa metodológica para construção de conhecimento científico no campo da saúde, por auxiliar na construção de modelos teóricos explicativos e na compreensão da subjetividade de uma realidade social.

Considerando que a temática investigada é uma inovação nas pesquisas que envolvem a sexualidade feminina durante a amamentação, a reduzida visibilidade sobre a possibilidade da vivência da excitação sexual ao amamentar apresentou-se como uma limitação tanto na fase de seleção das participantes quanto na descrição deste relatório de pesquisa. Embora esteja claro que a reduzida amostra impede a generalização dos achados, a pesquisa retrata experiências distintas e mostra a importância dos aspectos sociais e culturais, cujos símbolos e significados marcam a forma de vivenciar e agir frente à excitação sexual ao amamentar.

Além disso, durante coleta de dados foi preciso utilizar estratégias de difusão do conhecimento em eventos científicos, palestras e aulas, buscando identificar possíveis participantes do estudo ou suas indicações, obtendo êxito com esse planejamento. No que diz respeito à fase de elaboração final do relatório de pesquisa, por vezes, a descrição dos resultados necessitou ser mais detalhada, podendo parecer repetitivo. Entretanto, a utilização dos memorandos auxiliou no esclarecimento e diferenciação dos dados abstratos para os vividos que representaram o modelo teórico desenvolvido.

A tese de que as mulheres significam e agem de diferentes maneiras quando sentem excitação sexual ao amamentar foi ainda validada em quatro categorias. A primeira

categoria **“a socialização da amamentação e apropriação do corpo e da sexualidade feminina”** expressou o contexto social no qual as mulheres estão inseridas e como ele influencia na construção de símbolos, significados e na forma de agir. A segunda categoria **“vivenciando de maneiras distintas a excitação sexual ao amamentar”** evidenciou o quanto essa experiência é individual para cada mulher, tanto na vivência da sexualidade feminina quanto na sexualidade conjugal, sendo experienciada com muitas dúvidas, questionamentos, reflexões e busca de resposta para tal vivência.

Já a terceira categoria **“significando, sentindo e agindo, de diferentes formas, a vivência da excitação sexual ao amamentar”** apontou significados distintos, um misto de sentimentos e formas diversas de se lidar, conforme o processo de interação social individual e coletivo de cada mulher. Por fim, a quarta categoria **“reconhecendo as barreiras para dialogar sobre a excitação sexual ao amamentar”** demonstrou que os símbolos e significados expressos pelas mulheres sobre a vivência da excitação sexual ao amamentar interferem na forma de comunicação e na troca de experiências, tanto para as mulheres que compartilharam a experiência de forma sutil quanto para as que vivenciaram de forma reprimida e silenciosa.

Além disso, essa articulação das categorias evidenciou as principais proposições teóricas que sintetizam o fenômeno investigado, quais sejam:

- a) A socialização da amamentação apresenta grande impacto na forma de significar e agir referente à vivência da excitação sexual ao amamentar. A apropriação do corpo e da sexualidade feminina torna-se mais explícita e os papéis sociais de ser mulher e mãe simultaneamente não se enquadram aos padrões hegemônicos instituídos socialmente;
- b) A vivência da excitação sexual ao amamentar oportunizou um autoconhecimento e descoberta sobre novas possibilidades de sensações de prazer sexual com o próprio corpo. O aumento na sensibilidade das mamas durante a sucção do bebê foi o ponto chave de percepção das sensações de excitação sexual ao amamentar, causando dúvidas por ser vivenciada em um contexto até então desconhecido pelas mulheres;
- c) Devido à bagagem individual e coletiva de cada mulher, a percepção e a vivência da excitação sexual ao amamentar aconteceram de diversas maneiras, apresentando aspectos semelhantes como o “desconectando-se do mundo e conectando-se consigo mesma”, sendo representado como a condição causal no modelo teórico;

- d) O sentir-se excitada durante a amamentação causou desconforto e estranheza nas participantes, não apenas devido à vivência da excitação sexual sentida ao amamentar, mas também pela interrupção de uma relação sexual devido às demandas do bebê e a necessidade de amamentar naquele momento. Com base nos símbolos e significados construídos pela socialização da amamentação, essa experiência sexual não deveria estar no contexto da amamentação e na relação mãe-filho;
- e) No processo de interação social, a vivência da excitação sexual ao amamentar desencadeou reflexões, questionamentos e busca de resposta para as sensações sentidas. Um dos fatores que mais preocupou as participantes foi a relação do sexo do bebê com a experiência da excitação sexual ao amamentar. Porém, essa premissa não apresentou significados diferentes na vivência da excitação sexual ao amamentar. Assim, o pensamento incestuoso foi afastado e negado, passando a ser considerado como uma resposta do corpo feminino aos estímulos sexuais da sucção na mama e dos aspectos que constitui a sexualidade feminina;
- f) A excitação sexual experimentada ao amamentar repercute de diferentes maneiras na vida sexual do casal. Considerada como condições intervenientes do fenômeno central do estudo, evidenciou-se que a privação nas relações sexuais, o incômodo de sentir-se excita apenas na amamentação e não com o companheiro, a substituição das relações sexuais pela vivência da excitação sexual ao amamentar e a compreensão do significado das mamas durante a amamentação auxiliaram no processo de “despertar-se como mulher”;
- g) Os significados atribuídos pelas mulheres à vivência da excitação sexual ao amamentar foram distintos conforme os símbolos, percepções de grupos, experiências passadas e as interações sociais de cada uma. Para algumas mulheres significou fazer parte da vida e da história da amamentação, por estar relacionada como uma resposta do próprio corpo. Já para outras mulheres que apresentam os símbolos enraizados nas concepções da socialização da amamentação significou uma sensação errada para ser sentida durante a amamentação;
- h) Apesar dos significados serem diferentes, os sentimentos vivenciados pela experiência da excitação sexual ao amamentar foram semelhantes. Dessa

forma, foi comum nos discursos das participantes os relatos de: nervoso, raiva, revolta, irritação, perturbação, incômodo, angústia, aflição, culpa e agonia. A impossibilidade do controle desses sentimentos e da vivência da excitação sexual ao amamentar influenciou na resignificação da experiência e direcionou a tomada de decisão pelo desmame gradual;

- i) Percebe-se que a vivência dos sentimentos negativos é contraditória à idealização construída sobre essa fase da maternidade e amamentação. Além disso, a vivência dessas sensações, de forma reprimida e silenciosa, pode gerar impactos psicoemocionais nas mulheres que os direcionarão para a forma de pensar e agir frente a tal situação;
- j) A linha de ação construída a partir da vivência da excitação sexual ao amamentar foi descrita de formas extremas e opostas pelas participantes, conforme seus diferentes significados. No processo de descoberta da sexualidade e de novos sentidos ao ser mulher a partir da vivência de excitação sexual ao amamentar, algumas mulheres deixaram fluir, rolar, acontecer e passar. A partir da elaboração do que estava sendo vivido por outras mulheres, as estratégias de resgatar o corpo para si foram estabelecidas por meio da vontade de retirar o bebê do peito, da necessidade de estabelecer limites com o corpo, da proibição do toque no outro mamilo durante amamentação, da privação temporária da amamentação com o ato de deixar o filho de lado e da utilização de estratégias de bloqueio das sensações físicas de excitação sexual;
- k) Todas essas estratégias de ação-interação construídas com o intuito de afastar e bloquear as sensações de excitação sexual ao amamentar não foram efetivas, pois os aspectos sexuais, emocionais e socioculturais que constituem a sexualidade feminina são inerentes ao ser mulher e não podem ser rejeitadas, apesar de serem ocultadas em determinados períodos por quem os vivencia e pela sociedade de forma geral;
- l) A socialização da amamentação também esteve associada com as barreiras identificadas na comunicação sobre a excitação sexual ao amamentar. O medo de julgamento e a vergonha esteve presente tanto para as mulheres que não compartilharam com ninguém a experiência, quanto para aquelas que compartilharam, mesmo que de forma sutil e rápida, com seus companheiros, amigas mais íntimas ou grupos de apoio à amamentação;

m)O não desejo de uma nova experiência com as sensações de excitação sexual ao amamentar foi evidenciado como mais prevalente do que a dúvida de como agiriam caso vivenciassem novamente, deixando claro uma possível fragilidade na manutenção da amamentação e um motivo para o desmame precoce. Diante disso, percebe-se a importância da troca de experiências sobre a vivência da excitação sexual ao amamentar, como estratégia de promoção e apoio ao aleitamento materno.

Diante do exposto e refletindo sobre o modelo teórico desenvolvido “AGREGANDO NOVOS SENTIDOS AO SER MULHER A PARTIR DA VIVÊNCIA DA EXCITAÇÃO SEXUAL AO AMAMNETAR”, percebe-se que esses novos sentidos envolveram a experiência de autoconhecimento da sexualidade na amamentação, de descobertas de novas sensações de prazer sexual com o seu próprio corpo, do processo de elaborar, significar e ressignificar a vivência da excitação sexual ao amamentar, de estabelecer limites com o próprio corpo e amamentação, de sentir a necessidade de ser mulher em um contexto até então exclusivo ao papel de ser mãe, santa e sem sexualidade.

Além disso, os resultados deste estudo oportunizaram reconhecer o quanto as mulheres, durante a fase da maternidade e da amamentação, tornam-se induzidas a vivenciar os comportamentos sociais instituídos pela socialização da amamentação, normalizando a apropriação do corpo feminino e condenando qualquer possibilidade de sentir prazer consigo mesmas. Dessa forma, discutir a temática da sexualidade feminina durante a amamentação torna-se urgente, dando a oportunidade de as mulheres conhecerem o corpo e a sexualidade neste período, para que suas decisões não sejam pautadas nos dogmas sociais, nem na culpabilização e no medo de julgamentos.

De fato, a pesquisadora reconhece, ao defender esta tese, os desafios que ainda precisam ser enfrentados no âmbito que envolve a sexualidade feminina durante a amamentação. Conclui-se que a vivência plena da sexualidade e a quebra de paradigmas que envolvem o universo feminino na amamentação representa uma ameaça aos olhos da sociedade, devido a independência do ser mulher nos seus diferentes cenários e contextos. Muitas culturas e padrões sociais, ainda hoje, inviabilizam a mulher se conhecer e explorar os possíveis gatilhos de prazer sexual com o seu próprio corpo.

Para mudar essa realidade, os resultados deste estudo servem de reflexão e início de mudanças de paradigma no que tange à vivência da sexualidade feminina ao amamentar, viabilizando a expansão da temática a fim de agregar novos sentidos ao ser mulher na sua

integralidade e subjetividade, além de diminuir a invisibilidade de discussões sobre a excitação sexual ao amamentar, tanto na formação profissional quanto nas práticas assistências. Diante disso, recomenda-se a inserção dessa temática no âmbito do ensino, pesquisa e extensão.

Desse modo, para o ensino sugere-se a necessidade de debates no processo de formulação pedagógicas dos currículos de formação profissional de saúde e enfermagem, para que a sexualidade possa ser discutida de forma transversal e na perspectiva construtivista em todas as fases da vida, inclusive durante a maternidade e amamentação. Nesse aspecto, destaca-se que, como docente, a abordagem sobre a possibilidade da vivência da excitação sexual ao amamentar continuará sendo abordada tanto na formação dos discentes, na subárea da Saúde da Mulher, quanto nas práticas assistências de cuidado de enfermagem.

Já no campo da pesquisa, os estudos que envolvem a sexualidade feminina durante a amamentação não se esgotam com esta pesquisa. Novas inquietações em relação ao desmame precoce e a amamentação prolongada precisam ser aprofundadas, além do direcionamento de estudos que investiguem outros aspectos que envolvem a sexualidade como, por exemplo, a orientação sexual das mulheres em relação ao autoconhecimento da sua sexualidade e a possibilidade da vivência da excitação sexual ao amamentar. Nessa perspectiva, ressalta-se que a autora dará continuidade no desenvolvimento de estudos, no grupo de pesquisa “desmedicalização no contexto de saúde e da enfermagem” da Faculdade de Enfermagem, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e no Laboratório Interdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão em sexualidades – Afrodite, da Universidade Federal de Santa Catarina, da qual integra, tendo em vista a produção de material científico que auxilie a disseminação de conhecimento técnico-científico.

No âmbito da extensão universitária recomenda-se o desenvolvimento de atividades educativas envolvendo a interação entre acadêmicos de enfermagem, profissionais de saúde, enfermeiras obstétricas e mulheres no período gravídico puerperal, com o intuito de estreitar laços com a sociedade, proporcionando a troca de saberes. Desse modo, incentivam-se enfermeiras e demais profissionais de saúde a criar espaços de diálogo e trocas de experiências sobre a sexualidade e amamentação com o objetivo de promover a saúde sexual, envolvendo o autoconhecimento sobre o seu próprio corpo, além de garantir os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, no que diz respeito a viver a sexualidade livre de tabus e preconceitos. Ressalta-se que a autora desta pesquisa já realiza essas atividades por meio do projeto de extensão intitulado “cuidando da saúde da mulher na

perspectiva da promoção da sexualidade feminina no período gravídico-puerperal” registrado no Departamento de Extensão, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Por fim, pensando que os novos sentidos agregados ao ser mulher a partir da vivência da excitação sexual ao amamentar podem ser ressignificados ao longo das experiências, almeja-se que os resultados deste estudo deem às mulheres a oportunidade de conhecer as dimensões da sexualidade, libertando-se dos ditames que englobam a socialização da amamentação, para que possam vivenciar as experiências livre de culpa, ressentimentos ou repulsas e que isso não seja motivo de decisão para a interrupção da amamentação.

REFERÊNCIAS

- ABUCHAIM, E. S. V. **Vivenciando a amamentação e a sexualidade na maternidade: “dividindo-se entre ser mãe e mulher”**. 2005. 191 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/83/83131/tde-01122005-132140/pt-br.php>. Acesso em: 20 maio 2017.
- ABUCHAIM, E. S. V.; SILVA, I.A. Vivenciando la lactancia y la sexualidad en la maternidad: dividiéndose entre ser madre y mujer. **Ciência, Cuidado e Saúde**, Maringá, v.5, n.2, p220-228, maio/ago. 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Isilia_Silva/publication/277071656_Vivenciando_a_a_mamentacao_e_a_sexualidade_na_maternidade_dividindo-se_entre_ser_mae_e_mulher/links/56d5a77a08ae78702deb67cb.pdf . Acesso em: 23 maio 2017
- AHN, Y; SOHN, M; YOO, E. Breast Functions Perceived by Korean Mothers: Infant Nutrition and Female Sexuality. **Western Journal of Nursing Research**, v.32, n.3, p.363–378, 2010. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0193945909349252>. Acesso em: 18 abr. 2018.
- AKSAN, N. *et al.* Symbolic interaction theory. **Procedia Social and Behavioral Sciences**, p.902–904, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/275537393_Symbolic_interaction_theory. Acesso em: 18 jan. 2018.
- ALDER, E. M. *et al.* Hormones, mood and sexuality in lactating women. **Br J Psychiatry**, [S.l.], v.148, p.74-79, jan. 1989. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/the-british-journal-of-psychiatry/article/hormones-mood-and-sexuality-in-lactating-women/DCEC83A862D6E4DA60C0D0519B08ECF7>. Acesso em: 15 jun. 2019.
- ANDRADE, M. A. R. A sexualidade no campo das ciências sociais: o panorama histórico e a questão do essencialismo e o construtivismo social. In: Seminário de Sociologia da Saúde e Ecologia Humana. **Anais do 1º Seminário de Sociologia da Saúde e Ecologia Humana**. Florianópolis: UFSC, 2010. p.1-11. Disponível em: <https://seminarioformprof.ufsc.br/files/2010/12/ANDRADE-M%C3%A1rcia-Andr%C3%A9a-Rodrigues2.pdf>. Acesso em: 19 maio 2019.
- AMORIM, S. T. S. P. de. Aleitamento materno ou artificial: práticas ao sabor do contexto. Brasil (1960-1988). **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v.16, n.2, p.581-598, ago. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000200014&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 nov. 2019.

ARANTES, C. L. S. Amamentação: visão das mulheres que amamentam. **J. Pediatr.**, [S.l.], v.71, n.4, p.195-202, 1995. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/766d/5a2e96276a3502f1c06586115d8f4e51f135.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2019.

ARAÚJO, N. M. **É a vida de sempre:** corpo e sexualidade no processo de nascimento. 2009. 183 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/83/83131/tde-22062009-150305/pt-br.php>. Acesso em: 10 mar. 2020.

AVERY, M. D.; DUCKETT, L.; FRANTZICH, C. R. The experience of sexuality during breastfeeding among primiparous women. **Journal of Midwifery & Women's Health**, [S.l.], v.45, n.3, p.227-337, maio/jun. 2000. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S1526-9523\(00\)00020-9](https://doi.org/10.1016/S1526-9523(00)00020-9). Acesso em: 18 abr. 2018.

BADINTER, E. **Um amor conquistado:** o mito do amor materno. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 268 p. Disponível em: [redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20\(pdf\)%20\(rev\).pdf](redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20(pdf)%20(rev).pdf). Acesso em: 27 set. 2018.

BAGGIO, M. A.; ERDMANN, A. L. Teoria fundamentada nos dados ou *Grounded Theory* e o uso na investigação em Enfermagem no Brasil. **Revista de Enfermagem Referência**, v.3, n.3, p177-185, mar. 2011. Disponível em: <http://www.index-f.com/referencia/2011pdf/33-177.pdf>. Acesso em: 25 jun. de 2018.

BLUMER, H. **Symbolic interactionism:** perspective and method. Berkeley: University of California, 1969. 208 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde da criança:** aleitamento materno e alimentação complementar. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2015a. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_aleitamento_materno_cab23.pdf. Acesso em: 19 jul. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Estratégia Nacional para **Promoção do Aleitamento Materno e Alimentação Complementar Saudável no Sistema Único de Saúde:** manual de implementação. Brasília: Ministério da Saúde, 2015b. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estrategia_nacional_promocao_aleitamento_materno.pdf. Acesso em: 22 jul. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde sexual e saúde reprodutiva, versão preliminar.** Brasília: Ministério da Saúde, 2013. 302 p. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexual_saude_reprodutiva.pdf. Acesso em: 25 maio 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Bases para a discussão da Política Nacional de Promoção, Proteção e Apoio ao Aleitamento Materno**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. 70 p. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/bases_discussao_politica_aleitamento_materno.pdf. Acesso em: 30 jul. 2019.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2012. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 7 maio 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 24 maio 2016. Seção 1. p. 44-46. Disponível em: <https://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 7 maio 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Direitos Sexuais, Direitos Reprodutivos e métodos anticoncepcionais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 56 p. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/direitos_sexuais_reprodutivos_metodos_anticoncepcionais.pdf. Acesso em: 23 ago. 2018.

BYRD, J. E.; HYDE, J. S.; DELAMATER, J. D.; PLANT, E. A. Sexuality during pregnancy and the year postpartum. **J. Fam Pract**, [S.l.], v.47, p.305-8, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00224499609551826>. Acesso em: 26 nov. 2018.

CALLAGHAN, J. E.; LAZARD, L. 'Please don't put the whole dang thing out there!': a discursive analysis of internet discussions around infant feeding. **Psychol Health**, [S.l.], v.27, n.8, p.938-55, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/08870446.2011.634294>. Acesso em: 29 nov. 2018.

CARATHERS, J. The breastfeeding problematic: Negotiating maternal sexuality in heterosexual partnerships. **Women's Studies International Forum**, [S.l.], v.65, p.71-77, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.wsif.2017.10.002>. Acesso em: 2 dez. 2018.

CARVALHO, L. S. *et al.* O interacionismo simbólico como fundamentação para pesquisas de enfermagem pediátrica. **R Enferm UERJ**, v.15, n.1, p.119-124, jan./mar. 2007. Acesso em: 26 jul. 2017.

CARVALHO, M. R. **Lactação, aleitamento e amamentação: sinônimos?!** 2010. Disponível em: <http://www.aleitamento.com/amamentacao/conteudo.asp?cod=45>. Acesso em: 15 abr. 2013.

CARVALHO, V. D.; BORGES, L. O; RÊGO, D. P. Interacionismo simbólico: origens, pressupostos e contribuições nos estudos em Psicologia Social. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília-DF, v.30, n.1, p.146-161, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000100011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 jul. 2017.

CHARON, J. M. **Symbolic Interactionism**. 2. ed. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1985. 199 p.

CHARON, J. M. **Symbolic Interactionism: an introduction, an interpretation, an integration**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 2009. Acesso em: 3 nov. 2017.

CONVERY, K. M.; SPATZ, D. L. Sexuality & breastfeeding: What do you know. **MCN Am J Matern Child Nurs.**, v.34, n.4, p.218-223, 2009. Disponível em: https://journals.lww.com/mcnjournal/Abstract/2009/07000/Sexuality___Breastfeeding___What_Do_You_Know_.6.aspx. Acesso em: 24 mar. 2018.

CUNHA, J. J. *et al.* A oportunidade de trabalhar com a teoria fundamentada nos dados na graduação em enfermagem. **Cienc. Cuid Saude**, [S.l.], v.11, n.3, p.593-599, 2012. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/14183/pdf>. Acesso em: 9 dez. 2017.

DANTAS, C. C. *et al.* Teoria Fundamentada nos Dados - aspectos conceituais e operacionais: metodologia possível de ser aplicada na pesquisa em enfermagem. **Rev Latino-am Enferm**, [S.l.], v.17, n.4, jul./ago. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692009000400021>. Acesso em: 20 jul. 2017.

DE PIERREPONT, C. *et al.* Que savons-nous sur la sexualité périnatale ? Un examen de la portée sur la sexopérinatalité - Partie 2. **J Gynecol Obstet Biol Reprod**, Paris, v.45, n.8, p.809-820, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jgyn.2015.11.001>. Acesso em: 13 jun. 2018.

DEL CASINO JR, V. J.; THIEN, D. **Symbolic Interactionism**. California State University, Long Beach, Long Beach, CA, USA, 2009. Acesso em: 17 ago. 2017.

DIEHL, A.; VIEIRA, D. L. **Sexualidade: do prazer ao sofrer**. 2. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2017.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA. **Manual de Orientação: Aleitamento Materno**. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/316820899/Manual-aleitamento-materno-da-febrasgo-2015-pdf> . Acesso em: 28 nov. 2018.

FLORENCIO, A. *et al.* Sexualidade e amamentação: concepções e abordagens de profissionais de enfermagem na atenção primária em saúde. **Rev Esc Enferm USP**, [S.l.], v.46, n.6, p.1320-1326, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342012000600006>. Acesso em: 24 abr. 2018.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal; 2005.

GAGNON, J. Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade, Editora: Garamond, 2006.

GIORDANI, R. C. F. *et al.* Maternidade e amamentação: identidade, corpo e gênero. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.l.], v.23, n.8, p.2731-2739, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018238.14612016>. Acesso em: 18 jan. 2020.

GLASER, B. G. **Theoretical sensitivity: advances in the methodology of grounded theory**. California: Sociology Press, 1978. 164 p.

GLASER, B. G.; HOLTON, J. Remodeling grounded theory. **Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research**, [S.l.], v. 5, n. 2, 2004. Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/607/1316>. Acesso em: 14 nov. 2018.

GOMES, M. C. A. Violência, intolerância e corpo feminino: analisando as reações discursivas na mídia em torno da prática de amamentação. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v.18, n.2, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/les.v18i2>. Acesso em: 15 jan. 2020.

GOMES, M. E. A. **A sexualidade das mulheres atendidas no PSF: uma produção sociopoética**. 2007. 144 f. Dissertação (Mestrado de Cuidados Clínicos em Saúde) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: http://www.uece.br/cmaccis/dmdocuments/maria_elidiana_araujo_gomes.pdf. Acesso em: 12 abr. 2019.

GURGEL, A. H.; DE OLIVEIRA, J. M.; SHERLOCK, M. S. M. Being a mother: understanding the meanings and attitudes of care with the newborn during breastfeeding. **Rev. Rene**, v.10, n.1, p.131-138, 2009. Disponível em: http://www.revistarene.ufc.br/vol10n1_pdf/a15v10n1.pdf. Acesso em: 14 jan. 2020.

HAGUETTE, J. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

HEILBORN, M. L. **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond/FIOCRUZ, 2006.

HEALTH, EMPOWERMENT, RIGHTS & ACCOUNTABILITY. **Direitos sexuais e reprodutivos e saúde das mulheres: ideias para ação**, 1999. Disponível em: www.iwhc.org/hera. Acesso em: 10 jun 2020.

HIPP, L. E.; LOW, L. K.; VAN ANDERS, S. M. Exploring Women's Postpartum Sexuality: Social, Psychological, Relational, and Birth-Related Contextual Factors. **J Sex Med**, [S.l.], 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1743-6109.2012.02804.x>. Acesso em: 29 nov. 2018.

ILLICH, I. **A expropriação da saúde: nêmesis da Medicina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

JÚNIOR, W. M.; ROMUALDO, G. S. Anatomia e fisiologia da lactação e do sistema estomatognático. In: CARVALHO, M.R.; TAVARES, L.A.M. **Amamentação bases científicas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010, p. 182-198.

LIMA, A. P. C.; NASCIMENTO, D. S.; MARTINS, M. M. F. The practice of breastfeeding and the factors that take to early weaning: an integrating review. **J. Health Biol Sci.**, [S.l.], v.6, n.2, p.189-196, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12662/2317-3076jhbs.v6i2.1633.p189-196.2018>. Acesso em: 15 set. 2019.

LIMA, S. P. *et al.* Unveiling the lived experience meaning of being a woman breastfeeding with puerperal complications. **Texto contexto-enferm.**, [S.l.], v.27, n.1, p. e0880016, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-07072018000880016>. Acesso em: 31 ago. 2020

MARTINS, E. L.; VARGENS, O. M. C. Percepção de mulheres a respeito da sexualidade durante a amamentação: uma revisão integrativa. **Rev. Enferm UERJ**, v.22, n.2, p. 271-277, mar./abr. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/13670>. Acesso em: 6 maio 2017.

MARTINS, E. L. **Vivenciando a amamentação e sensações de prazer sexual e/ou excitação sexual ao amamentar: significados de mulheres**. 99 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2352176. Acesso em: 8 maio 2017.

MARTINS, P. C. R.; JESUS, S. S. P. O seio como fonte de prazer e alimento: o imaginário coletivo da relação mãe-bebê no período da amamentação. **Revista de Ciências Sociais do Norte de Mato Grosso – Nativa**, [S.l.], v.5, n.1, 2016. Disponível em: <https://revistanativa.com.br/index.php/nativa/article/view/89>. Acesso em: 25 set. 2019.

MARQUES, D. M.; LEMOS, A. Sexuality and breastfeeding: woman/mother's dilemmas. **Rev enferm UFPE on line**, [S.l.], v.4, n.1, p.622-630, abr./jun. 2010. Disponível em: DOI: 10.5205/reuol.806-7183-1-LE.0402201022. Acesso em: 23 maio 2017.

MARQUES, S. M.; PEREIRA, A. L. Amamentar: sempre benefícios, nem sempre prazer. **Cienc Cuid Saude**, [S.l.], v.9, n.2, p.214-291, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/cienc cuidsaude.v9i2.8963>. Acesso em: 25 maio 2017.

MARQUES, E. S.; COTTA, R. M. M.; ARAÚJO, R. M. A. Representações sociais de mulheres que amamentam sobre a amamentação e o uso de chupeta sobre a amamentação e o uso de chupeta. **Rev Bras Enferm**, Brasília, v.62, n.4, p.562-569, jul./ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n4/12.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2019.

MARQUES, F. Z. C.; CHEDID, S. B.; EIZERIK, G. C. Resposta sexual humana. **Rev. Ciênc. Méd.**, Campinas, v.17, n.3-6, p.175-183, maio/dez. 2008. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/cienciasmedicas/article/view/755/735>. Acesso em: 28 out. 2019.

MASTERS, W. H.; JOHNSON, V.E. **A resposta sexual humana**. São Paulo: Editora Roca, 1984. 296 p.

MAZZO, M. H. S. N; SANTOS, F. A. P. S.; BRITO, R. S. Feelings experienced by recent mothers during the postpartum. **J Nurs UFPE on line**, [S.l.], v.9, n.2, p. 858-863, fev. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v9i2a10410p858-863-2015>. Acesso em: 20 jun. 2018.

MONTEIRO, J. C. S.; GOMES, F. A.; NAKANO, M. S. Amamentação e o seio feminino: uma análise sobre a ótica da sexualidade e dos direitos reprodutivos. **Texto Contexto Enferm**, v.15, n.1, p.146-50, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Flavia_Gomes-Sponholz/publication/250052294_Amamentacao_e_o_seio_feminino_uma_analise_sob_a_otica_da_sexualidade_e_dos_direitos_reprodutivos/links/545769a80cf2cf5164808a20/Amamentacao-e-o-seio-feminino-uma-analise-sob-a-otica-da-sexualidade-e-dos-direitos-reprodutivos.pdf. Acesso em: 26 jul. 2018.

MONTESCHIO, C. A. C.; GAÍVA, M. A. M.; MOREIRA, M. D. S. O enfermeiro frente ao desmame precoce na consulta de enfermagem à criança. **Rev. Bras. Enferm.**, [S.l.], v.68, n.5, p.869-875, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167.2015680515i>. Acesso em: 26 maio 2019.

MOREIRA, M. A.; NASCIMENTO, E. R.; PAIVA, M. S. Representación social de mujeres en tres generaciones sobre las prácticas de la lactancia materna. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v.22, n.2, p.432-441, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072013000200020>. Acesso em: 2 mar. 2019.

MOREIRA, K. F. A. **Aleitamento materno à luz dos direitos reprodutivos da mulher: afinal do que se trata?** 2003. Tese (Doutorado em enfermagem) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2003. Acesso em: 26 out. 2018.

MORRIS, C. et al. UK Views toward Breastfeeding in Public: An Analysis of the Public's Response to the Claridge's Incident. **Journal of Human Lactation**, v.32, n.3, p.472-489, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/089033441664893>. Acesso em: 15 jun. 2019.

MCKENZIE, A. S.; RASMUSSEN, K. M.; GARNER, C. D. Experiences and Perspectives About Breastfeeding in “Public”: A Qualitative Exploration Among Normal-Weight and Obese Mothers. **Journal of Human Lactation**, v.34, n.4, p.760-767, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0890334417751881>. Acesso em: 03 abr. 2019.

MULREADY-WARD, C.; HACKETT, M. Perception and Attitudes: Breastfeeding in Public in New York City. **Journal of Human Lactation**, [S.l.], v.30, n.2, p.195-200, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0890334414524988>. Acesso em: 09 jan. 2020.

ODENT, M. **The functions of the orgasms: the highways to transcendence**. London: Print & Martin Ltd, 2009. 149 p.

OLIVEIRA, C. S. de et al. Breastfeeding and complications that contribute to early weaning. **Rev Gaúcha Enferm.**, [S.l.], v.36, n. esp., p.16-23, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2015.esp.56766>. Acesso em: 8 ago. 2018.

OLIVEIRA, G. F.; SILVA, L. S.; ESPÍNDOLA, M. M. M. et al. Women's speeches about sexuality in breastfeeding. **Rev enferm UFPE on line.**, Recife, v.9, n.6, p.8270-8276, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v9i6a10587p8270-8276-2015>. Acesso em: 23 set. 2019.

ORISAREMI, T. C. The influence of breastfeeding beliefs on the sexual behavior of the Tarok in north-central Nigeria. **Sexual & Reproductive Healthcare**, [S.l.], v.4, n.4, p.153-160, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.srhc.2013.10.005>. Acesso em: 18 out. 2018.

OLTRAMARI, L. C. A construção social do desejo para as Ciências Sociais. **Estudos Feministas**, [S.l.], v.15, n.2, p.501-504, 2007 Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38115221> Acesso em: 12 jun. 2020.

PAMPLONA, V.; MELO-DE-AGUIAR, A. Aspectos psicossociais na lactação. In: CARVALHO, M.R.; TAVARES, L.A.M. **Amamentação bases científicas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010, p. 182-198.

PARAT, H. The erotic maternal and its crossroads. **J. psicanal**, [S.l.], v.44, n.81, p.127-144, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352011000200011. Acesso em: 09 jun. 2018.

PASTORELLI, P. P. L. *et al.* Meaning and cultural experiences of breastfeeding among women from two countries. **Rev enferm UERJ** [Internet], v.27, p. e40605, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2019.40605>. Acesso em: 24 jul. 2020.

PERLMAN, L. Breastfeeding and female sexuality. **Psychoanalytic Review.**, v.106, n.2, p. 131-148, 2019. Disponível em: [doi:10.1521/prev.2019.106.2.131](https://doi.org/10.1521/prev.2019.106.2.131). Acesso 20 jul. 2020.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel. (Org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora Unesp, 2003. p. 13-27.

RIORDAN, J. M.; RAPP, E. T. Pleasure and Purpose: the sensuousness of breastfeeding. **Journal of Obstetric, Gynecologic & Neonatal Nursing**, [S.l.], v.9, p.109-112, 1980. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1552-6909.1980.tb01317.x>. Acesso em: 24 ago. 2018.

RESSEL, L.; GUALDA, D. A sexualidade como uma construção cultural: reflexões sobre preconceitos e mitos inerentes a um grupo de mulheres rurais. **Rev Esc Enferm USP**, [S.l.], v.37, n.3, p.82-87, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342003000300010>. Acesso em: 29 jul. 2018.

SANDRE-PEREIRA G. Amamentação e Sexualidade. **Estudos Feministas**, [S.l.], v.11, p.467-491, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2003000200007>. Acesso em: 24 abr. 2017.

SANDRE-PEREIRA G. Os bastidores de uma escolha: o aleitamento materno no Brasil e na França. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, 7. Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, Brasil: UFRGS, 2007.

SANTOS, J. L. G. *et al.* Data analysis: comparison between the different methodological perspectives of the Grounded Theory. **Rev Esc Enferm USP**, [S.l.], v.52, n.e03303, p.01-07, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342018000100600&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 jul. 2017.

SENA, T. Os relatórios Masters & Johnson: gênero e as práticas psicoterapêuticas sexuais a partir da década de 70. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v.18, n.1, p.221-240, abr. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2010000100014&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 5 jan. 2020.

SILVA, C. M. **Expondo-se conscientemente: vivendo e caracterizando relacionamento em tempos de aids.** 2012. 95 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Acesso em: 25 maio 2017.

SILVA, M. M. *et al.* A Teoria Fundamentada nos Dados nos estudos de Pós-Graduação Stricto Sensu da Enfermagem brasileira. **Rev. Eletr. Enf.**, [S.l.], v.13, n.4, p. 671-679, out./dez. 2011. Disponível em: <http://ww.fen.ufg.br/revista/v13/n4/pdf/v13n4a11.pdf> . Acesso em: 05 set. 2017.

SILVA, M. M. *et al.* Aspectos históricos e características metodológicas da Teoria Fundamenta nos Dados. In: LACERDA, M.R.; SANTOS, J.L.G. **Teoria Fundamentada nos Dados: bases teóricas e metodológicas.** Porto Alegre: Moriá, 2019.

SPURLES, P. K.; BABINEAU, J. A Qualitative Study of Attitudes Toward Public Breastfeeding Among Young Canadian Men and Women. **J Hum Lact**, [S.l.], v.27, n.2, p.131-137, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/08903344103900442011>. Acesso em: 08 jan. 2020.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa Qualitativa: técnica e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SYDOW, V. K. Sexuality during pregnancy and after childbirth: a metacontent analysis of 59 studies. **Journal of Psychosomatic Research**, [S.l.], v.47, n.1, p.27-49, 1999. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0022-3999\(98\)00106-8](https://doi.org/10.1016/S0022-3999(98)00106-8). Acesso em: 14 nov. 2019.

TAROZZI, M. **O que é a Grounded Theory**: metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 192 p.

TEXEIRA, M. A.; RIBEIRO, L. V. B. As duas faces de uma mesma moeda: significados da amamentação para mães-nutrizes e suas amigas e/ou vizinhas. **Rev. Saúde Públ. Santa Cat.**, Florianópolis, v.7, n.1, p.48-63, 2014. Disponível em: <http://revista.saude.sc.gov.br/index.php/inicio/article/view/233/245>. Acesso em: 06 jan. 2020.

TORRES, M. K. L. *et al.* Análise da utilização da *Grounded Theory* (Teoria Fundamentada nos dados) na produção científica brasileira entre 2008-2012. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, [S.l.], v.11, n.24, p.485-510, jun. 2014. Disponível em: <http://ojs.rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/509/pdf>. Acesso em: 28 set. 2018.

UTZUMI, F. C. *et al.* Continuidade do cuidado e o interacionismo simbólico: um entendimento possível. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v.27, n.2, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v27n2/0104-0707-tce-27-02-e4250016.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2020.

VARGENS, O. M. C. **Tentando descobrir um modo de fazer enfermagem sem ser enfermeiro**: os conflitos do estudante na construção da imagem da profissão. Ribeirão Preto, 1997. 176 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 1997.

VILLAÇA, N.; GÓES, F. **Em nome do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. 224 p.

WATKINSON, M.; MURRAY, C.; SIMPSON, J. Maternal Experiences of Embodied Emotional Sensations during Breastfeeding: An Interpretative Phenomenological Analysis. **Midwifery**, [S.l.], v.36, p.53-60, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.midw.2016.02.019>. Acesso em: 14 dez. 2019.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

WILHELM, L. A. *et al.* The experience of breastfeeding in women's perspective: contributions to nursing. **Rev Enferm UFSM**, [S.l.], v. 5, n. 1, p.160-168, jan./mar. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/2179769215409>. Acesso em: 24 jan. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Defining sexual health. World Health Organization. [S.l.], 2006. Disponível em: <http://www.who.int/reproductivehealth/gender.glossary.html>. Acesso em: 6 ago. 2018.

APÊNDICE A — Roteiro da entrevista semiestruturada

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO BIOMÉDICO
FACULDADE DE ENFERMAGEM

Dados de identificação da participante:

Nome (Iniciais): _____	Idade: _____	Escolaridade: _____	Renda mensal familiar: _____
Profissão/ocupação: _____	Raça/cor: _____	Religião: _____	Estado civil: _____
Quantos filhos: _____	Excitação sexual com todos os filhos? () sim () não		
Sexo do filho: _____	Se não, com qual filho?		
Período de amamentação: _____			

Questões norteadoras para entrevista:

- Conte-me como foi sua vivência da excitação sexual durante a amamentação?

Temas/aspectos a serem incluídos ou aprofundados na entrevista caso não sejam abordados espontaneamente pela entrevistada:

- O contexto ou o cenário da vivência da excitação sexual durante a amamentação;
- Os primeiros pensamentos sobre o que estava acontecendo;
- A maneira como agiu ao perceber que estava vivenciando uma excitação sexual durante a amamentação;
- Sentimentos vivenciados durante a vivência da excitação sexual ao amamentar;
- Pensamentos sobre a vivência da excitação sexual durante a amamentação;
- Significados da vivência da excitação sexual durante a amamentação, como mulher e mãe simultaneamente;
- Estratégias utilizadas para ressignificar a experiência da excitação sexual ao amamentar;
- Compartilhamento da vivência da excitação sexual durante a amamentação com alguém;

APÊNDICE B — Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO CENTRO BIOMÉDICO FACULDADE DE ENFERMAGEM



Você está sendo convidada a participar, como voluntária, da pesquisa intitulada “**Os significados atribuídos por mulheres à excitação sexual experimentada ao amamentar**”, conduzida pela Enf Ms Elaine Lutz Martins (Doutoranda) e pelo Prof. Dr. Octavio Muniz da Costa Vargens (Orientador). Este estudo tem por objetivos: descrever os significados atribuídos por mulheres a excitação sexual, experimentada ao amamentar; discutir as estratégias utilizadas pelas mulheres a fim de lidar com a excitação sexual experimentada ao amamentar; analisar e interpretar, na perspectiva do Interacionismo Simbólico, a experiência de vivenciar a excitação sexual ao amamentar, a partir dos significados atribuídos pelas mulheres.

Você foi selecionada por ter vivenciado a excitação sexual ao amamentar e ter se disponibilizado em compartilhar sua experiência ou por ter sido indicada por outras mulheres que já vivenciaram ou ouviram falar da possibilidade da vivência da excitação sexual ao amamentar. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Os riscos decorrentes de sua participação são de ordem psicoemocional, de nível mínimo, sendo este ocasionado pela possibilidade de constrangimento, desconforto ou vergonha em responder as questões. As entrevistas serão realizadas em um lugar privado onde ninguém poderá ouvir suas respostas. Além disso, sua participação no estudo é completamente voluntária e você poderá desistir a qualquer momento e por qualquer razão. Você poderá fazer todas as perguntas que julgar necessárias antes de concordar em participar do estudo, ou a qualquer momento e, se necessário, recusar-se a responder qualquer uma das perguntas quando se sentir incomodada. Além disso, sua participação não será remunerada nem implicará gastos para as participantes.

Sua participação nesta pesquisa consistirá do seu depoimento que será coletado por meio de entrevista gravada em aparelho de *media player* 4 (MP4). A entrevista será composta por uma questão aberta e oito temas/aspectos a serem incluídos ou aprofundados no decorrer da mesma, que visam responder aos objetivos deste estudo. As questões são sobre sua vivência durante amamentação, incluindo suas percepções e significados atribuídos à vivência da excitação sexual durante esse período. O local de entrevista será de escolha da participante, podendo ser em ambientes públicos ou no domicílio, observando aspectos de privacidade e acuidade sonora do ambiente.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. Dessa forma, serão observados todos os aspectos que envolvem pesquisa com seres humanos, conforme as Resoluções 466/2012 e 510/2016. Suas respostas às questões serão gravadas e identificadas por código para manter o anonimato. Todos os dados coletados serão guardados em lugar seguro durante todo o andamento do estudo, e somente os pesquisadores do estudo terão acesso a eles. Além disso, durante divulgação dos resultados deste estudo, não serão mencionados nomes ou iniciais, somente códigos para melhor apresentação dos dados.

Rubrica da participante

Rubrica da pesquisadora

Acredita-se que este trabalho contribuirá com dados e informações importantes para que se possa aprimorar cada vez mais o atendimento e apoio que é prestado às mulheres que amamentam e desmitificar os tabus referente à vivência da sexualidade feminina durante amamentação, além de auxiliar na reformulação das políticas públicas de amamentação, no que tange ao apoio e promoção da mesma.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável/coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Contatos do pesquisador responsável: ELAINE LUTZ MARTINS, Professora Assistente da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da UERJ. Endereço: Faculdade de Enfermagem da UERJ, Av. 28 de setembro Nº 157, 7º andar – Vila Isabel. Tel./Fax: (21) 2868-8236. E-mail: elainelutzmartins@yahoo.com.br OU OCTAVIO MUNIZ DA COSTA VARGENS, Professor Titular da Faculdade de Enfermagem da UERJ, Orientador da pesquisa. Endereço: Faculdade de Enfermagem da UERJ, Av. 28 de setembro Nº 157, 7º andar – Vila Isabel. Tel./Fax: (21) 2868-8236. E-mail: orientavargens@bol.com.br.

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180.

Diante do exposto, a pesquisa foi devidamente explicada e qualquer dúvida sobre o andamento do estudo esclarecido. Além disso, estou ciente dos meus direitos como participante desta pesquisa e concordo em participar.

(Você receberá uma cópia deste termo de consentimento esclarecido)

Data
//___

Assinatura da Participante

Data
//___

Assinatura da Pesquisadora responsável

Rubrica da participante

Rubrica da pesquisadora

AGRADECEMOS A SUA DISPONIBILIDADE, TEMPO E APOIO!

ANEXO A — Carta de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa

UERJ - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO;



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Os significados atribuídos por mulheres à excitação sexual experimentadas ao amamentar

Pesquisador: ELAINE LUTZ MARTINS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 20167419.5.0000.5282

Instituição Proponente: Faculdade de Enfermagem da UERJ

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.573.986

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa e descritiva, cujo objetivo é descrever os significados atribuídos por mulheres a excitação sexual, experimentadas durante a amamentação.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo principal da pesquisa será discutir as estratégias utilizadas pelas mulheres a fim de lidar com a excitação sexual experimentadas ao amamentar; analisar e interpretar, na perspectiva do Interacionismo Simbólico, a experiência de vivenciar excitação sexual ao amamentar, a partir dos significados atribuídos pelas mulheres. O cenário de pesquisa para recrutamento das participantes será ambientes públicos e virtuais, que proporcionarão a divulgação da temática investigada por meio de palestras, debates, aulas, publicação de matérias online e evidências científicas, sobre a possibilidade da vivência da excitação sexual ao amamentar. As participantes irão responder entrevista semiestruturada em local e horário por elas determinado. As participantes serão captadas por também por indicações usando o método bola de neve.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisa apresenta risco mínimo que seria de constrangimento ao responder algumas perguntas da entrevista, sendo assegurado a elas a possibilidade de desistência da entrevista ou recusa em responder qualquer pergunta. Não há benefício direto para as participantes, e como benefício indireto a pesquisadora destaca que a pesquisa contribuirá com dados e informações importantes

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ºand. SI 3018
Bairro: Maracanã CEP: 20.559-900
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2334-2180 Fax: (21)2334-2180 E-mail: etica@uerj.br

Continuação do Parecer: 3.573.986

para que possamos aprimorar cada vez mais o atendimento e apoio que prestamos às mulheres que amamentam e desmitificar os tabus referente a vivência da sexualidade feminina durante amamentação, além de auxiliar na reformulação das políticas públicas de amamentação, no que tange ao apoio e promoção da mesma.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa pertinente e bem fundamentada, considerado os tabus que ainda cercam a amamentação e a vivência da sexualidade feminina.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de rosto assinada e carimbada, cronograma e orçamento apresentados, TCLE adequado em linguagem simples e direta, com espaço para rubrica em todas as paginas, roteiro de entrevista apresentado.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Ante o exposto, a COEP deliberou pela aprovação do projeto, visto que não há implicações éticas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Faz-se necessário apresentar Relatório Anual - previsto para setembro de 2020. A COEP deverá ser informada de fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo, devendo o pesquisador apresentar justificativa, caso o projeto venha a ser interrompido e/ou os resultados não sejam publicados.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1421536.pdf	02/09/2019 23:00:08		Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	02/09/2019 22:58:54	ELAINE LUTZ MARTINS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	02/09/2019 22:57:36	ELAINE LUTZ MARTINS	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	02/09/2019 22:54:23	ELAINE LUTZ MARTINS	Aceito
Projeto Detalhado	PROJETO_COMPLETO_CEP2019.pdf	02/09/2019	ELAINE LUTZ	Aceito

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ºand. Sl 3018
 Bairro: Maracanã CEP: 20.559-900
 UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
 Telefone: (21)2334-2180 Fax: (21)2334-2180 E-mail: etica@uerj.br

UERJ - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO;



Continuação do Parecer: 3.573.986

/ Brochura Investigador	PROJETO_COMPLETO_CEP2019.pdf	22:52:14	MARTINS	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	02/09/2019 22:49:24	ELAINE LUTZ MARTINS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 13 de Setembro de 2019

Assinado por:

Patricia Fernandes Campos de Moraes
(Coordenador(a))

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ºand. Sl 3018
Bairro: Maracanã CEP: 20.550-900
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2334-2180 Fax: (21)2334-2180 E-mail: etica@uerj.br

ANEXO B — Folha de rosto da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

 MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS			
1. Projeto de Pesquisa: Os significados atribuídos por mulheres à excitação sexual experimentadas ao amamentar			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 20			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 4. Ciências da Saúde			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome ELAINE LUTZ MARTINS			
6. CPF: 014.669.140-76		7. Endereço (Rua, n.º): Rua Senador Vergueiro Flamengo 207 RIO DE JANEIRO RIO DE JANEIRO 22230000	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 2196511555	10. Outro Telefone:	11. Email: elaineutzmartins@yahoo.com.br
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
Data: <u>28 / 08 / 2019</u>		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ		13. CNPJ:	14. Unidade/Orgão: Faculdade de Enfermagem da UERJ
15. Telefone: (21) 2968-8236		16. Outro Telefone:	
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.			
Responsável: 		CPF: <u>846.68.307-20</u>	
Cargo/Função: <u>Diretora</u>			
Data: <u>28 / 08 / 2019</u>		 Norma Valéria Lemos O. Souza Diretora da Faculdade de Enfermagem da UERJ Matrícula: 110.3554752-6 Assinatura	
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica			